



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina
Departamento de Medicina Social e Preventiva
Programa de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência

Antônio Carlos Gonçalves da Cruz

**Reconhecimento da Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança
na Promoção de Saúde de Mulheres em Situação de Violência e Vulnerabilidade**

Belo Horizonte

2019

Antônio Carlos Gonçalves da Cruz

**Reconhecimento da Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança
na Promoção de Saúde de Mulheres em Situação de Violência e Vulnerabilidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial obtenção do título de mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.

Orientadora: Profa. Dra. Elza Machado de Melo.

Belo Horizonte

2019

Cruz, Antônio Carlos Gonçalves da.
C957r Reconhecimento da memória de própria experiência do princípio de semelhança na promoção de saúde de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade [manuscrito]. / Antônio Carlos Gonçalves da Cruz. - - Belo Horizonte: 2019.

145 f.

Orientador (a): Elza Machado de Melo.

Área de concentração: Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.

Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Autonomia Pessoal. 2. Memória. 3. Promoção da Saúde. 4. Lei dos Semelhante. 5. Autoexperimentação. 6. Dissertação Acadêmica. I. Melo, Elza Machado de. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III. Título.

NLM: WA 308

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora

Profa. Sandra Goulart Almeida

Vice-Reitor

Prof. Alessandro Moreira

Pró-Reitor de Pós-graduação

Prof. Fábio Alves

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Mário Campos

FACULDADE DE MEDICINA

Diretor

Prof. Humberto José Alves

Chefe de Departamento de Medicina Preventiva e Social

Prof. Antônio Thomáz G., da Matta Machado

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Coordenadora:

Profa. Dra. Elza Machado de Melo

Colegiado do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde Prevenção da Violência

Profa. Elza Machado de Melo – Coordenadora

Profa. Cristiane de Freitas Cunha – Subcoordenadora

Profa. Andréa Maria Silveira

Profa. Efigênia Ferreira e Ferreira

Profa. Eliane Dias Gontijo

Profa. Soraya Almeida Belisário

Prof. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

Representante discente: Maria Beatriz Oliveira.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

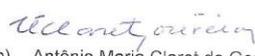
RECONHECIMENTO DA MEMORIA DE PRÓPRIA EXPERIÊNCIA DO PRINCÍPIO DE SEMELHANÇA NA PROMOÇÃO DE SAÚDE DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE.

ANTONIO CARLOS GONÇALVES DA CRUZ

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Aprovada em 23 de julho de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Elza Machado de Melo - Orientadora
UFMG


Prof(a). Antônio Maria Claret de Gouveia
UFOP


Prof(a). Kerlane Ferreira de Costa Gouveia
UFOP

Belo Horizonte, 23 de julho de 2019.

Dedico essa dissertação àqueles que se encontram quando se encontram comigo.

“Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida. ”

(Evangelho de Joao)

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (*Autocratie*) que anima o corpo material (organismo) como “*Dynamis*”, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para o mais elevado objetivo de nossa existência. ”

(Samuel Hahnemann)

Agradecimentos

A Deus, por me destinar Seu interesse.

A Jesus, por todos os instantes.

A Hipócrates, pelo amor médico à vida que me *com-vida*.

A Sócrates, pelo amor filosófico ao melhor, nosso bem comum, participação que reflete a lei natural.

A Hahnemann, pelo amor à pura experimentação na saúde.

Aos meus pares, pelo ideal de família ou fraternidade.

Aos meus pais, pela entrega e reflexão do bem que assimila todo o mal ou violência.

À Medicina, pelo amor ao acordo universal.

À autoexperimentação homeopática, por me refletir no semblante do outro.

À roda de conversa, por não esquecer o reconhecimento.

À amizade de todos, pelas *de-moras*.

À adversidade, pela presença da conjugação.

À Dra. Elza Machado de Melo, pela orientação desse trabalho.

RESUMO

Promoção de Saúde e Prevenção da Violência demandam pela práxis da autonomia. Ela se compromete com a igualização, em contexto participativo inspirado pelo acordo onde pessoas se identificam por Memória de própria Experiência. Essa é a demanda que o Princípio de Semelhança cobre. No interesse da saúde, pelos finos fios assimilativos desse princípio, tecem-se redes que enredam conversivamente coesões orgânicas mediante consenso, ao modo de rodas de conversa. Representantes de organismos animados por assimilação, elas auxiliam o revigoramento dos indivíduos, por reconhecimento recíproco a partir de Memória de própria Experiência. O Princípio de semelhança norteia a Medicina Homeopática e se abre para a equiparação entre violência e enfermidade. Do modo como fortalece a saúde orgânica para curar doenças, ele pode abordar violências que ameaçam a realização da vida social. Destarte, estudos sobre a relação da Memória de própria Experiência do Princípio de Semelhança e o agir comunicativo em rodas de conversa podem implicar mais fortemente a Medicina Homeopática com a Promoção de Saúde e Prevenção da Violência. Objetiva-se reconhecer a Memória de própria Experiência do Princípio de semelhança enquanto promoção de saúde de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade. Desenvolveu-se pesquisa qualitativa coletando-se dezesseis entrevistas em profundidade e doze observações participantes das rodas de conversa realizadas no Ambulatório Para Elas/Promoção de Saúde da Mulher em Situação de Violência e Vulnerabilidade. Realizou-se análise de conteúdo categorial temática. Colheu-se que as rodas de conversa minoram desigualdades em dinâmica mediada por Memória de própria Experiência que manifesta o Princípio de Semelhança. As concepções de saúde como direito social e como isonomia entre as potências orgânicas guardam entre si estreita conexão. Essa afinidade evidencia a práxis da autonomia onde se ambienta a Memória de própria Experiência. Dessa forma, o Princípio de Semelhança situa em mesma matriz a fonte de recursos para conservar e aperfeiçoar a saúde, para sanear enfermidades e para solucionar a violência. Essa base é a saúde em si mesma. Gradualmente, ela se disponibiliza por reminiscência ao sujeito reflexivo. Por meio dessa memória, ele cobre a percepção das diferentes vivências fatuais com o saber assimilativo de minorar estranhamentos e pesares. Como saber que discursa puro acordo, no âmbito do pensamento em que o sujeito dialoga a sós consigo mesmo, essa instrução perdoa o prévio aprendido sensível. A minoração dos pesares e a promoção do bem-estar em

rodas de conversa igualam pessoas na medida em que elas se reconhecem por um mesmo semblante, rosto ideal que expressa comunicação pura que perdoa diferenças, em rememoração do Princípio de semelhança ou acordo natural. Em rodas de conversa, sujeitos iguais se solidarizam e descobrem, eles mesmos, sentido adequado à revivificação, em aprendizado com suas próprias essências. Assim, eles mais facilmente se libertam e se humanizam sob influxo do melhor ou do bem comum com que compartilhem adequação, permitindo pensar que a não atualização da própria melhora consista em razão de violência e de enfermidade. Então, a Memória de própria Experiência do Princípio de Semelhança permeia a redução de diferenças com que pessoas em rodas de conversa se igualam e se ressubjetivam, por autodescobertas, no âmbito da Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.

Palavras chave

Autonomia; Memória de própria experiência; Princípio de semelhança; Promoção de saúde; Reminiscência.

ABSTRACT

Promotion of Health and Prevention of Violence demand for the praxis of autonomy. It commits itself to equalization, in a participatory context inspired by the agreement where people identify themselves by Memory of their own Experience. This is the demand that the Principle of Similarity covers. In the interest of health, by the fine threads assimilated by this principle, nets woven entangle conversely organic cohesions by consensus, in the manner of conversation wheels. Representatives of organisms animated by assimilation, they help the reinvigoration of the individuals, through reciprocal recognition from Memory of own Experience. The Principle of similarity guides Homeopathic Medicine and opens itself to the equation between violence and illness. As it strengthens organic health to cure illness, it can address violence that threatens the realization of social life. Thereby, studies about the relationship of Memory of Own Experience of the principle of similarity and communicative agility in conversation wheels may imply Homeopathic Medicine more strongly with Health Promotion and Prevention of Violence. It aims to recognize the Memory of own experience of the Principle of similarity as health promotion of women in situations of violence and vulnerability. Qualitative research was developed by collecting sixteen in-depth interviews and twelve participant observations from the chat rooms held at the Outpatient Clinic / Women's Health Promotion in Situation of Violence and Vulnerability. Thematic category content analysis was carried out. It has been found that the wheels of conversation lessen inequalities in dynamics mediated by Memory of Own Experience which manifests the Principle of Similarity. The conceptions of health as a social right and as isonomy among the organic powers are closely connected. This affinity evidences the praxis of autonomy where the Memory of Own Experience is based. Thus, the Principle of Similarity places in the same matrix the source of resources to conserve and improve health, to sanitize illnesses and to solve the violence. That basis is health itself. Gradually, it becomes available by reminiscence to the reflective subject. Through this memory he covers the perception of the different factual experiences with the assimilative knowledge of reducing strangeness and sorrow. As savvy that speaks pure agreement, in the scope of the thought in which the subject talks alone with himself, this instruction forgives the previous sensible learning. The mitigation of sorrows and the promotion of well-being on the wheels of conversation equate people insofar as they recognize each other by the same countenance, the ideal face expressing pure communication that forgives differences in remembrance of the

Principle of similarity or natural agreement. On the wheels of conversation, equal subjects sympathize and discover, themselves, an adequate sense of revival, in learning with their own essences. Thus, they are more easily liberated and humanized under the influence of the best or the common good with which they share suitability, allowing us to think that failure to actualize their own improvement consists of violence and illness. So the Memory of Own Experience of the Principle of Similarity pervades the reduction of differences with which people on the wheels of conversation equalize and resubject, by self-discovery, in the scope of Health Promotion and Prevention of Violence.

Keywords: Autonomy; Memory of Own Experience; Principle of similarity; Health promotion; Reminiscence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMB - Associação Médica Brasileira

AMHB - Associação Médica Homeopática Brasileira

CFM – Conselho Federal de Medicina

CNRM – Comissão Nacional de Residência Médica

HC – Hospital das Clínicas

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MS – Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PNPIC - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PNaPS - Política Nacional de Promoção de Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

UFMG – Universidade Federal de Minas Gérias

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	15
1.1. Saúde e violência no âmbito do direito social	15
1.1.1. Participação social na promoção da saúde	15
1.1.1.1. Violência e direito social	21
1.1.2. Um olhar sobre reconhecimento e práxis humanizadora na perspectiva de Paulo Freire	23
1.1.3. Abordagem do reconhecimento conforme Melo	25
1.1.3.1. Reconhecimento e discurso prático	30
1.2. Saúde e violência no âmbito da similitude	32
2. O RECONHECIMENTO DA MEMÓRIA DE PRÓPRIA EXPERIÊNCIA DO PRINCÍPIO DE SEMELHANÇA	43
2.1. Memória e reminiscência na práxis assimilativa	43
2.2. A memória de própria experiência e o método assimilativo	46
2.3. Discurso assimilativo e memória de própria experiência	50
2.4. Memória de própria experiência simbolizando semblantes	54
2.5. Imitando memória de própria experiência	59
3. OBJETIVOS	63
3.1. Objetivo geral	63
3.2. Objetivos Específicos	63
4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	64
4.1. Tipo e método da pesquisa	64
4.2. Contexto da pesquisa	66
4.3. Participantes da pesquisa	67
4.4. Etapas da coleta de dados	67
4.5. Procedimentos de transcrição e análise dos dados	68
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	70
5.1. Experiência de recordar experiências: vivências de revivificação rolando na roda	70
5.2. Aprendizado em rodas de reminiscências: minimização de pesares e maximização do melhor	90
5.3. Roda que faz questão de resposta: reconhecimento nas interfaces de um rosto comum	107

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
7. REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE A - Aprovação do Comitê de Ética em pesquisa com seres Humanos da UFMG	141
APÊNDICE B - Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE)	142
ANEXO 1 - Roteiro Flexível para Entrevistas em Profundidade	144

1. APRESENTAÇÃO

Essa dissertação se refere ao reconhecimento do Princípio de Semelhança na Promoção de Saúde de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade da Roda de conversas do “Para Elas”. Ela o faz sob a perspectiva da Memória de Própria Experiência como um de três atributos daquele princípio. Nessa pesquisa, o referido reconhecimento da similitude constitui um tronco e sua tomada pelo ângulo da Memória de Própria Experiência, um de seus braços específicos, como o são, ainda, a Totalidade Essencial e a Suspensão de Juízo. Logo, essa pesquisa particular apresenta uma base comum e de construção coletiva com mais dois outros trabalhos e consequentes dissertações.

Essa pesquisa considera saúde conforme as noções de direito social e de fluxo desimpedido da vida. O entendimento de que saúde corresponda a direito social encontra fundamentação em Melo. A perspectiva que a admite como o fluxo desimpedido da vida se assenta em Hahnemann. Ambas as concepções compartilham a necessidade de se focar saúde no âmbito da igualdade social, susceptível de compressão por violência e por doença. A desigualdade e a injustiça constituem dilemas para as duas compreensões de saúde. Elas representam violência para saúde como direito social e significam enfermidade para saúde como fluxo desimpedido da vida.

1.1. Saúde e violência no âmbito do direito social

1.1.1. Participação social na promoção da saúde

Representando uma meta utópica, o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 1948 é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (OMS, 1948). Ele se refere a uma saúde ideal, talvez inatingível, já que o dinamismo predomina na vida. Não há estabilidade em saúde que, uma vez atingida, possa ser conservada. Seu entendimento requer atenção às singularidades e ao transformismo histórico (BATISTELA,2007).

Convém que a elaboração de um conceito de saúde leve em conta potencialidades individuais e sociais em permanente luta por recondução da vida. Sujeitos e populações manifestam saúde/doença conforme a relação entre seus potenciais e condições de vida. (BATISTELA,2007)

Paralelamente ao desgaste¹ do conceito de saúde da OMS, a promoção de saúde, desde o relatório de Lalonde até a 9ª Conferência Internacional de Promoção de Saúde, tem destacado a determinação social da saúde e da doença e a busca de garantias para a realização do máximo de bem-estar dos cidadãos, de forma autônoma, igualitária e participativa e integrada ao ambiente. (BEZERRA; SORPRESO, 2016)

O movimento da promoção da saúde surgiu no Canadá em 1974, com o relatório Lalonde: *A New Perspective on the Health of Canadians*. O documento propôs um novo conceito de saúde focado em quatro elementos: biologia humana, ambiente, estilo de vida e organização da assistência à saúde. Para ele, era necessário priorizar a assistência à saúde por meio de políticas públicas, em detrimento da biomedicina que, até então, a tinha por tarefa exclusiva (BUSS, 2000). Em 1978, a 1ª Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em Alma-Ata, na República do Cazaquistão, consolidou a proposta da Atenção Primária à Saúde afirmando a saúde como direito humano e não apenas como ausência de doenças, demandando para isso uma ação organizada dos Estados e da sociedade civil. Nessa ocasião, a visão de saúde como um “completo bem-estar físico, mental e social” se abriu à participação individual e coletiva, como direito e dever, no planejamento e na execução dos próprios cuidados de saúde. Recomendou-se a capacitação individual e coletiva para uma melhor qualidade de vida. (OMS, 1978)

Este modelo foi levado para a 1ª Conferência Internacional de Promoção de Saúde, em Ottawa, 1986 (OMS), que pretendeu atingir a “Saúde para todos no ano 2000”. Ela reiterou a justiça social e a equidade como pré-requisitos para a saúde, exigindo que a sociedade criasse condições que permitissem a obtenção de saúde por todos os seus cidadãos. (OMS, 1986)

Desde então, as demais conferências Internacionais de Promoção de saúde se remodelaram.

A 2ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde em Adelaide, Austrália, (OMS, 1988), preconizou a intersetorialidade e maior envolvimento das pessoas, alicerçada na atenção primária à saúde. Destacou a necessidade de políticas públicas saudáveis, que se caracterizassem pelo interesse e preocupação de todas as áreas das

¹Apesar dos reparos ao conceito da OMS, a subjetividade enfatizada nele é “inerente à definição de saúde-doença e, por ser dela inseparável, estará presente seja em uma concepção restrita, seja em uma perspectiva ampliada de saúde”. (BATISTELA, 2007, P.58)

políticas públicas em relação à saúde e à equidade. (BRASIL,2002). A 3ª Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde realizada em Sundsvall, Suécia (OMS, 1991), reforçou a Promoção da Saúde e criação de ambientes saudáveis. Ela frisou o compromisso com o desenvolvimento sustentável e a equidade. A 4ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, em Jacarta, República da Indonésia (OMS, 1997), foi a primeira a ser realizada em um país em desenvolvimento e a incluir o setor privado. Ela propôs a ação para a promoção da saúde para o próximo século por meio de investimentos e de ações que gerassem impacto sobre os determinantes da saúde, visando reduzir significativamente as desigualdades. A 5ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, na Cidade do México (OMS, 2000), reforçou a equidade como principal objetivo e propôs a promoção de saúde como prioridade nas políticas, concomitantemente com a ampliação e o fortalecimento de parcerias para realização dos planos de ação e produção de conhecimento. A 6ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em Bankock, Tailândia (OMS, 2005), colocou a promoção da saúde no cerne da agenda do desenvolvimento global e também como uma responsabilidade central de todos os governos. Considerou-se que a globalização aportaria mais oportunidades para a promoção de saúde, desde que ela fosse suprida de mais investimentos tecnológicos. A 7ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em Nairobi, Kênia (OMS, 2009), relembrou Alma Ata e reorientou os serviços de saúde para colocar o homem no centro de todas as atividades. Da mesma maneira, reforçou o compromisso com o fortalecimento de lideranças e sistemas de saúde, visando ampliar o poder das comunidades no domínio social, psicológico e político. A 8ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em Helsinque, na Finlândia (OMS, 2013), enfatizou a “Saúde em Todas as Políticas” propondo a inclusão de políticas públicas de saúde em todos os setores. Do mesmo modo, recomendou ampliação do conhecimento dos cidadãos sobre saúde, considerando a necessidade de estímulo aos cuidados mútuos. A 9ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em Shanghai, China (OMS, 2016), visando garantir o bem-estar das populações para atingir os objetivos do desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU)², orientou a elaboração de políticas públicas de conscientização dos cidadãos sobre modos salutarres de vida e, conseqüentemente, aumentar habilidades para o

² Objetivos para “acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar para todos, proteger o meio ambiente e enfrentar as mudanças climáticas.” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2015)

controle da própria saúde e respectivos determinantes por meio de políticas específicas, incluindo a tributação de produtos não saudáveis.

O conceito de saúde vem se atualizando, “caracterizando-se como um processo que envolve aspecto social, político e econômico”, a depender do contexto inserido. (BEZERRA; SORPRESO, 2016, p.4)

Em consequência, pode-se entender saúde “como um direito social, talvez mesmo como um conjunto formado por praticamente todos os direitos sociais, (...) pois, [ela envolve] todas as condições necessárias ao prosseguimento da vida com um mínimo de qualidade”. (MELO, 2005, p.168)

Dois paradigmas dispõem o binômio saúde e doença segundo maior ou menor inclusão da dimensão social. Um corresponde à promoção de saúde, que pode ser entendida por “toda atuação que tem como objetivo o incremento ou a melhoria da saúde das pessoas” (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008, p.2116). O outro se refere à visão biomédica dessa relação.

A promoção de saúde enriquece a visão da biomedicina por mais valorizar o enfoque social com que ambiente e indivíduos, coletivos ou não, interagem segundo modos de vida e de trabalho. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) as condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham são os determinantes sociais da saúde³. Eles podem melhorar ou colocar em risco o estado de saúde de um indivíduo ou de uma comunidade (KALRA *et al*, 2012). As intervenções sobre eles procuram minimizar as diferenças oriundas da posição social dos indivíduos e grupos. (BUSS; PELEGRINE, 2007)

As atividades e os procedimentos que facultem a participação ativa e deliberativa dos sujeitos são primordiais em todos os mecanismos de promoção da saúde, tanto na ação conjunta com inúmeras camadas de coletividade, quanto na ação individual. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

Deste modo, a mobilização e a representação popular contribuem para tomada de consciência do vínculo que existe entre saúde e condições de vida, assim como,

³“Promoção da saúde é a atuação para a ampliação do controle ou domínio dos indivíduos e comunidades sobre os determinantes de sua saúde”. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008, p.2118)

construção de ações que favoreçam a redução de iniquidades e defesa do direito à saúde. A mobilização social pode ser compreendida como ação que aspira a constituição de sujeitos e coletividades visando alicerces mais sólidos e integrativos, através da livre participação. (CAMPOS *et al*, 2017)

Historicamente observa-se que determinantes sociais são causas dos “principais grupos patológicos” (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008, p.2117) e as condições sociais de vida são de extrema relevância. Tanto a qualidade, quanto o padrão das relações sociais tem efeitos significativos sobre a saúde. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

Dessa maneira, a atuação sobre os determinantes sociais é mais eficaz para a melhoria da saúde do que ações direcionadas para a “prevenção de riscos ou o tratamento e a recuperação de agravos específicos” (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008, p.2117), justamente porque sua ação se manifesta com incremento à saúde, contribuindo para proteção de muitas patologias. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

De particular interesse para o contexto da promoção da saúde são os níveis de “escolha coletiva e operacional”. Um diz respeito ao âmbito onde a política de promoção da saúde é feita e o outro se relaciona à saúde individual, respectivamente. A ação comunitária ocorre no nível da escolha coletiva, estabelecendo prioridades e tomando decisões. Dessa forma, convém que se proponham intervenções de promoção da saúde no campo da formulação de políticas (nível de escolha coletiva). Consequentemente, políticas públicas saudáveis podem fortalecer a ação comunitária no nível da escolha coletiva, enquanto a ação da comunidade pode ajudar a construir políticas públicas saudáveis. (RUTTEN; GELIUS, 2011)

Como a saúde e a equidade são influenciadas por uma infinidade de fatores que, na maioria, se encontram fora do âmbito do sistema de saúde, a inclusão da saúde em outras políticas públicas torna-se fundamental para a abordagem dos principais determinantes da saúde. (BAUM *et al*, 2014)

As diferenças econômicas na estratificação social determinam desigualdade de acesso à saúde, gerando iniquidades. Assim, o nível de saúde aumentaria combatendo-se a desigualdade por meio de políticas intersetoriais com a garantia de participação e empoderamento das populações. Novamente, esta ênfase na revalorização dos indivíduos como sujeitos de suas ações sugere que os mesmos estejam implicados nas estruturas e estas, nos significados das ações sociais. (ZIONI; WESTPHAL, 2007)

Por conseguinte, a participação das comunidades é central na relação entre determinação social da saúde e promoção da saúde, pois os sujeitos podem criar novos significados e modificar a sociedade, caracterizando “uma democracia representativa e participativa” (ZIONI; WESTPHAL, 2007, p.30).

A temática da participação é frequente no campo da saúde. A participação popular torna-se substancial para a condição de saúde e de vida. A busca pela igualdade e pelo bem-estar associa-se ao conceito de democracia, que naturalmente vincula-se ao de cidadania. A Cidadania é entendida como um meio crescente de constituição de direitos, que nada mais são que um mínimo de bem-estar econômico e garantia de segurança, além do “acesso a todos os bens socialmente produzidos” (ZIONI; WESTPHAL, 2007, p.33)

Contudo, a participação se torna complexa quando se reconhece a “fragmentação da sociedade [não coesa], o declínio das instituições, as novas formas de sociabilidade e de inserção social nos diferentes espaços de construção de identidade” (ZIONI; WESTPHAL, 2007, p.33). Seria melhor que os problemas fossem enfrentados com a participação das populações mais atingidas por eles. Desse modo, é o sujeito particular que deve ser ouvido e respeitado em sua singularidade, e não somente atingir uma igualdade econômica ou solidariedade. Conseqüentemente, torna-se essencial a criação de espaços para enraizamento de cidadanias particulares e concretas, tornando os indivíduos sujeitos de direitos. (ZIONI; WESTPHAL, 2007)

A participação popular é uma das condições para a mudança nas circunstâncias adversas de vida e/ou nos determinantes sociais da saúde, reconhecendo-se a “autonomia individual e coletiva como elementos criadores de novas alternativas”. (ZIONI; WESTPHAL, 2007, p.28)

A autonomia corresponde à “...práxis de sujeitos concretos que travam relações uns com os outros, em múltiplos e diferentes espaços. Identificam suas experiências... e denunciam os mecanismos a que estão submetidos”. E práxis significa “ação criadora e modificadora da realidade [que] demanda uma sintonia fina de tecelagem entre teoria e prática” (MELO *et al*, 2016, s.p.).

A práxis da autonomia interessa à relação entre saúde e doença.

Como o desenvolvimento da autonomia se dá através da relação com a comunidade⁴, os mecanismos e instrumentos que aprimorem intervenções coletivas terão mais êxito na ampliação da autonomia do que os focados no indivíduo. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

Contudo, as possibilidades de escolha e deliberação dos indivíduos⁵ sobre os determinantes de sua saúde, podem ser ampliados em nível local através de “mecanismos de deliberação participativa e formas de atuação social, redes de proteção e cuidado recíproco, respeito à diversidade de comportamentos, etc.” (FLEURY-TEIXEIRA, 2008, p.2121)

Para Fleury-Teixeira *et al* (2008), um determinante positivo primordial para a saúde é a autonomia. Ela norteia a promoção da saúde e sua ampliação a protege, do mesmo modo que, sua redução é fator de risco para muitos grupos de agravos e patologias. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

A categoria guia das ações promotoras de saúde é a autonomia, ela é o “cerne da proposição de *empowerment* individual e coletivo” (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008, p.2118). O termo autonomia encerra a ideia de liberdade e de capacidade de exercício ativo de si. Reconhecendo que a alteridade é característica do ser e do realizar-se de cada indivíduo, a autonomia deve ser construída e efetivada no âmbito de interação e atividade social. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008)

1.1.1.1. Violência e direito social

Levando em conta a saúde ou o bem-estar dos sujeitos, a OMS define violência como:

“ (...) uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. (KRUG *et al*, OMS, 2002, p.5).

⁴ “Para os próprios indivíduos, que são concentrações vivas e pontos de interação da rede social, o desenvolvimento da sociedade resulta em novas condições de ser, novas condições de sua existência, inclusive psicofisiológica.” (FLEURY-TEIXEIRA, 2008, p.2120)

⁵ Autonomia.

A definição enfatiza a intencionalidade da ação violenta, em detrimento da inclusão dos acidentes não intencionais. Ademais, ao incluir o uso do poder, o “relatório pouco esclarece o próprio conceito de poder, confundindo-o com o de violência, muitas vezes levando à crença de que a violência seja parte inexorável do poder” (SCHRAIBER; D’OLIVEIRA; COUTO, 2006, p.114). Ainda que se distinga a violência de ações despropositadas que terminem em lesões, “a intenção de usar força em determinado ato não significa necessariamente que houve intenção de causar dano. (...) pode haver enorme disparidade entre comportamento intencional e consequência intencional” (DAHLBERG; KRUG, 2006, p.1165).

A OMS entende que a violência não é essencial à natureza humana, apesar de impactá-la multiforme e inaceitavelmente desde sempre. Seu poder constrangedor acarreta sofrimento e dor de custo incalculável, de forma ou perceptível, ou oculta e silenciosa por enraizamento na estrutura e dinâmica socioculturais, configurando já um problema mundial de saúde pública. Sem ignorar a atenção a sujeitos individuais, como seu nome pode sugerir, e segundo a OMS, a saúde pública foca em doenças, condições, agravos e em outros fatores que transtornam a saúde em seu aspecto coletivo, por meio de cooperações intersetoriais e interdisciplinares. Para estender a melhor atenção ao maior número possível de pessoas, ela enfatiza a prevenção do comportamento violento e suas consequências compreendendo que a violência pode ser evitada (KRUG *et al*, 2002).

Impactando a vida em todos os seus aspectos, a violência é fenômeno múltiplo ou pulverizado que traduz a noção de força, constrangimento, vontade de domínio e aniquilamento (MINAYO, 2006).

Na medida em que a pessoa se considera cidadã, que é assim considerada e que a sociedade reconhece seu direito à liberdade e à felicidade, a violência passa a ser relacionada à dominação do outro (MINAYO, 2006). Logo, do ponto de vista social, o antídoto da violência é a capacidade que a sociedade tem de incluir, ampliar e universalizar os direitos e os deveres de cidadania (MINAYO, 2009).

A violência é um fenômeno estranho à igualdade social e fomenta vulnerabilidade e exclusão de sujeitos individuais e coletivos. Sua abordagem requer participação de todos, o que envolve a sociedade em geral. Para enfrentamento da desigualdade resultante do processo objetificante que violenta o humano, demanda-se pela práxis da autonomia e consequente reconhecimento entre sujeitos (MELO *et al*, 2016; FREIRE, 1970).

Para que a promoção de saúde se realize, suas ações devem trazer adequação que saneie injustiças compressoras do reconhecimento e da práxis humanizadora (MELO *et al*, 2016).

1.1.2. Um olhar sobre reconhecimento e práxis humanizadora na perspectiva de Paulo Freire

A realização do reconhecimento entre sujeitos é tarefa humana (FREIRE, 1970).

O momento atualiza a esperança de que o homem encontre próprias respostas para o problema cuja questão principal é ele mesmo. Quando o homem se pergunta, tendo ele próprio que encontrar soluções que o iluminem, simultaneamente ele constata que seu saber sobre si é apoucado e que é necessário que ele se conduza pelo influxo da humanização. Humanização e desumanização são alternativas que se abrem para a contingência humana na experiência do desespero e tragédia da injustiça, da exploração, da opressão e da violência. A vocação histórica pela humanização se compraz com a justiça e com a liberdade e se contraria com a compressão delas, violência que até mesmo os opressores domina. A desumanização consiste tão somente em distorção da vocação de humanização porque, mesmo que distorcido, o influxo humanizante não deixa de se confirmar. Aceitar que a vocação pela humanização seja em si mesma violenta é desumano. Diferente é admitir que dela a desumanização historicamente tenha participado. Então, há sentido na esperança da realização “dos homens como pessoas, como ‘seres para si’” (FREIRE, 1970, p.16).

A ordem injusta se manifesta pela distorção desumanizante e pela violência opressora. Essa violência pode ser destino de antigos oprimidos por trazer sob sua influência opressores e oprimidos de momento. Logo, a luta pela humanização encontra sentido quando a restauração da humanidade inclui a dicotomização. O sofrimento da opressão faculta que a vanguarda das ações de humanização seja tarefa dos que o padecem: tarefa de própria libertação e, de modo inclusivo, de alforria dos opressores. A força de opressão ignora a libertação, mas “só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos” (FREIRE, 1970, p. 31). No âmbito deste amor, distingue-se a verdadeira generosidade. Ela não se confunde com o seu simulacro, o que se nutre da ordem injusta. O autêntico amor situa as mãos humanas no

contexto cooperativo e transformador de mundo, onde a reprodução do medo e do suplício não encontra lugar. É em atmosfera de solidariedade real, tendo-se em vista a restauração da generosidade pura, que a vocação humanizante pode melhor ser apreendida e ensinada a partir da ressignificação da opressão. (FREIRE, 1970)

Dentre opressores e oprimidos, os que mais experimentam os efeitos da opressão são os que se destacam no preparo para compreender o significado da ordenação injusta e perceber a necessidade da libertação humanizante. É, não pelo acaso, mas justamente pela práxis de amor, de conhecimento e reconhecimento dos efeitos opressores e da necessidade da libertação que melhor se pode realizar a emancipação do desterro objetificante. No amoroso caminho de restauração da generosidade verdadeira, a principal dificuldade é o tratamento que o oprimido confere a si mesmo, mediante ressignificação própria, para livrar-se da potencial condição opressora que ele traz consigo e manter-se engajado nesse trabalho. O êxito dessa tarefa depende da autonomia e responsabilidade de modo que a libertação, e consequente comunhão generosa, não se prescreva pela opressão e se reconduza permanentemente em inconclusiva busca. (FREIRE, 1970)

É preciso superar a consciência da não-liberdade pela da liberdade com escolha, com protagonismo e fala. Por uma condição interior do ser, em contraste do próprio com a opressão do outro nele introjetada, requer-se que este último aspecto do dualismo seja superado e, assim, saneada a alienação com que o oprimido, em si mesmo, se trava. Conservando-se alienado o oprimido permanece espectador, sujeito à prescrição e incapacitado para a escolha, sob risco, ainda, de vir a agir opressoramente. Uma vez que a opressão se dicotomiza para se ambientar interna e externamente ao sujeito, o mais desafiador é a sua superação pelo próprio oprimido, mediante processo comparável a sofrido dar à luz: “a libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1970, p.19).

Ainda, o verdadeiro reconhecimento compreende a opressão na dicotomização de um e outros, de homem e mundo, de subjetividade e objetividade, onde a práxis autêntica é comprimida ou por verbalismo ou por ativismo. As consequências são a submersão das consciências dos sujeitos no sufoco da força opressora e a necessidade de emersão dessa violência. A solução do subjetivismo e do objetivismo pelo resgate da relação solidária, dialética e inclusiva, com que diferentes se assimilam para a transformação do mundo,

necessita da inserção crítica com que o amor pleno atue no âmbito do momento, ou seja, já. (FREIRE, 1970)

1.1.3. Abordagem do reconhecimento conforme Melo

Como já considerado, pode-se entender saúde “como um direito social, talvez mesmo como um conjunto formado por praticamente todos os direitos sociais, (...) pois, [ela envolve] todas as condições necessárias ao prosseguimento da vida com um mínimo de qualidade”. (MELO, 2005, p.168)

Objetivando melhor compreensão da promoção de saúde, Melo (2016) adota a Teoria da Ação Comunicativa e a Teoria discursiva do Direito e da Democracia de Habermas que se baseiam na interação intersubjetiva mediada pelo entendimento linguístico, pela fala. (MELO, 2010; MELO; MELO,2016; MELO *et al.*,2016)

Admite-se que toda fala envolve uma ação. Dessa forma “faz-se algo ao se dizer algo – assim se define um ato de fala. Mas não é preciso explicitar cada ação embutida nesse ato de fala. A linguagem, ela própria, mostra o sentido com o qual é utilizada” (MELO, 2010, p.6), com vistas ao claro entendimento de todos.

Sujeitos proferem atos de fala⁶ conforme quatro pretensões de validade, se creem:

“que os saberes que eles incorporam são válidos e estão adequados às condições encontradas no mundo. Eles só falam certas coisas se têm razões para falar e são capazes de apresentar essas razões, caso seja necessário” (MELO, 2010, p.6).

Regularmente, as falas suscitam pretensões de validade. Elas o fazem segundo o saber que envolvem, de modo que ele pode se relacionar ao mundo das coisas, ao mundo das normas e ao mundo subjetivo. Então, dentre as pretensões de validade compreendem-se a de verdade, a de correção normativa e a de veracidade. Ao mundo das coisas correspondem os fatos; ao das normas, as relações e as regras; ao âmbito subjetivo, a interioridade de cada sujeito, “só dado ao conhecimento pela fala” (MELO, 2010, p.6).

⁶ A fala pressupõe competências para formar e empregar orações como atos de fala na comunicação cotidiana “inserindo-as na realidade e com elas definindo uma situação demarcada pela referência ao mundo dos fatos (função expositiva da linguagem), ao mundo das vivências (função representativa) e ao mundo das normas (função interativa) ...” (MELO, 2005, p.168).

Uma quarta pretensão de validade é a de inteligibilidade, “a de que a linguagem utilizada seja passível de entendimento pelo outro. Sem essa pretensão não é possível entendimento, portanto, ela está subjacente às outras três” (MELO, 2010, p.6). Chega-se ao entendimento linguístico que faz acontecer a ação comunicativa quando o ato de fala vincula os participantes por satisfação das pretensões de verdade, de correção normativa, de veracidade e de inteligibilidade (MELO, 2010, p.6).

Ações se dividem em comunicativas e estratégicas, consoante o acordo racional, o entendimento, presente ou ausente nelas respectivamente⁷. Por um lado, se a ação comunicativa é pautada pela cooperação mediada pelo entendimento linguístico, por outro, o interesse na ação estratégica é tomar os outros atores em expediente coercitivo ou violento⁸. Nesse caso reveste-se de assimetria a relação entre sujeitos. (MELO *et al*, 2016).

A problematização da própria pretensão de inteligibilidade da linguagem demonstra o discurso⁹. Na medida em que não bastam recursos contextuais para tratamento do desacordo, o discurso pode ser consecutivo à ação comunicativa. Se houver obstinada resistência à pretensão de veracidade¹⁰, abrir-se-á para a valoração do nexos entre conduta e atos de fala. (MELO, 2010)

Se a problematização recair sobre a pretensão de verdade¹¹ ou sobre a de correção normativa¹², o discurso será teórico ou prático, respectivamente. Ele discute com exigente inclusão em que todos, igualmente, argumentam e ouvem com o mesmo peso. Nessa situação ideal, para saneamento do desentendimento, a simultaneidade vincula autonomia e universalidade pela força da melhor argumentação. (MELO, 2010)

Não há lugar na ação comunicativa para enganação uma vez que nela todos os participantes se consideram iguais e livres, sob garantia do discurso ou comunicação ideal, capaz de operar em todo o discurso real e encaminhar a argumentação para o

⁷ “Quando uma interação, isto é, uma ação que envolve mais de um sujeito tem como mecanismo coordenador da ação o entendimento linguístico, então, neste caso e apenas nele, tem-se a ação comunicativa” (MELO, 2010, p. 5).

⁸ “Podemos ter dois tipos de ação - ação comunicativa e ação estratégica - que são ações que envolvem mais de um sujeito; mas [...] podemos também ter uma ação executada por um sujeito solitário”, que neste caso, sem que sejam dirigidas para o entendimento mas para o êxito, são do tipo instrumental. (MELO, 2010, p. 9).

⁹ “Na medida em que necessita de se confirmar e superar interrupções, o entendimento mostra o discurso como forma equivalente da ação comunicativa, mas como comunicação mais profunda, reflexiva e pura.” (MELO, 2016a, p.5).

¹⁰ Aos atos expressivos (MELO, 2010).

¹¹ Atos constatativos (MELO, 2010).

¹² Atos apelativos. (MELO, 2010).

melhor entendimento. Resistências à comunicação terminam por remeter o discurso à contradição performativa, situação em que o discurso nega o discurso. Assim, a comunicação prossegue totalizando, superando fronteiras e se universalizando, ideal e factualmente, mediante *práxis* de autonomia, em que sujeitos permanecem vinculados cooperativamente, realizando-se no aqui e agora. (MELO *et al*, 2016)

O argumento realiza o acordo com maior ou menor brevidade. Suas pretensões de validade podem sofrer menor ou maior resistência. Nesse desafio, chegam a expressar a “dupla face de Janus” com que se configuram. Trata-se da contradição performativa do discurso. As pretensões de validade do argumento podem ser cobertas pelo acordo racional no âmbito do aqui e agora ou da universalização. Quando contrariadas, em favor do reconhecimento intersubjetivo, demandam-se superação dos constrangimentos contextuais e melhores argumentos no marco da equivalência entre sujeitos. Trabalhando a inclusão, o discurso ganha fronteiras e, em “sim” de momento, totaliza anteriores resistências ao entendimento. (MELO, 2010)

A ação comunicativa¹³ regularmente manifesta um mundo da vida, “que é um conjunto de saberes pré-teóricos, implícitos e que, compartilhados pelos sujeitos da interação” (MELO, 2010, p.11) asseguram meios de entendimento intersubjetivo em dada ocasião. (MELO, 2010).

A suposta e inteligível esperança de validação do argumento se reconduz como um saber de tecer acordos. Esse saber, como mundo da vida, ocupa o lugar recuado da implicitude e da implicação. Então ele se embute no ângulo que perspectiva e inspira um horizonte de reconhecimento interativo. É como se o saber do entendimento se situasse “nas costas” dos sujeitos da cooperação (MELO, 2010, p. 11).

A ação comunicativa e o mundo da vida se implicam por lealdade, coesão e reprodução, sob influxo da fala. Cabe ao mundo da vida contextualizar os recursos para que a interação cooperativa se renove na medida em que a ação comunicativa supra o mundo da vida de meios de recondução. Então, mediante entendimento linguístico, sujeitos solidários produzem contexto e ordenação social em que se inserem e por que são produzidos. (MELO, 2010)

Entretanto, o mundo da vida não corresponde à sociedade por inteiro. Ele é um dos âmbitos em que ela se dicotomiza. Assim, a solidariedade que o caracteriza não é

¹³Incluindo o discurso como sua forma reflexiva (MELO, 2010).

garantia única para reprodução da sociedade. Ela necessita também da reprodução material com que seu outro braço, o sistema, se reconduz. Esse âmbito, que agrega consequências de ações de sujeitos que não se reconhecem reciprocamente, se atualiza por autorregulação, independente e isolada. (MELO, 2010)

Se, por um lado, o mundo da vida é o “(...) âmbito das ações orientadas pelo entendimento, o agir comunicativo (...)” (MELO *et al*, 2016, p.4), a seu turno, o sistema “é o âmbito que se abre, dentro do mundo da vida, com o desenvolvimento das ações orientadas pelo êxito” (MELO *et al*, 2016, p.4).

Resultante dessas ações, ele se encima distantemente de todos. Dessa maneira, a regulação do sistema, “(...) não mais vinculada aos sujeitos, passa a ser garantida por mecanismos de controle autorregulados.” (MELO *et al*, 2016, p.5).

Uma vez fora do alcance dos sujeitos que ele rebaixa, o sistema os submete por alienação, degradação, exploração e opressão. Se, de um modo, no marco solidário e complementar da comunicação, a vida sociocultural se conforma privada e pública, de outro, sob ordens do dinheiro e do poder burocrático, os imperativos sistêmicos se reproduzem pelas orientações de estado e de economia. Entretanto, quando as ordenações sistêmicas “ (...) invadem o mundo da vida e substituem os processos (...) ” do agir comunicativo, ocorre colonização do mundo da vida (MELO *et al*, 2016, p.5).

Quando a desconexão chega a corromper a lógica social, comprime-se a saúde de sujeitos singulares e coletivos. Assim, expressões colonizadoras tornam-se motivos de adoecimentos por “perda de sentido, anomia, psicopatologias e alienações, com todas as suas consequências” (MELO *et al*, 2016, p.6) determinando que singulares forças transformadoras da vida se destaquem em individualismos selvagens e desintegração sociocultural. “Isso é violência que abre o caminho para mais violência” (MELO, 2010, p.12).

A evolução social racionaliza a comunicação por um lado e por outro aumenta a complexidade desagregadora. Nos dias atuais, ela tem configurado a substituição dos mecanismos de interação intersubjetiva que renovam o mundo da vida por imperativos sistêmicos que controlam pelo dinheiro e pelo poder. Dessa compressão, resulta a colonização (e sua reedição) do mundo da vida, o que consiste em violência suscitando mais violência. (MELO, 2010)

O mundo da vida jamais foi puro, isento de violência. Novos vínculos, identidades e percepções, podem renovar o mundo da vida e mudar as relações entre ele e o sistema. (MELO, 2010).

Se Violência consiste na objetificação de sujeitos por força física ou qualquer outro mecanismo de coerção sobre a práxis da autonomia, de que resulta dano ao reconhecimento entre sujeitos mediado pela linguagem e se, a “(...)colonização do mundo da vida nada mais é do que a perda generalizada dessa condição: é, portanto, violência por si própria, que gera mais violência (...)” (MELO, 2010, p.13). A colonização pode ser considerada como a própria violência ou gênero de violência que se configura em múltiplas espécies. Logo, as diversas formas de se explicar a violência e sua reprodução podem ser concebidas a partir da colonização, o que faz com que a violência participe das exclusões e desigualdades sociais. (MELO, 2010)

Como violência corresponde a perda de reconhecimento por qualquer forma de dominação ou coerção, seu saneamento passa pela recuperação da competência de fala dos sujeitos, explorando-se as “potencialidades interativas e criadoras da fala - no sentido do uso da linguagem como práxis social.” (MELO, 2005, p.176).

Claro está que o enfrentamento e a solução da violência se encontram na descompressão das interações intersubjetivas mediadas pelo entendimento linguístico. Disso resulta a criação de estratégias e de ambientes de formação de opinião e vontade coletivas, o que implica em promoção de saúde. (MELO, 2010)

A promoção de saúde se articula no contexto da democracia e do direito por sua natureza conjuntiva, conformada pelo entendimento linguístico com que sujeitos do mundo tecem e conservam acordos racionais em reconhecimento recíproco. (MELO *et al*, 2016)

“O que está em jogo nesse acordo é exclusivamente a força das razões apresentadas, portanto, o argumento e, exatamente por isso, por não envolver alguma outra coerção, a relação que se estabelece é de intersubjetividade” (MELO, 2016 *et al*, p.19).

Destarte, a integração de interesses nas relações intersubjetivas é isenta de violência. (MELO; MELO, 2016).

1.1.3.1. Reconhecimento e discurso prático

Quando a pretensão de validade de correção normativa é questionada surge o discurso prático, porém, é a própria norma, necessitada de justificação, é que é alvo de questionamento (MELO, 2010).

Válidas são as normas que contam com o acordo de todos os sujeitos do reconhecimento recíproco que participam de um discurso prático. Nesse sentido, se enfraquecem as tradicionais pretensões de certeza incontestável. Assim, o princípio do discurso passa a fundamento de uma teoria da moral ao se considerar moral o consentimento participativo de todos. Cada um a tudo pode problematizar e julgar imparcialmente, com consciência social respeitante a efetivação do discurso prático e das normas, dessa maneira constituídos. (MELO, 2010)

A efetivação das normas demanda por desenvolvimento crescente de complexidades cognitivas e organizacionais que aliviem sobrepesos dos sujeitos do reconhecimento. No suprimento dessas necessidades o direito complementa a moral. Ele encontra recursos em seu arcabouço institucional e no legítimo potencial coercitivo de suas normas. Então, sem esquecer a tradição, o direito incorpora o discurso prático para, com imparcialidade de julgamento, normatizar pela vontade coletiva. (MELO, 2010)

Claro está que princípio do discurso e direito interagem entre si. Simultânea e congeneremente, disponibilizam-se dessa interação dois âmbitos interdependentes que compartilham suas existências. Um corresponde a autonomia política, o princípio de democracia, como institucionalização da dinâmica discursiva de formação da opinião e vontade coletiva. O outro equivale a legitimação do direito, ao direito legítimo (MELO, 2010).

Através da democracia, que coexiste ao direito legítimo, os sujeitos sociais do reconhecimento recíproco se realizam cidadãos por autonomia e por autoria dos direitos a que se destinam. (MELO, 2010)

A democracia confronta imperativos sistêmicos por opinião pública e poder comunicativo que influenciam a complexidade institucionalizada. O modelo de política deliberativa, para entender a realização da democracia, se dicotomiza segundo a mesma noção que divide o social em sistema e mundo da vida. Por um lado, essa realização comporta um âmbito legalmente regulamentado como sistema representativo, que atualiza o direito legítimo. Por outro lado, ela demonstra uma esfera pública de processo

discursivo de formação de opinião e de vontade em espaços que se abrem à universalização pela inclusão de atores sociais em dinâmica solidária. (MELO, 2010)

A dimensão pública se enraíza na sociedade civil, detecta e tematiza constrangimentos que os sujeitos experimentam cotidianamente uma vez confrontados com os diversos sistemas. A partir de experiências individuais a interação intersubjetiva mediada pela linguagem se generaliza e se distancia dos contextos específicos, ampliando a cidadania¹⁴. A esfera pública debate os problemas e necessidades dos atores sociais ao ponto de tratamento pelo complexo institucional¹⁵ do sistema de representação. Ela não legisla, porém supre a instituição para consideração, deliberação e aprovação de medidas em formas que incluam leis, políticas¹⁶, programas e projetos. (MELO, 2010)

É preciso lutar contra injustiças, desigualdades e opressões, “ainda que muitas vezes lutar signifique ”oferecer a outra face” ou, se assim se preferir, ter paciência, pois o tempo ainda não é propício nem as condições maduras” (MELO, 2010, p.21). É inaceitável que desigualdades e injustiças sejam o melhor para o humano, mesmo que haja completa descrença no êxito para distingui-las e para resolvê-las. O que verdadeiramente importa é a práxis da autonomia, em detrimento de “verdades dadas e inquestionáveis”. (MELO, 2010, p.21)

O entendimento linguístico, ao contextualizar a liberdade individual em interação social, significa abertura à universalização da autonomia que se ambienta no domínio da equivalência entre ação comunicativa e discurso, onde a vontade racional encontra seu preciso lugar. Considerando-se que o princípio do discurso se torna princípio de direito e de democracia, bem como poder de comunicação e poder administrativo, compreende-se que a *práxis* da autonomia venha a ser meio de controle de estratégias sistêmicas e de totalização do acordo, da interação compartilhada, em articulação com a promoção de saúde. (MELO; MELO, 2016)

¹⁴Para operacionalização das ações de Promoção da Saúde, é preciso consolidar práticas voltadas para o indivíduo e para o coletivo, sob a perspectiva multidisciplinar, integral e em rede, considerando todas as necessidades da população, sob perspectiva de políticas públicas. (CAMPOS *et al*, 2017)

¹⁵A promoção da saúde objetiva o desenvolvimento da capacidade orgânico-psíquica das pessoas e é de responsabilidade institucional. (FLEURY-TEIXEIRA *et al*, 2008).

¹⁶As políticas desenvolvidas estabelecem redes de apoio e participação das pessoas e das comunidades, em especial dos grupos vulneráveis, “em ações coletivas para a melhoria de suas condições de saúde e bem-estar” (BUSS; PELLEGRINI, 2007, p.86), e, também, para que se constituam em atores sociais e participantes ativos das decisões da vida social, como também criação de políticas e de “mercado de trabalho, de proteção ambiental e de promoção de uma cultura de paz e solidariedade que visem a promover um desenvolvimento sustentável, reduzindo as desigualdades sociais e econômicas, as violências, a degradação ambiental e seus efeitos sobre a sociedade”. (BUSS; PELLEGRINI, 2007, p.86)

1.2. Saúde e violência no âmbito da similitude

A práxis médica que se orienta pelo Princípio de Semelhança¹⁷ e que se denomina medicina homeopática surgiu com Samuel Hahnemann, na Alemanha, no fim do século XVIII (CORREA; SIQUEIRA-BATISTA; QUINTAS, 1997). Em consonância com esse princípio, trata-se enfermidade natural mediante reconhecimento da totalidade essencial de sua realidade dinâmica, por meio de semelhante memória experimental de efeitos puros de uma substância previa e suavemente provada na saúde (HAHNEMANN, 1996).

Tomando-se a enfermidade como dispersão ou fragmentação no domínio da estranheza e seu saneamento homeopático mediante assimilação, aceita-se que a terapêutica orientada pelo princípio de semelhança corresponda a aplicação do reconhecimento para se alcançar integração e simplificação orgânica ou totalizante, em ambiente homogêneo de comunhão, de comunicação.

Ademais, por se estabelecer em experiência suave e prévia na saúde, é admissível que a terapêutica homeopática aprimore a práxis vital por razões dispostas entre dois marcos. De um lado, em sintonia com o cuidado pela autonomia, por não prescindir da memória de própria experiência no âmbito orgânico que fomenta o humano e que representa a vida em sua singularidade. De outro, no âmbito do reconhecimento que acolhe a situação de vulnerabilidade, por manejar medidas já vivenciadas pelo próprio mediador terapeuta, em clara promoção da simpatia e do com-sentimento, da compreensão amorosa em que a implicação se fortalece pelo influxo da reciprocidade.

Sócrates entende por semelhança a necessária participação das ideias com relação às coisas (PLATÃO, 2009b). A participação realiza a vida no melhor, bem ou belo. Ela se implica com a conformação de unidades orgânicas essenciais por totalização de diversidades pelo influxo ideal de acordo, de conciliação e significa adequação, amizade

¹⁷Entende-se por semelhança: “parecença entre seres, coisas ou ideias que têm elementos conformes, independentemente daqueles que são comuns à espécie; analogia, identidade; aparência exterior; aspecto; comparação entre duas coisas; confronto, cotejo, paralelo.”, que se relaciona com “que é da mesma espécie, qualidade, natureza ou forma, em relação a outro ser ou coisa; parecido com o modelo; pessoa ou objeto da mesma natureza de outro, ou similar a outro; lembrar; como demonstrativo refere-se comparativamente a algo já expresso anteriormente.” (HOUAISS, 2001, s.p.)

Sua compreensão se liga a noção de “possuir algo em comum” (Dicionário *online* de português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/semelhanca/>)

Etimologicamente, seu significado se abre a “exatidão, verdade, paridade, relação, uniformidade, imagem, imitação, representação, simultaneidade, simplicidade, ingenuidade, candura, unidade, juntamente, igualmente, semente, germe, princípio, causa, fonte, origem”. (TORRINHA, 1986)

entre as realidades, existência justa, generosa e de perdão de diferenças¹⁸ (PLATÃO, 1986a; PLATÃO 1991; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2010c).

Consequentemente, o princípio de semelhança ou participação orienta a práxis vital a tecer consonâncias em vida solidária e acolhedora de desigualdades, acordo essencial que ele é, à maneira da reprodução da semente em muitas outras sementes similares, conforme sua imagem.

De vez que a assimilação participativa organiza, conserva e atualiza realidades orgânicas, consente-se em que ela oriente a saúde e que o faça com a força de articular coesão pelo interesse no bem comum, terreno cidadão de moderação e de compartilhamento.

Então, o princípio de semelhança totaliza as realidades de que participa com inspiração associativa. Ele se institui como ideal que se abre a universos sociais fraternos e comunicativos, co-responsáveis na atualização de acordos sob a convenção do melhor.

Logo, se o fluxo de aperfeiçoamento é impedido, o que disso se colhe é a inquietude do mal-estar, cuja angústia reforça a necessidade de se recuperar a senda do melhor, que demanda por acordo mais inclusivo. Por conseguinte, em função do reforço da amizade, a penúria cede lugar ao bem-estar.

O princípio de semelhança não se cansa de buscar adequações e, enquanto trabalha para recuperar sua memória nas coisas de que participa, simultânea e permanentemente, em si mesmo repousa e comunica serenidade aos que com ele se afinizam.

A assimilação é incansável no trabalho de reconduzir a amizade em perspectiva universalizante, renovando alternativas que simplifiquem negações por conciliação mais e mais totalizante. Essa força de confraternizar, de manifestar conaturalidade, sempre reage vivamente, com vigor e tenacidade, para neutralizar e opor amor e perdão à diferença que a fira forasteira e ferozmente, por ignorância ou esquecimento do acordo universal.

Nessa perspectiva, o princípio de semelhança saneia enfermidade ou violência, restabelecendo saúde, revigorando a práxis humanizadora, libertando sua disposição da opressão, a partir do aparentemente mais oprimido nela (FREIRE,1970).

¹⁸“As ideias se encontram na natureza a maneira de paradigmas; as coisas se lhes assemelham como simples copias que são, consistindo, a participação das ideias com relação as coisas em se assemelharem estas a aquelas” (PLATÃO, 2009b, p.7)

De fato, na terapêutica médica regida pela similitude, será a partir da parte mais enferma da disposição mórbida que se alcançará melhor totalização, simplificação e economia, para se curar com brevidade, suavidade e racionalidade, segundo lei natural. Essa lei corresponde justamente ao princípio de semelhança (HAHNEMANN, 1996).

Com o auxílio da similitude e de maneira singular, o enfermo predisposto à cura, sob influência, mas não inteiramente dominado pela enfermidade, se recupera a partir de si mesmo, rememorando a ideia do acordo universal de que ele próprio participa, para se reconhecer, antes de tudo, susceptível e ferido na própria interioridade e, assim, perdoar as diferenças por se igualar com elas e assimilá-las (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983f).

A homeopatia¹⁹ se enraíza na medicina hipocrática que, a seu turno, atualiza uma tradição de similitude terapêutica baseada na noção da necessidade natural²⁰ de semelhança, de filia, de acordo ou de conjugação universal.

Fundamentalmente, a semelhança universal se caracteriza pela disposição do mesmo em oponência para trazer as diferenças sob domínio do acordo, da conciliação que determina favorecimento entre contrários naturais; pelo amor da força de coesão do acordo por alternativas isonômicas, moderadas, justas e sob medida, susceptíveis de serem representadas por direito, democracia e medicina; por determinar geração de um contrário a partir do outro sob influxo da simetria e da preservação da diversidade e, em domínio sensível ou de força de repressão e por determinar simplificação crescente de igualdades por amor à união; pelo aprendizado por recordação a partir da memória de experiência; pela compreensão que liberta a ideia ou igualdade de sua participação nas

¹⁹ No Brasil, a homeopatia é especialidade médica desde 1980 (CFM. Res nº 1.000/80). Em 1985, o título de especialidade médica, antes emitido pelo Conselho Federal de Medicina, passou a ser conferido mediante aprovação em prova de título conforme procedimento adotado para qualquer especialidade médica brasileira, em convênio entre a Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB) e a Associação Médica Brasileira (AMB) e, mais recentemente, também por conclusão em Residência Médica em Homeopatia (CNRM, 2010). Em 2006, a inserção no SUS da Medicina Homeopática foi prevista pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (MS/PNPIC, Portaria nº 971/2006) e, em 2014, a Política Nacional de Promoção de Saúde (MS/PNaPS, Portaria nº 687/2014). A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) admite a homeopatia como um sistema médico complexo de caráter holístico elaborado por Samuel Hahnemann e apoiado em Hipócrates, e considera relevante a possibilidade de escolha deste tratamento no âmbito do SUS. (MS/PNPIC, Portaria nº 971/2006)

²⁰ A natureza (*Phýsis*), originaria e originante, sem aprendizado prévio, governa por decretos inamovíveis de *phylia* ou de amizade, supondo conciliação ou congeneridade à sua disposição. (ENTRALGO, 1987)

diferenças, nas sensações, opressões ou feridas; pelo amor ao começo que é simultâneo, que está na origem e concomitantemente no fim e que, desde que esteja o fim por se revelar, torna imprescindível que os dados da objetividade prática se reconheçam pela inteligência, pela teoria, mediante práxis vital (ENTRALGO, 1987; HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1993; HIPÓCRATES, 1997a; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1986b; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2000; PLATÃO, 2003a; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010c).

Em consequência, a semelhança universal continua a se distinguir pela satisfação do acordo por meio da reflexão, no domínio do próprio, da pureza ou do ideal, o que significa amortecimento capaz de ensejar abastança ou recursos a partir da própria essência; pelo reconhecimento recíproco com que diferentes chegam ao acordo pela força da refutação, do argumento racional e que é o que condiz com o bem comum, representante do melhor; pela medida que se dispõe em ação e reação ou que faz com que se encontrem nela mesma ação e reação, fazendo com que autores de sentenças a elas se destinem eles próprios em regime de igualdade social ou de cidadania; pela noção de que ela tanto é origem quanto fim das realidades (HIPÓCRATES, 1983e; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2000; PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010c).

A Grécia antiga admitiu que as leis regentes das esferas humana e não humana do universo se norteiam por uma mesma ordenação, por uma “legalidade imanente” (JAEGER, 2001, p.15). A noção de unidade natural corresponde à semelhança, ao necessário acordo ou entendimento. A convicção grega de que todas as leis são fraternas, comunicantes entre si, (PLATÃO, 2010a) antecede ao hipocratismo. Essa anterioridade pode ser exemplificada pelos seguintes enfoques míticos e lógicos da cultura helênica pré-hipocrática de semelhança: Quirão que, a partir de ferimento incurável, tendo aprendido medicina consigo mesmo e ensinado-a a Asclépio, que se configura pela conciliação entre metades oponentes, simboliza o aprendizado sob presidência da própria experiência; Prometeu, acorrentado ao Cáucaso, que teve o fígado destruído de dia e reconstruído à noite, até consumir a própria alforria sob aprovação divina, mostra a disposição em oponência do mesmo, seja o divino, o fígado ou o dia, em confirmação ou em resgate da própria autonomia, da própria liberdade lógica; Édipo, equiparado a parricida da similitude, se teve à conta de responsável pela

peste tebana por ter assassinado seu pai em virtude de não tê-lo reconhecido, a despeito de muito semelhante a ele; Édipo consentiu em ser enterrado vivo em colono para realizar o acordo com Teseu e a amizade com os atenienses; A intuição de Ulisses para promover o acordo entre os pretendentes de Helena realizou a similitude no marco da máxima “um por todos, todos por um”; Sob a predição de similitude, a cura de Télefo se realizou consoante a diretriz oracular de que ele se curaria com aquilo que o havia ferido; A planta *moly* conciliava contrários e foi presente divino útil para a prevenção e cura dos encantamentos de Circe; Anaximandro de Mileto ensina que o fim de uma coisa se assenta naquilo que lhe dá origem, conforme uma contra indenização sob ordem temporal (BRANDÃO, 1987; HIPÓCRATES, 2008; HOMERO, 2005a; HOMERO, 2005b; REALE, 1993).

A máxima de Anaximandro encerra uma forma de se enunciar o princípio de semelhança. Com ele concorda o autor de “Sobre os lugares no homem”. Para o hipocrático, tudo no corpo é conjunto homogêneo em si mesmo e comunicativo e, igualmente, princípio e fim, conforme a noção de que as coisas, assim como são e por que se produziram, se curam ou por seus semelhantes ou por seus contrários. (HIPÓCRATES, 2003)

A cura por similitude é geral e particular. E o é em função da necessidade natural do acordo que, se é geral, também é especificada na variação, em semelhanças particulares (em diferenças), já que a similitude se reconduz em princípio, meio e fim. Levando em conta a multiplicidade de alternativas para que aconteça, a assimilação terapêutica se dispõe na convenção como cura pelos contrários. Contudo, ela se dispõe, equivalentemente, como cura pelos semelhantes. Se as variações discordam na aparência, sim, concordam com o sim ou com o acordo universal, mas não do mesmo modo, preservando-se, então, a noção de conjunto orgânico ou força do todo, contrária à se desintegrar ou a se anular. De todos os modos, a força particular de contrariar e que pretende isolar ou dissociar partes do organismo natural e, assim, danar o restante dele, não norteia o pensamento da terapêutica assimilativa, reservando-se ao cuidado paliativo de exceção. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008a; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011)

A raiz que integra toda a diversidade do saber médico contida na coleção hipocrática corresponde à consideração comum da enfermidade na perspectiva científica-natural do

cosmos (ENTRALGO, 1987, p.17). Entre a visão mágica ou cosmogônica de mundo e a cosmologia científico-filosófica do hipocratismo situa-se Alcmeón de Crotona²¹. A ele é atribuída a primeira formulação de saúde e enfermidade em base a essa noção. (ENTRALGO, 1987)

De acordo com o pensamento alcmeônico, saúde consiste em equilíbrio dinâmico (isonomia) ou na adequada mescla das qualidades corporais. Ao contrário, o predomínio ou monarquia de uma delas é causa de enfermidade, em relação à imoderação alimentar ou causas externas.²²

Porém, Hipócrates inclui na participação da imoderação na monarquia os hábitos do regime de vida em geral, com o que concordam Sócrates e Hahnemann (HAHNEMANN, 1996; HAHNEMANN, 2006; HIPÓCRATES, 1983e; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011).

De acordo com o hipocratismo, por saúde se entende um impulso vital dado em estado de amizade natural; em equilíbrio entre as qualidades ou potências que se misturam organicamente; em favorecimento recíproco; em convivência isonômica e participativa; em contexto articulado de inclusão e de assimilação; em que qualquer contrário da disposição natural não é somente princípio ou fim; em que tudo é simultâneo, homogêneo, congênere e comunicativo; em que as realidades se ligam por consonância ou simpatia; em que as manifestações propendem à verdade, segundo uma inteligente noção de melhor que é a manifestação na adequação. (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1997b; HIPÓCRATES, 2008; PLATÃO, 1986c; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b).

²¹ Alcmeon de Crotona (século V a.C.), filósofo grego pré-socrático, atuou como médico em Crotona. Foi “um dos principais discípulos de Pitágoras e quem primeiro escreveu sobre a natureza”. (ENTRALGO, 1968, p.18)

²² "Afirma Alcmeón que la salud está sostenida por el equilibrio de las potencias (isonomia tōn dynámeōn): lo húmedo y lo seco, lo frío y lo cálido, lo amargo y lo dulce, y las demás. El predominio (monarkhía) de una de ellas es causa de enfermedad. Pues tal predominio de una de las dos es pernicioso. La enfermedad sobreviene, en lo tocante a su causa, a consecuencia de un exceso de calor o de frío; y en lo concierne a su motivo, por un exceso o defecto de alimentación; pero en lo que atañe al dónde, tiene su sede en la sangre, en la medula (...) o en el encéfalo. A veces se originan las enfermedades por obra de causas externas: a consecuencia de la peculiaridad del agua o de la comarca, o por esfuerzos excesivos, forzosidad (ananke) o causas análogas. La salud, por el contrario, consiste en la bien proporcionada mezcla de las cualidades." (ENTRALGO, 1987, p.33-34)

A noção hipocrática de impulso vital corresponde à de que a práxis vital se rege por assimilação participativa que reproduz a condição de saúde em suas realizações orgânicas.

Compartilhando da noção de ordem natural de participação ou semelhança, Hahnemann (1796) questiona e considera pouco provável que haja contrário exato ou isolado entre as coisas naturais (HAHNEMANN, 1996). Seu conceito de saúde corresponde ao livre fluxo da vida (HAHNEMANN, 1984), no âmbito da cooperação e da coesão inclusiva. Conforme esses fundamentos, Hahnemann propõe que a medicina homeopática se baseie no poder natural do todo de neutralizar a força com que a sensação pode recortar o organismo. Nessa condição de dominação sensível é que a vitalidade particular tende a perder a capacidade de integrar e de conservar a vida (HAHNEMANN, 1996).

O hipocratismo distingue a enfermidade quando: se desarticula o organismo; a partição comprime a participação; se empobrece por esvaziamento da alteridade, da riqueza de alternativas; se comprime a memória da unidade, em estado de predomínio de algumas potências sobre o restante do todo; é obstaculizado o socorro de um contrário por seu oposto, por opressão da simultaneidade ou presença concomitante na disposição ou *Dynamis* da *Phýsis*, fazendo com que a ferida da brevidade manifeste um contrário à frente e outro atrás ou que um deles se destaque na dianteira; por deficiência de assimilação, algum princípio ativo da dieta ou do regime de vida não é devidamente evacuado e se localiza, isolando-se assim, em alguma parte, suscitando a sensação de mal estar (HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011).

Hipócrates, que se alinha à convicção de Alcméon de Crotona sobre saúde e doença, identifica a enfermidade na dominação de certa potência ou força sobre o organismo. Isso significa que a violação da ordem cósmica representa doença. Destarte, a enfermidade se equipara a violência. Se a enfermidade contraria a saúde e vida, fazendo-o semelhantemente à violência, sendo ambas assim confundidas em mesmos efeitos, então, elas se equivalem.

A perspectiva que olha a violência da maneira como olha a enfermidade, se implica com a noção que pensa a vida como manifestação da natureza ordenada por amizade radical, soberana e insuperável (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1983g; HIPÓCRATES, 1997b; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008a; PLATÃO, 2008b). Esse pensamento relaciona o acordo com a melhor práxis vital. Assim, de

acordo com Hahnemann, a harmonia que se identifica com estado de saúde se volta para os altos fins da existência e se implica com a transformação humana à procura cotidiana do melhor. (HAHNEMANN, 1996; HAHNEMANN, 2006)

A ênfase que se concede à consecução dinâmica do melhor permite que se compreenda o princípio de semelhança nesse percurso e que a obstaculização dessa meta se constitua em enfermidade ou violência.

O acordo condiz com o equilíbrio dinâmico que governa a diversidade, sob influência do princípio de semelhança. Ao assimilar, o acordo neutraliza a contradição que se dispõe em contrários. Conciliando assim, o acordo compartilha características com o momento (PLATÃO, 2009a).

Não sem razão, a cura por assimilação terapêutica deve se desenvolver no âmbito da brevidade (HAHNEMANN, 1996), do momento oportuno, da ocasião fugidia, da crise ou da mescla, que otimiza a cocção hipocrática (HIPÓCRATES, 1983a; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2008).

Para assimilar a enfermidade ou violência, a conciliação fortalece a saúde. Dessa forma, o acordo liberta a saúde da opressão, mas também a revigora para não se deixar dominar, a não ser pelo melhor, que é o bem comum (HAHNEMANN, 1984; HIPÓCRATES, 1983d; PLATÃO, 2008b;).

Nessa dinâmica, se amolece a dureza do não ao acordo, trazendo-o da rota de anulação do sim, para o rico contexto dialógico das razoáveis alternativas do não-sim (PLATÃO 2003b; PLATÃO, 2008b).

A assimilação participativa acolhe o tempo das coisas e confere brevidade ao crônico por cultura de presença ou de momento presidida por saúde, com saber de agudizar a duração com inteligência (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1989a).

O princípio de semelhança equilibra todas as realidades para Hipócrates (2003), que concebe e divulga a natureza como uma e múltipla, em sentença que resume a assimilação ou participação como necessidade natural. (HIPÓCRATES, 2008) (PLATÃO, 2008b). Então, a práxis vital orientada pelo princípio de semelhança o percebe, também, como gênero, simplicidade ou moderação, de que participa conversivamente tudo o mais, por experiência que não o esquece e que pode ser organizada por inteligência, com suspensão de juízo (HUSSERL, 1989; HUSSERL,2006), em ordenação totalizante (HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES,

2003; HIPÓCRATES, 2008; PLATÃO, 2008b). Ela o compreende como conjugação essencial entre lei e amor que assimila variações e que trata retalhos, criativa e transformadoramente, em dinâmica inteligente de reconhecimento (CRUZ, 2007; HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b).

A assimilação ressignifica a dispersão do humano nas partições da natureza orgânica mediante perdão das diferenças, por favorecimento recíproco entre todas elas, como o faz a memória experimental (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2008).

No fluxo de um impulso vital que propende à verdade, a inteligência simplifica a memória singular de experiência ou a percepção das sensações, conciliando no limite do momento, totalizando determinações por trabalho conversivo de reordenação, processo que fomenta o humano (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO 2008b; PLATÃO, 2009a).

A conjugação vital pode ser, ainda, traduzida pelo verbo ou discurso, a um só tempo fundamental e disposto em realidades (BÍBLIA, 1985a; HIPÓCRATES, 1983b; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 2008; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a; UBALDI, 1987). Enfatizando a conexão natural, ela norteia o método assimilativo e médico de simplificar dados da dispersão sensível em imaginário inteligente autorizado pela prova na saúde, sob as luzes da prudência e da regra áurea que inspira a ação preparada por auto-experiência, dado que a assimilação discursa a experiência da unidade pela manifestação da trindade entre um e múltiplo.

O propósito da assimilação é conservar e restabelecer a saúde dada, sob orientação da vida em filia natural, o que consiste em neutralização de eventual fratura da ordem orgânica e participativa por violência ou enfermidade. ((HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1990; HIPÓCRATES, 1997c; HIPÓCRATES, 2008; PLATÃO, 2008b).

A assimilação terapêutica se institui como práxis vital nos âmbitos da prevenção e cura de doenças, bem como no da adequação às alterações da saúde. Ela trata singulares desequilíbrios dinâmicos enfatizando a atenção aos indivíduos e coletividades particulares. Esse processo auxilia a ressignificação de sujeitos em perspectiva orgânica, totalizante, mediante próprias memórias de experiências, para que eles melhor se relacionem com seus contextos de convivências, incluindo os ambientes

(HAHNEMANN, 1996). Tal habilidade se implica com descompressão da práxis da autonomia.

Em face dessas razões, reafirma-se que a violência constrange a práxis da autonomia e se expressa como enfermidade, em domínio de ignorância, de injustiça, de maleficência, de tirania e de empobrecimento (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008a; PLATÃO, 2010b). Então, o discurso do sujeito se desagrega, em decorrência da alienação de seu estado, onde a percepção se dissocia da inteligência e há incapacidade de simplificar a dispersão. Em condições tais, as diferenças prevalecem sobre a conjugação, sobre o amor ou filia natural de perdoar diferenças com suspensão de juízo, e perde-se em poder de resignificação de acordo com própria memória experimental (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983e; PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2008b).

No marco da participação responsável, o princípio de semelhança governa a vida em processo inteligente de reconhecimento, fazendo conjunto entre, de um lado, as múltiplas alternativas e, de outro, a singularidade, em dinâmica comunicativa de todos por um e de um por todos, de maneira inclusiva, com compreensão de momento ou de suspensão de juízo, em trabalho conversivo e ressonante, que desenha a roda verbal ou espiral fenomenológica, onde tudo volta naturalmente, sem que volte do mesmo modo, naturalmente ainda (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a; UBALDI, 1987). Nessa conversa fenomenológica, em roda ou espiral ressonante que respira inclusão, um e múltiplo se neutralizam reciprocamente pela unidade natural ou princípio de semelhança.

O princípio de semelhança se coloca organicamente pelo reconhecimento que discursa o acordo por um influxo de reciprocidade e coesão para se manifestar pela espiral dinâmica que integra rodas de conversa.

Destarte, o princípio de semelhança acontece nos âmbitos ideal e prático da roda viva e dinâmica de conversa.

Ele inspira, conspira e respira na experiência de particulares rodas de conversa em diversos momentos, como espiral fenomenológica que exprime a potência conversiva do discurso. Conseqüentemente, o princípio de semelhança se manifesta em e por rodas de conversa.

Claro está que a ação comunicativa traz o discurso como sua forma reflexiva pura para enriquecer o entendimento intersubjetivo, superar constrangimentos e fomentar a práxis da autonomia. É evidente, ainda, que a pujança desse roteiro dialógico e cidadão, em seu desdobramento em direito e democracia, resulta em promoção de saúde. Assim, se consente em que, de fato, a promoção de saúde acontece em rodas de conversa.

Como rodas de conversa representam o lugar dinâmico onde a práxis vital reúne as melhores condições para que a promoção de saúde e o princípio de semelhança se efetivem, é aceitável que, por força desse encontro, ambos compartilhem estreita conjugação e que o princípio de semelhança pode contribuir para se pensar, elaborar e atualizar a promoção de saúde.

2. O RECONHECIMENTO DA MEMÓRIA DE PRÓPRIA EXPERIÊNCIA DO PRINCÍPIO DE SEMELHANÇA.

2.1. Memória e reminiscência na práxis assimilativa

A cura do desequilíbrio dinâmico da saúde orientada pelo Princípio de Semelhança é, em conformidade com o pensamento hahnemanniano, mediada por memória experimental, própria ou não. É mais adequado que ela se fundamente em Memória de Própria Experiência. O reconhecimento daquilo que é digno de ser regularmente curado, que se traduz por sensação modalizada de doença, baseia-se no conhecimento seguro do poder curativo de cada medicamento. A essência medicinal capaz de alterar a saúde concilia poder de provocar, simultaneamente, distúrbios mórbidos específicos e cura. Essa essência não pode ser reconhecida em si mesma, mas, sim, pelas mudanças que ela é capaz de produzir no organismo sadio, em especial do próprio médico. Os medicamentos curam pela mesma força inerente com que alteram o estado de saúde do homem. Assim, para curar homeopaticamente, a escolha do melhor medicamento deve recair sobre aquele cuja força de modificar a saúde apresente a máxima semelhança com a doença natural observada, reconhecível pela totalidade de seus principais sintomas. Desse modo, recorre-se à memória de própria experiência para se assimilar terapêuticamente. (HAHNEMANN, 1984; HAHNEMANN, 1996; HAHNEMANN, 2006).

Sócrates estreita fortemente a relação entre memória e semelhança. Para ele, o melhor para todos os seres é a participação na memória. E, como é de se esperar, no mais que lhe seja afim, como a medida, a combinação, o oportuno, a inteligência, o saber e o raciocínio verdadeiro. Ele assinala que Memória corresponde a conservação da sensação que, por sua vez, consiste em experiência simultânea da alma e do corpo em relação a um mesmo agente, fazendo com que eles se movam em conjunto, que se co-movam²³. Todavia, há reminiscência quando a alma, a sós consigo mesma, recupera lembrança de

23 A palavra comover, por sua origem latina, significa mover conjuntamente. Fonte: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/comover/>. Acesso em 04 de junho de 2019.; *Liturgia da Palavra I: Reflexões para os dias de semana*, Padre José Carlos Pereira. Fonte: https://books.google.com.br/books?id=1wO6DAAAQBAJ&pg=PT162&lpg=PT162&dq=comover+move+r+com&source=bl&ots=X3JhAm5aL6&sig=ACfU3U1At-E0yEjwZjQn0C2HBCXaxlgXHA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwia75-W8c_iAhVJuVkkHTcoA7gQ6AEwCXoECAkQAO#v=onepage&q=comover&f=false. Acesso em 04 de junho de 2019.

sensação e de conhecimento. Resultantes das sensações, memória e opinião formam ciência ou conhecimento quando se estabilizam. No momento em que se experimenta qualquer que seja a sensação, não é somente a coisa em questão que se percebe, mas há recordação daquilo de que se teve a imagem²⁴ e que o tempo ou a distração fizeram esquecer. Se por um lado, a percepção sensível capta a coisa evidente, por outro, abre-se para um conhecimento diferente, relativo a outra coisa. Nessa oportunidade, o pensamento²⁵ recorda essa outra coisa que ocorre à mente. É possível evocar ao espírito ou à inteligência, mediante percepção sensível, uma outra coisa diferente da percebida e que se encontrava esquecida, seja a coisa percebida semelhante ou dessemelhante. Destarte, a percepção sensível do semelhante ou do dessemelhante produz uma recordação. A reminiscência se produz por semelhança e dessemelhança, sem requerer perfeição de semelhança. Para a reminiscência é indiferente, pois, que se pense semelhante ou dissemelhançadamente sobre a realidade percebida. Por reminiscência, de coisas iguais apreende-se a noção de igualdade em si, diversa das outras igualdades. O princípio de semelhança comunga maiores e menores semelhanças em mesma igualdade: assim, mediante recordação, apreende-se a igualdade da coisa pela experiência das coisas que a modalizam na diversidade. Dessa forma, chega-se também à concepção do igual em si a partir das semelhantes e diferentes igualdades. Logo, o aprendizado vem a ser uma recordação, uma reminiscência. (PLATÃO, 2001; PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a).

De acordo com Hipócrates, a recordação é indispensável ao método médico assimilativo. Para o hipocrático, a violência da enfermidade pode ser precisamente saneada pela prática associada à razão, por esse gênero companheiro que, quanto aos opostos, combina e favorece reciprocamente, que significa memória, medida, momento oportuno, brevidade, ocasião fugidia ou simultaneidade. Ele concebe a enfermidade como certa espera e o tempo como senhor da remissão delas. Então, em conexão de conaturalidade e por manejo de memória, Hipócrates acolhe enfermidade e cura no

²⁴ “Lembra-se ou se esquece segundo a imagem, que é o que a inteligência, alma ou espírito, imprime sobre a percepção sensível da experiência ou sobre as concepções próprias. Conforme a imagem ou impressão ocorre lembrança, incluindo a reminiscência. Lembra-se enquanto dura a imagem ou impressão das percepções e concepções”. (PLATÃO, 2005, p.83)

²⁵ “Pensamento é a operação com que a alma, sobre um mesmo objeto, dialoga consigo mesma, através de perguntas e respostas a que ela mesma responde. Quando há conclusão do pensamento, há uma opinião. Interrogando a si mesma, respondendo a si mesma com sim, com não ou com saltos e chegando a uma convicção coerente, sem alimentar dúvida ou desacordos, tem-se a própria opinião. Diálogo é a formação da opinião”. (PLATÃO, 2005, p.80)

domínio do momento, da medida contrária. Tal noção leva em conta que a igualdade natural, como necessidade ou impulso vital, ordena a manifestação do melhor na adequação para concordar e refutar desacordos e inimizades. A meta²⁶ para a qual se orienta o método assimilativo, é a recondução do acordo como esperança de bem comum entre as experiências; é sintetizar particularidades em um mesmo tema, no consenso. Essa esperança de conhecimento, de verdade no acordo das experiências, vem a ser recordação ou meta teórica, cujo começo se referênciava pelo dado objetivo. Ela se compõe a partir do que a percepção, de maneira sensível, captura dos fatos evidentes e diversamente modalizados. Experimentadora prévia do que evidentemente sucede, a percepção se vale de imagens e conduz as impressões reais para que a inteligência as receba e deposite todas em si mesma, coisa por coisa e, assim, recorde. A inteligência, cuja natureza é exercitada e ensinada pela multiplicidade, se encontra dominada pelo impulso vital que a orienta para a verdade. (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a)

Para a cultura assimilativa de amizade natural de não-violência (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2009a), terreno em que a práxis da Medicina Homeopática se estabelece, a melhor maneira de auxiliar indivíduos a se libertarem e se conservarem livres da violência ou enfermidade (HIPOCRATES, 2003) é a que se apoia em memória de própria experiência do princípio de semelhança (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983f).

Hipócrates admite que o discurso médico que desconsidere a necessidade de ressignificação do sujeito em situação de enfermidade ou de violência, por não levar em conta a Memória de Própria Experiência, está fora de realidade. Ele está, entretanto, no enquadramento da conjectura, do engano, da inutilidade e do prejuízo para a vida. Consoante seu pensamento, o humano pode ser melhor compreendido a partir da singular experiência de sentido em sua relação com a memória, da experiência na própria saúde e, portanto, por Memória de Própria Experiência (HIPÓCRATES, 1983f).

²⁶ A palavra método tem origem grega e significa perseguição, ato de ir atrás, investigação científica ou modo de perguntar, já que composta por *meta* (através de, por meio, atrás, depois e também reflexão, raciocínio, verdade) e de *hodos* (via, caminho). Fonte: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo/>. Acesso em 04 de junho de 2019; <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-da-palavra-metodologia/>. Acesso em 04 de junho de 2019

Uma vez que a participação das coisas na igualdade em si equivale à sua experiência, que esse impulso vital de justa amizade corresponde a assimilação, que a memória de sensação chega a ser ciência de medida e que por reminiscência a inteligência recupera do esquecimento a necessidade da adequação para realização da vida, pode-se concordar que a memória de própria experiência seja qualidade do Princípio de Semelhança indispensável à sua identificação e manejo orientado pelo e para o bem comum. Essa perspectiva de realização assimilativa se aproxima do agir comunicativo que, conforme Melo, de maneira cooperativa, auxilia pessoas em situação de violência a se ressignificarem, no interesse da Promoção da Saúde e da Prevenção da Violência (MELO, MELO, 2016; MELO *et al*, 2016).

2.2. A memória de própria experiência e o método assimilativo

Entende-se o princípio de semelhança por filia que se reflete, que se dispõe entre relativas grandezas menos e mais de si mesma, ou ainda, amizade que se manifesta por incontáveis conexões entre os relativos um ou múltiplo, igualdades ou medidas que se reconduzem em abundantes alternativas meadas entre duvidosas pobreza ou riqueza dela própria (PLATÃO, 1986; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b). Para o pensamento assimilativo, a natureza é mais verdadeira na combinação, no meio, na consonância ou simpatia, na moderação, na riqueza apolar. Ela é menos razoável na polaridade do exato isolado (HAHNEMANN, 1996; PLATÃO, 2009a). As combinações correspondem a símiles, a potenciais memórias que não esquecem nem o princípio de semelhança, nem sua disposição na multiplicidade. Através delas, o princípio de semelhança orienta o método assimilativo de levar unidade às disposições.

Um símile representa a Memória de Própria Experiência (HAHNEMANN, 1996). Ele corresponde à medida contrária (HIPÓCRATES, 2003), à conciliação entre os opostos efeitos primários e secundários (HAHNEMANN, 1996), à potência de agir e de sofrer reação (PLATÃO, 1986; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b) e se manifesta como moeda de troca para incluir e ser incluído, com poder para compreender, de estabelecer equivalências (HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2003). Desse modo, entende-se o poder dinâmico do Princípio de Semelhança como força de conciliar e de articular vórtices de totalidades conversivas (HIPOCRATES, 2008; PLATÃO, 1986; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b)

O método de Hipócrates para compreender e auxiliar à atualização da natureza humana se vincula à noção de *símile*, que é uma potência natural ou um fundamento conversivo de promover favorecimento e de harmonizar contrários, cuja substância é o princípio de semelhança, equivalente a medida de assimilar, de perdoar diferenças, como memória de própria experiência (HIPÓCRATES, 2008). Esse procedimento obteve a simpatia de Sócrates, que o reivindicou para a filosofia partejar consciência assimilativa pelo discurso lógico. Hahnemann também o adotou. Hahnemannianamente, parte-se de objetividades dadas na sensação para enfeixá-las em singulares potências conversivas, mediante inteligíveis recursos de memória (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008a; PLATÃO, 2010b).

O método se norteia pelo poder assimilativo que articula dados sensíveis, compondo *símiles*, sínteses entre objetividades e inteligências, com saber de afinizar empirismo e reflexão racional para se traduzir em *práxis* (HIPÓCRATES, 2003). Ele incorpora organicamente todos os discursos, seres ou potências, do micro aos macrocosmos. Seguindo-o, parte-se da dada desagregação ou dos evidentes diferentes, para reuni-los gradualmente em sínteses cada vez mais genéricas. Desse modo, continua-se em progressiva simplificação totalizante, favorecida por estações de inversão. Esses degraus não passam de grupos de semelhantes que, ao reverso, quando se abrem para a seguinte rodada conversiva, tornam-se diversos a serem mais sintetizados. Observam-se e se incluem os dados por equivalência, de degrau em degrau, de medida em medida, de nexos em nexos, quando, contraditoriamente, uma medida é assimilativa por um lado e diferença a ser anexada por outro, em dinamismo orientado por memória de própria experiência. Assim, de pausa em pausa de conversão, caminha-se até uma única igualdade possível, capaz de melhor simplificar as realidades inteligentemente (ELIZALDE, 2004; HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b).

O caminho assimilativo gradualmente simplifica desacordos e discursos diversos pelas ideias do puro acordo e do discurso puro para conduzir a *práxis* vital pela força irresistível da adequação e comedimento. Sócrates, Hipócrates e Hahnemann se encontram orientados pela filia ou participação natural. Para o primeiro, o saber filosófico deve ser compatível com o saber médico do segundo, saber de comedimento assimilativo que auxilie o humano a melhor representar a moderação, prudência ou

comedimento, cuja aplicação reflita adequação (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011). Para Hipócrates, a Medicina deve se ocupar da Filosofia que inspira a cidadania e a vida participativa (HIPÓCRATES, 1983e), evitando conjecturas e opiniões que não possam ser demonstradas e que não se estabeleçam tanto em evidências como na tradição de sábios (HIPOCRATES, 1983e; HIPOCRATES, 1983f). Hahnemann também se filia ao método assimilativo de compreender o humano em sua essência e destino, partindo da noção de semelhança, reconduzindo-a na de medida fundada em Memória de Própria Experiência, para consecução do melhor, em conexão e reconciliação com a soberana, neutra e dada natureza do todo. De fato, o símile hahnemanniano abraça as ideias de consonância, de conexão ou, ainda, de medida contrária, conforme Sócrates e Hipócrates. Hahnemann ensina a descobrir econômicas e abundantes alternativas para assimilação da saúde no marco do respeito à alteridade. Ele questiona a existência isolada e exata em natureza. Enfatiza ainda, a moderação e a fraternidade no saber de realizar muito com pouco por participação mediada pela Memória de Própria Experiência (HAHNEMANN, 1984; HAHNEMANN, 1996; HAHNEMANN, 2006).

O método de filia requer medida e, assim, Memória de Própria Experiência, que traduza moderação e que, em abertura permanente para o melhor na vida, cuide de todos os atores do reconhecimento no contexto de autonomia, de fato ou em potencial. Esse é o espaço orgânico e solidário, cooperativo, em que a igualdade assimila com perdão de diferenças e participativamente, por ações dialógicas e conversivas que visam sempre o melhor, o acordo ou bem comum, em contexto de insuperável coesão. O melhor é a participação orgânica e ideal, na assimilação pela igualdade, na liberação do bem comum (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b). O melhor equivale ao fluxo vital desimpedido ou saúde (HAHNEMANN, 1984). É como se certa totalidade orgânica se constituísse em experiência de uma singularidade e que a recordasse (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 2001; PLATÃO, 2003c; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a).

A igualdade, sem mestre que a ensine, em si e por si, sem que se altere ou que sofra dano, representando-se pela medida que rege a totalidade com participação da memória, é suficiente e garante simetria, justiça e adequação à sua experiência orgânica pela força do acordo (HIPÓCRATES, 1997a; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a). Para dominar

o desequilíbrio, a enfermidade ou violência, o sempre igual e que assimila se serve de quem o represente como ministro e do outro da interação participativa.

No caso da medicina, ele se vale do médico como seu servidor e representante (HIPÓCRATES, 1989b) para continuar naquilo que se administra (HIPÓCRATES, 1983d) e que significa a Memória de Própria Experiência previamente preparada em cuidadosas provas na saúde (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b).

Se o Princípio de Semelhança faz o que convém sem prévio aprendizado e, se ele é em si e participativo, coerentemente a memória de experiência recorda a ideia, rememora a verdade e lembra a qualidade de própria. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983e; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2008b)

A assimilação participativa é cultura de trabalhar consonâncias orgânicas por ações de conjuntar e de conjugar. Ela se instrumenta de orações, falas ou discursos que fundamentem a comunhão pura, a comunicação isenta de violências e de injustiças. Ela se afiniza com Melo, para quem a única força a prevalecer entre iguais na elaboração do acordo, da vontade racional, é a do melhor argumento (MELO, 2010, 2018).

Essa força corresponde à soberana força da totalidade natural que a violência não é capaz de superar, qual seja a de tudo trazer como unidade simples, comunicativa e homogênea (HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2003). Como *Dynamis*, ela é força de coesão e se manifesta no melhor. Ela guarda com a igualdade natural ou *Phýsis* uma relação de oponência, mas se rege pela noção de medida para determinar semelhanças às realidades (HIPÓCRATES, 1997a; PLATÃO, 2009a).

Como potência de conciliar ação e reação, essa força de agir na aparência é, oportuna e simultaneamente, suprema e invencível simplicidade de permanecer em si mesma, sempre suficiente, igual e livre (PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a). Se é *Dynamis* ou potência de gerar na convenção, é também virtude de refletir amizade soberana e essencial (PLATÃO, 2009a).

Refletindo-se, a *Phýsis* se verte, se con-verte e discursa. Reconhecendo-se, a *Phýsis* con-versa. Invertendo-se como a se refletir, a *Phýsis* se move, se altera e dinamicamente se doa toda à sua imagem semelhante, à totalidade, per-doando-se e perdoando diferenças particulares. Destarte, o potente discurso, ainda que mínimo, colhe reação de

toda natureza, como a semente em relação a sua árvore. (HAHNEMANN, 1996; PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2008b, PLATÃO, 2010d).

A reflexão dinâmica com que a *phýsis* se torce à oponência configura a potência com que ela reúne em si mesma os múltiplos modos de sua reprodução. Dessa maneira, a com-torsão com que ela se contraria torna-se inspiração para as medidas, para as pausas de reversão dos discursos assimilativos que se refutam, eles mesmos, em favor de melhor acordo ou coesão natural.

Além do mais, a reflexão se torna orientação assimilativa para a saúde, revigorando-a pelo bem-estar quando contrariada, ao modo do prazer em dar à luz uma criança, em revelar uma concepção própria de bem comum. Do modo como a *phýsis* compreende a práxis vital, o símile assimila a diversidade em processo construtivo, co-instrutivo. Concomitantemente, instruindo pelo desacordo e instruindo-se pela igualização, o influxo da reminiscência revela saber que saneia a ignorância. Nesse roteiro em que indivíduos se enriquecem pela graça natural, encontram-se próprias respostas e responsabilização com qualquer estranheza no âmbito do outro.

Quando Hahnemann equipara à sensação tanto a força do agente morbífico quanto à suspensão de juízo da Força Vital, para concluir que à recuperação desse esquecimento corresponde a reação curativa da natureza, é à simultaneidade, à força de determinar especificidade, mas também de ser coberta pela reminiscência da unidade, do perdão, é que ele parece se referir (HAHNEMANN, 1996). A seu turno, Hipócrates trata a soberania da *Phýsis* para perdoar diferenças dinâmicas como um impulso vital que atrai para si, para a verdade, a percepção experimentadora e forjadora de imagens mediante memória e inteligência (HIPOCRATES, 1983b).

2.3. Discurso assimilativo e memória de própria experiência

A força da *dynamis* pode ser compreendida pela noção de influxo que, da igualdade simples e em si mesma, do mais puro ideal, baixa ao aqui e agora do humano por atos de fala, por discursos que cantam o comedimento (PLATÃO, 2010d), a adequação ou a justiça (PLATÃO, 2010d) nas máximas orais juradas por Hipócrates (HIPÓCRATES, 1983b). Ora, bem parece que por essa via se possa compreender que o sigilo a que se obriga a vida comedida signifique o respeito ao ideal puro do sagrado, do segredo, que desce à relativa impureza pela imperfeição do pensamento humano e para os atos de

fala, discursos e demais vivências humanas, necessitadas de coerência entre si, se o que se almeja é a consecução do melhor, do mais verdadeiro (PLATÃO, 2003b). Com Sócrates, se aceita que o homem é imperfeito para pensar, discursar e agir e que ele é logo socorrido por ideias que ele estranha, dentre as quais se destaca a que acompanha os estrangeiros, que é a que mais se dispõe a avaliar as iniquidades e injustiças dos pensamentos e discursos humanos (PLATÃO, 2003b). De fato, são o reconhecimento e a assimilação os que mais demandam por adequação e equidade, por abraço e perdão de diferenças, por comunhão, já que companhias naturais inseparáveis do estranhamento, de acordo com noções da filia vitalista (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b) (). Se o princípio de semelhança se disponibiliza universalmente e se seu discurso quer silenciar a discórdia, é natural que ele discursar do silêncio, tornando a memória de própria experiência apropriada à instrução por reminiscência e a demonstrações públicas do reconhecimento assimilativo.

A preocupação com o comedimento no manejo da potência do melhor marca mais uma vez o pensamento vitalista de assimilar. Ela se reafirma na convicção hahnemanniana sobre a adequação entre similitude e força. Ele admite que a força do melhor similar, se imoderada, pode violentar o enfermo mais do que a própria enfermidade natural. Nesse sentido, o melhor da similaridade e da força de acordo se alcança por experiências na própria saúde do medicamento suave, para que o conhecimento do símile seja legítimo e puro, adequadamente preparado para o reconhecimento pela memória de própria experiência (HAHNEMANN, 1996).

Hipócrates afirma que o discurso médico deve ter por *arché* (princípio-meio-fim) a *Phýsis* (HIPOCRATES, 2003). Se a dinâmica corporal deve se orientar pela medida, se a medicina deve se reger pela medida e se o comedimento, como acordo que é, se alcança pela força do melhor argumento, então, para Hipócrates a *Phýsis* discursiva e o discurso se consubstancia na medida de acordar, organizar totalidades ideais, por provas prévias na saúde (HIPOCRATES, 1983f). É significativo o cuidado hipocrático com a fala própria, com a própria opinião, em nome da opinião certa ou razoabilidade, do discurso racional ou fundamento de medicina (HIPÓCRATES, 1983c; HIPOCRATES, 1983d; HIPOCRATES, 1983f; HIPOCRATES, 2003). Em fina sintonia com o hipocratismo, o diálogo “O Banquete” (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b) elogia o amor pelo discurso do médico Erixímaco e exemplifica a cura por similitude, de acordo com a razoabilidade que harmoniza contrários por favorecimento e

perdão recíproco. Esse foi o caso da cura de Aristófanes pela medida semelhante ao soluço dele, como interrupção da respiração, com possibilidade de descontinuação do fôlego ou por conta própria, ou com ajuda de água ou com auxílio de certo vigor de espirros. O soluço atribuído a descomida libação alcoólica anterior, impedia a fala de Aristófanes. Em consequência, o médico se antecipa à fala dele para que, uma vez recuperado, ele falasse, sim, mas depois e de acordo com própria experiência (HIPÓCRATES, 2003; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1989a; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b).

Com Hahnemann, aprende-se a trazer discursos próprios associados à substância provada racionalmente na saúde, para que se maneje o símile como conjunto de orações encerradas na substância de representação dele, como se a medida fosse uma conjugação verbal, como se o princípio ativo ou potência medicinal fosse um ato de fala possível, particular, porque matérias médicas puras registram discursos como Memória de Própria Experiência (HAHNEMANN, 1996).

O símile discursiva para tecer acordos e neutralizar dominações, segundo memória de própria experiência. Ele toma a violência ou a enfermidade como desamor, esquecimento de comunhão. Ele considera a memória de própria experiência no necessário expediente de aprendizado e de preparo prévio para ações assimilativas, no marco do autoconhecimento como fundamento da verdadeira sabedoria (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1983d; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b).

A assimilação é terna em relação à trindade que integra médico e enfermo por (re)mediação. Ela cuida daquele que mede, da medida que remedeia e do que sofre a mediação por vulnerabilidade ou heteronomia. Compreende-se que a remediação ou revigoramento da saúde interessa a um e a outro, a todos então, sendo o símile, que remedeia e expressa o Princípio de semelhança, representado por Memória de Própria Experiência. A medida, por conseguinte, modera e se equivale ao interesse que cuida de si mesmo e de sua disposição em alternativa no outro, esse inter-esse essencial como ser em si mesmo para ser, a um só tempo, o ser de ambos. (PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2009a)

Portanto, pela práxis assimilativa, segundo seu desenho de giro ou roda de conversas, todos os que se implicam conversivamente por reconhecimento, mediante Memória de

Própria Experiência, participam da melhora da saúde, própria e do outro, ou da neutralização da violência.

O símile assimila por disposições relativas e conciliadas de amizade e estranhamento, neutralizando força violenta fora e contrariando suavemente dentro, refletida e retorcidamente, de torção em torção, de conversão em conversão, de ponto em ponto, para reunir dispersões e majorar poder de consenso, segundo a regra que, sobre a enfermidade dispõe favorecer e, ao menos, não prejudicar (HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 2003).

Já que a manifestação da igualdade é sua participação entre coisas mais e menos iguais ou semelhantes, a disposição da ideia de enfermidade a coloca entre mais e menos enfermidades. Consequentemente, a metade menos enferma, que não deve ser prejudicada, corresponde ao restante do organismo, aparentemente sadio, ao passo que, a melhor representação da enfermidade, a metade mais enferma, deve ser favorecida e Hipócrates insiste em que nessas duas coisas se deve exercitar (HIPÓCRATES, 1989a).

Sob orientação da amizade de neutralizar, não se pode recortar da participação na unidade a mais forte representação de enfermidade ou de violência. Simultaneamente, preserva-se de dano sua oponente expressão. Concede-se “sim” a um e “não” a outro, de maneira conciliada (PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2008b). Assimila-se com “sim” um lado da disposição e com “não” o seu outro lado, acolhendo-se o “não” como gênero de alternativas conciliadoras (PLATÃO, 2003b), devendo ser assim que seja “sim” em tudo. A disposição do único “sim” fá-lo brotar entre “sim mais” e “sim menos” ou “não-sim”. A assimilação deve trazer para o “sim” do acordo geral, tanto o “sim” aparente, quanto o seu oponente “não”. Ela o faz pela medida, pelo amor do acordo universal, pela simultaneidade que perdoa a diferença com que o “não”, como estranho e forasteiro “não”, se enfurece lá fora, furioso e ferido no furo da novíssima e pródiga moda (BIBLIA, EVANGELHO LUCAS ver parábola prodigo, 1985). A medida o favorece por compreender-lhe a dispersão, experimentando contrariar-se. Logo, a assimilação também não prejudica o mais “sim” de sua disposição. Se o “não-sim” particulariza a unidade como reflexão dela, para se manifestar em suas imagens e alternativas, a unidade se opõe em “sim-não”.

Gerados por essa disposição, os oponentes “sim” e “não” guardam entre si conaturalidade e inserção no mesmo meio, no mesmo corpo, assinalando-se que o que a natureza faz é a meio que o faz, sem prévio aprendizado (HIPÓCRATES, 1983c;

HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 2008b). Ora, o meio, como outra representação da unidade de assimilar, vem a ser outro nome e lugar do favorecimento recíproco, âmbito natural do acordo e oponência. De medida em medida, o poder de tudo atrair da assimilação traz o “não” da superfície para o meio e fá-lo passar pelo “sim” do “não-sim” a caminho do “sim” sempre igual. É preciso que o menos enfermo, o mais saudável, experimente e se reconheça no infortúnio do que não melhora por conta própria nas veredas da heteronomia para haurir forças pela união: forças para mais se moderar e para levar com sua sabedoria o mais violento. De fato, é necessário que o mais oprimido se confirme em melhores condições para abraçar a práxis transformadora de libertação, para se emancipar e cooperar com o opressor com vistas à humanização dele também (FREIRE, 1970). No meio oportuno se realiza o amortecimento comedido da violência ou enfermidade porque ele é confluência natural das alternativas, admitindo-se que a reflexão opera inversão. Esse meio, que concilia e que se representa por Memória de Própria Experiência, é meio de se conservar permanentemente aberto ao preparo prático e reflexivo e à demonstração mediante o discurso racional, para consecução de acordos (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983e; HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2007).

A diretriz de “favorecer e de ao menos não prejudicar”, simultaneamente, é alternativa que discursa a Regra Áurea que orienta a participação, na medida em que a necessidade de favorecimento deve se estabelecer na vontade de agregar, desejando-se ao outro, em contexto de proximidade, o que é de desejo próprio (WATTLES, 1996). Então, é necessário o comedimento. Ele contraria a voz da paixão que, a seu turno, violenta e desagrega. O amortecimento, que neutraliza assimilativamente, reconduz a vida em abundância e exprime silencioso discurso da amizade do todo, sigilo a que se obriga a medida para, em segredo, guardar o segredo do outro.

2.4. Memória de própria experiência simbolizando semblantes

Sob influência do comedimento, a Memória de Própria Experiência vem a ser expressão alternativa da medida, uma vez que a memória perdoa a experiência da multiplicidade no âmbito do passional, da propriedade. A vivência da saúde, no marco da própria inteligência e por reminiscência, mediante imagens, assimila a percepção experimentadora. A reminiscência é também recordação, desta vez memória inteligente

do um que, singularmente, caminha para a unidade de neutralizar, sob um impulso vital com que a verdade tudo atrai. O Princípio de Semelhança se dispõe por equivalente memória em contrário, isto é, em disposição de “menos” e de “mais” memória, ocupando-se um polo de recordar a experiência da multiplicidade e o outro de recordar o um por reminiscência inteligente (HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO, 2001; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b). Na Memória de Própria Experiência articulam-se a reminiscência, memória à metade que recorda o “um” singular, e a lembrança sensível, memória à metade que simplifica a percepção da multiplicidade. As duas memórias se conciliam em memória equivalente da unidade, o que vem a ser a Memória de Própria Experiência: fator de compartilhamento entre teoria e prática, substância da práxis.

O sujeito em situação de ser violentado e de violentar se ressignifica conversivamente nas linhas reflexivas com que se confraterniza com os diversos da roda (MELO, MELO, 2016; MELO *et al*, 2016). Ele opera autoconversão e se transforma por Memória de Própria Experiência que o identifica com outros como rostos alternativos para o seu próprio ali espelhado, em reconhecimento recíproco, assimilando diferenças como outras possibilidades dele mesmo.

De fato, o essencial acordo, a conciliação natural, se reflete por recordação, por memória, pelo esquema hipocrático com que a natureza se realiza a meio (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d) ou em simultaneidade que conjuga como verbo, pelo sempre igual Princípio de semelhança, constantemente velho e novo. Essa noção está de acordo com a tradição de Mnemósime, cujas divinas filhas e musas cantam incessantemente para lembrar a todos os feitos do amigo e permanente Pai (BRANDÃO, 1987), que as múltiplas coisas traduzem por equivalentes efeitos assimilativos, verbais ou discursivos. Memória é memória de ser evocada por participar da natureza da voz, voz ressonante que expressa o verbo primordial (BÍBLIA, EVANGELHO JOÃO, 1985; UBALDI, 2001), voz de cantar, de encantar e de discursar conjugações, fazendo com que o *logos*, fundamento comum das realidades (JAEGER, 2001), dialogue.

A práxis da Medicina Homeopática vincula discursos a substâncias corpóreas mediante experimentação na própria saúde para elaboração de Memória de Própria Experiência (HAHNEMANN, 1996). Nesse processo, a singularidade dialoga e se reconhece em universos variáveis, sem esquecer a orientação oral, verbal, da metodologia assimilativa, conciliadora de discurso e de memória.

Em auto-experimentação, compreende-se o *símile* ou *Memória de Própria Experiência* levando-se em conta vivência de consentimento entre pessoas. Ela acontece no marco da atenção a totalidades orgânicas e essenciais, a saber, na observação do próprio organismo de quem observa, do organismo do grupo de provas, do outro organismo de sujeitos em situação de vulnerabilidade ou situação de violência singular ou coletiva e de registros de outras provas puras na saúde quando disponíveis. Concorde-se com o momento particular do observador, com inclusão da circunstância e com suspensão de juízo, em contexto de vigília, de sono e sonhos, de outros estados de consciência, com atenção a terceiros afins do observador, incluindo pareceres deles. Esse processo não passa de rodas de conversas. Nele, cada provando disponibiliza seu psiquismo e modo de pensar (HAHNEMANN, 1996), reconhecendo na expressão discursiva do outro a sua própria, como se o outro da participação fosse variação de seu rosto mesmo, possibilidade alternativa de se atualizar, em passado e futuro dessa presença, em dinâmica que socorre a memória com a preditividade prognóstica, em domínio de conciliação entre arte e ciência. Ao elaborar *Memória de Própria Experiência*, aquele que experimenta em sua própria saúde desenvolve a arte da observação e se capacita quanto ao prognóstico para agir em contexto de regularidade profissional, sob orientação de lei, do Princípio de semelhança, ao mesmo tempo em que promove sua saúde e cuida de sua vulnerabilidade (HAHNEMANN, 1996). Nesse preparo, o observador mais se humaniza pelo comedimento com que melhor possa cuidar de si mesmo e de outros pelo manejo do consentimento que fundamenta o contrato social de não-violência. Ao se adestrar em serviço de observação experimental de seu próprio organismo, o provando exercita o reconhecimento de igualdades, de padrões de repetição entre múltiplos discursos sensíveis, como se seu organismo fosse uma roda onde conversassem diversidades sensíveis, para tratá-las conforme o método assimilativo de lidar com a singularidade no “um” e no “múltiplo”, com cada influência, pessoa ou grupo de sujeitos, incluindo as circunstâncias, o passado e o futuro, segundo um ministério a serviço da amizade natural, em atualização que continua em outras dimensões orgânicas. É como uma roda de conversas, que pode experimentar vários assuntos em tempos distintos. Tomando-se cada assunto como influência, a roda orgânica de conversas, na perspectiva de micro-organismo do próprio provando ou na contrária, de macro-organismo de certos grupos de provandos, se comporta experimentalmente com equivalência, mesmo que variem os integrantes da roda, mesmo que eles não sejam substituídos, mas que se modifiquem por qualquer motivo. Então, de

acordo com a experiência com que a vida se realiza, pode-se assimilar a sentença hipocrática que ensina que tudo é questão de certa espera (HIPÓCRATES, 1983c), de acordo com a evidência de gênero que reconhece no tempo o senhor dos remédios, crônico ou duro e breve ou mole como interfaces contrárias, mas conciliadas, da medida ou Memória de Própria Experiência (HIPÓCRATES, 1983c, HIPÓCRATES, 2003).

Desse modo, a Memória de Própria Experiência corresponde a certa pausa temporária ou estação de reversão do fluxo assimilativo da vida, susceptível de ser compreendida no corpo espiral do verbo, do discurso, do momento ou da roda de conversas, em permanente dinamismo que atualiza a equivalência com suspensão de juízo e totalização essencial. Nesse sentido, a memória de própria experiência se equipara à boa hora, ora para ser “não-sim” ora para ser “sim”, simultânea e controvertidamente. Assim, a memória de própria experiência se reveste da condição de momento, de brevidade com que se assimile a dureza ou duração da violência. Em renovada dimensão, em diverso momento, em diferente universo para o qual se abre a roda de conversas, o provando dialoga com outros da mesma prova e reconhece seu discurso, sua disponibilização psíquica a serviço da experiência, a fim de considerá-la causa de ocasião das suas perturbações de estado de saúde, atualizando seu próprio padrão já assimilado. Com esse preparo, o observador se reconhece ao se deparar com a situação de violência ou de enfermidade no aqui e agora do fato, em novo respiro de conversas, para cobrir o desacordo ou desequilíbrio de saúde com seu próprio discurso ou Memória de Própria Experiência relativa à vivência similar que a situação do presente recorda. Assim, demonstra-se ou se publica a práxis, com prudente distância tanto da conjectura como do irrefletido ativismo empírico, no fluxo espiral e conversivo da permanência ou do instante que supõe a dura linearidade temporal, que esquece o passado e imagina o futuro, alienadamente. Com a Memória de Própria Experiência, o médico também traz à presença registros de outras provas da mesma influência, do passado ou da contemporaneidade, reconhecendo neles outras possibilidades de seu próprio rosto, para se confraternizar com diversos por própria experiência. Segundo o fluxo vital que motiva o reconhecimento, reconduz-se permanentemente o próprio semblante nessas assembleias conversivas, as rodas, em base ao preparo da memória. Provas na própria saúde preparam para dinâmicas de perdão de diferenças para futuras demonstrações públicas da capacidade assimilativa, quando se maneja Memória de Própria Experiência em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência, no marco da simultaneidade da

cultura de presença participativa e de não-violência que garante liberdade ao fluxo da vida. Por Memória de Própria Experiência, acolhe-se em seu tempo a realização experimental do organismo articulado entre percepção e simplificação, procedendo-se à indispensável observação prognóstica da práxis de similitude, por sua amizade com a verdade.

Valendo-se de Memória de Própria Experiência, segundo o Princípio de Semelhança, a Medicina Homeopática trata semelhante natural com semelhante artificial. Essa máxima se equivale a neutralização da enfermidade semelhante natural, de ocasião, por análogo artificial que a cause em experiência na saúde. Desse modo, realiza-se cientificamente a regra “*Similia similibus curantur*”, segundo a qual se facilita o fluxo da vida pela reação natural de amizade. Pois bem, a práxis do reconhecimento assimilativo age no âmbito do consentimento quando envolvido pelo discurso lógico como roupagem do Princípio de Semelhança. Associado a caracteres verbais, habilidosos para conjugar dinamicamente, no domínio do momento que admira por ser temperado e por contrariar-se para ser neutro, o discurso assimila.

Para o hipocratismo, se a medida é contrária, significando que ela representa a reflexão pura em que o discurso se origina, à maneira de amor que dá ao princípio o corpo, sinalizando o poder da medida de adequar mediante equivalência e, ainda, se a medida é como moeda simbólica de conversões, então, ela representa o consentimento, que se veste de discurso e de, quando conveniente, corpos materiais (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c, HIPÓCRATES, 1983d, HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2011).

No marco da materialização regular do discurso em substâncias corpóreas é que o hahnemannismo se distingue marcadamente do hipocratismo. Com Hahnemann, o discurso falado coerentemente com a dieta cede lugar ao manejo dinâmico da substância. Preservam-se no pensamento dele, entretanto, a condição de princípio ativo do discurso ou verbo e a possibilidade do regime de vida na falha do melhor similar. As instruções de Hahnemann orientam ao resgate regular da blindagem de um corpo material de certos discursos particulares que inspirem símiles ou medidas de consentimento, tornando possível que uma medida seja manejada como memória de própria experiência e como corpo material compartilhável. Nesse momento é que o hahnemannismo atualiza o hipocratismo: na confecção e partilha de matéria médica pura, ainda que pura, como convém à assimilação (HAHNEMANN, 1996;

HAHNEMANN, 2006; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b).

De todos os modos, a metodologia assimilativa, seja em Hipócrates e com concordância de Sócrates, seja em hahnemann, toma por base a experiência de saúde para que a inteligência, sob impulso vital que propende à verdade, simplifique quanto possível a percepção experimentadora prévia de sensações, mediante imaginação e recordação que, agora, encantam, perdoam diferenças, testemunham e libertam a presença do passado, vazio de sabedoria (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983e; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b).

Como saúde é saúde de ser em si e não saúde de estar apenas na falta de doença, a experimentação na saúde melhor se contextualiza na saúde própria, contrariamente à experimentação na outra saúde, reservando-se ao domínio do acidente a experimentação na doença ou violência (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b). Conseqüentemente, a memória de própria experiência da metodologia assimilativa corresponde à memória experimental, aquela que orienta a Regra Áurea, de assimilar com amor semelhante, segundo a qual é de não se desejar ao outro aquilo que não se compatibilize com o desejo próprio. Hipócrates, Sócrates e Hahnemann convidam a que os próprios moderadores experimentem neles mesmos para melhor realização da metodologia assimilativa de tratamento, promoção de saúde e de prevenção de enfermidade ou de violência, para que se tenha sempre em mãos medidas de reconhecimento terapêutico da violência ou enfermidade, sem nenhuma miséria que reclame falta de recursos e que obstaculize a presença e abundância da assimilação (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f, HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a, PLATÃO, 1991, PLATÃO, 2010b).

2.5. Imitando memória de própria experiência

A Memória de Própria Experiência, ao rerepresentar a unidade, implica e favorece reciprocamente a percepção sensível com sua oponente natural, a inteligência com que o “um” não se esquece da multiplicidade. Ela participa da vestimenta dinâmica do Princípio de Semelhança. Então, faz conjunto com o momento que suspende o juízo (HUSSLERL, 1989, 2006) e com a amizade entre o discurso e o silêncio, em ambiente

em que alegorias, fábulas, parábolas e mitos podem facilitar a comunicação, quando a imaginação for condizente com o discurso e suas configurações. Como mitos recordam, combinando imaginação com inteligência, a memória lança mão deles para articular arte e ciência e não excluir certezas de gênero, dadas, apodíticas. Os mitos, já que respiram, são úteis à cultura assimilativa que se comunica por modelos, por modalidades, que se nutre por modos ou maneiras, que compreende por conciliação entre oponências, como mão e inteligência apreendem e modificam o mundo.

Para Hipócrates, não há medida assimilativa ou contrária sem conciliação entre mãos e inteligência, em atualização do pensamento mágico que o precedeu (ENTRALGO, 1987; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a, PLATÃO, 1991, PLATÃO, 2010b). A moderação da cosmogonia pela cosmologia não excluiu a primeira.

A compreensão da Memória de Própria Experiência pode se ventilar com conexões entre os mitos de Quirão e de Prometeu. Aquele reapresenta a assimilação da experiência sensível e esse a assimilação da experiência inteligente, em construção de co-instrução. A Memória de Própria Experiência, também uma conciliação, associa uma metade sensível com outra inteligível, uma metade que olha para Quirão, que não suporta e que deseja morrer, e outra que se abre para Prometeu, no marco do próprio, do sentido e da permanência. A lembrança quirônica corresponde à memória de experiência objetiva da dispersão e a inteligente, a memória da experiência da unidade que neutraliza, que simplifica e que dá à dispersão tratamento de lei, sob o impulso vital de assimilação. A experiência de Quirão se associa a ferida e envenenamento pelo sangue da Hidra de Lerna veiculado pela seta de Hércules, em perspectiva horizontal de multiplicidade. Por outro lado, a experiência de Prometeu se verticaliza pelo exercício da Prudência que recorda a metodologia assimilativa de processar pausas reversas, sintetizando à noite, a dispersão do dia. Em noites inteligentes regeneravam-se destruições anteriores em co-instruções assimilativas, até a descoberta do mínimo para cobrir o máximo. Esse achado se identifica com a saneadora multiplicação do pouco, com medidas alternativas que se conciliam com o decreto da unidade dada. Uma memória à metade acolhe a horizontalidade, na interface da saúde com o enredo. A outra, no domínio da verticalidade, interroga a unidade suposta e dada para proporcionar-lhe alternativas e graças, já que Prometeu experimenta um decreto divino, embora, torcendo-o controvertidamente, o realiza modificado. Sua libertação, a divindade cobriu de jubilo. Assim é a Memória de Própria Experiência: uma conciliação

na memória, de um lado, da percepção experimentadora e sensível e, de outro, da inteligência que não esquece a unidade de simplificar jubilosamente, em dinâmica de reconhecer a unidade em múltiplas unidades de conciliação ou símiles. Sem unidade do discurso prudente, que como semente se mortifica e concorda em ser enterrada viva para fazer sua árvore, a multiplicidade se perde na decomposição e na alienação da anarquia. Assim a inteligência tiraniza, totalitariamente.

O mito da neutralização do feitiço de Circe por Ulisses conta a cura da degradação pela conciliação de nome *Moly*. Essa medida é presente de Hermes. Refletindo-se em metade branca e metade escura, a planta reconduz a noção de amizade que caracteriza a medida contrária de assimilar. A memória de experiência animal se neutraliza nesse mito com o socorro do contrário divino. O feitiço representa a horizontalidade e o recurso permanente a alternativa da graça, em contexto de assimilação entre os âmbitos mortal e imortal. (BRANDÃO, 1987)

Oportunamente, reflita-se sobre o reconhecimento que identifica Édipo como assassino de seu próprio pai. Em função dessa violência, toda a gente tebana padeceu de peste e de dizimação. A solução desse parricídio de similitude e de suas consequências foi a reconciliação com o adversário. Édipo concordou em proteger Atenas e, então, ser enterrado vivo em suas proximidades. Ele se desafiou a conservar a vida, tal semente, mesmo enterrado. Para promover o acordo, o herói se mortificou sob inspiração do discurso natural de assimilação. (BRANDÃO, 1987)

O Princípio de Semelhança pressupõe matrimônio e implicação no singular e no plural. Logo, o matrimônio se reveste de plicas, em dobra de dobras multiformes. Ele lembra o mito do casal Peleu e Tétis e de seu filho Aquiles. Para se casar, Peleu orientou-se com Quirão que representa a medida contrária de torção, já que concilia metades: neste caso, animal e humana. Peleu foi aconselhado a reter firmemente sua futura consorte. Enquanto ele a segurava, ela assumia todas as formas possíveis, como em conjugação de um e múltiplo. O matrimônio só foi possível após o fim dessa torção. Uma vez oponente, Tétis permaneceu oponente, mesmo casada. Em decorrência dessa discórdia, Aquiles foi o único filho do casal que sobreviveu às manobras da mãe para torná-lo imortal. Peleu o resgatou para a mortalidade tomando-o das mãos de Tétis que o suspendia pelo calcanhar, tendo já temperado todo o restante de seu corpo. Esse ponto permaneceu vulnerável e foi o que, atingido pela lança de Páris, confirmou a condição mortal do herói, mas não em totalidade, já que Aquiles permanece imortalizado pela

glória. Aquiles participou desse destino por que preferiu a morte na juventude, mas eternidade na memória humana; a usufruir de longevidade, porém no esquecimento dos homens. (BRANDÃO, 1987)

O corpo simbólico do Princípio de Semelhança corresponde a uma dobra reflexiva que o cobre, conferindo-lhe configuração de suspiro, sumidouro, espiral ou roda conversiva, que se perspectiva a micro e macro universalizações, reconduzindo-se a similitude, como permanente amizade no interesse da disposição contrária. Rodas de conversas são contextos apropriados para reconhecimento das qualidades conectivas e articuladoras do Princípio de semelhança, como a Memória de Própria Experiência. Esse corpo dinâmico, à maneira de campos de força, tende a situar a corrupção na superfície, no ambiente da carga. Desse modo, ao participar da assimilação conversiva, o sujeito vulnerável migra para o centro desse vórtice e experimenta a força pela união que a traz, em auxílio à sua ressignificação. No centro em que se reflete múltiplo, com mais autonomia, ele se autoriza por Memória de Própria Experiência.

Como rodas de conversas ambientam o Princípio de Semelhança que se permite reconhecer por Memória de Própria Experiência, a práxis da Medicina Homeopática pode contribuir para a Promoção de Saúde e Prevenção da Violência em Acolhimento qualificado da mulher em situação de violência.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Reconhecer a Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança enquanto Promoção de Saúde de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade.

3.2. Objetivos Específicos

1. Estudar a Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança em base a Hahnemann, Hipócrates e Platão.
2. Estudar a Memória de Própria Experiência do Princípio de semelhança em base a Promoção de Saúde.
3. Estudar os potenciais da roda de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas em práxis de autonomia.

4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

4.1. Tipo e método da pesquisa

Os procedimentos metodológicos usados para essa pesquisa qualitativa atendem ao objetivo proposto. Sua natureza predominantemente qualitativa se adequa à base teórica do estudo. Ela propõe que as mulheres participantes da roda de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas sejam as protagonistas centrais para a abordagem e a correlação de conceitos da Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança, a partir da realidade vivenciada por elas.

As abordagens qualitativas produzem contribuições essenciais para a pesquisa social, considerando-se seu caráter investigativo e descritivo, que enfatiza os significados produzidos a partir das falas dos participantes.

A opção pela abordagem qualitativa deveu-se aos seus princípios epistemológicos e ao ponto central que se pretendeu estudar, que foi a relação entre as vivências compartilhadas pelas mulheres na roda de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas e os significados reconhecidos em entrevista qualitativa em profundidade e/ou semiestruturada, bem como em observação participante durante rodas de conversas. (MINAYO, 2015)

O diálogo proposto para instrumentar a coleta de dados durante a entrevista ocorreu em local adequado para que o pesquisador zelasse pelo protagonismo da participante. Nesse espaço da relação pesquisador/participante, criado e oferecido pelo investigador, a participante expressou, livremente, opiniões e emoções referidas às suas vivências na roda de conversas. Coube ao pesquisador o controle do fluxo das narrativas. (MINAYO, 2010; MINAYO, 2015)

A singularidade da entrevista, principalmente no contexto da saúde, ajusta-se bem às dimensões que sustentam os princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa. O estudo dos significados das experiências facultou ao pesquisador elaboração de interpretações, em processo de produção de conhecimento científico. (MINAYO, 2010)

Na pesquisa, valorizou-se a “intersubjetividade”, através da interatividade na elaboração de conhecimento e da participação do observador/pesquisador no fenômeno estudado. O reconhecimento da singularidade na entrevista em profundidade também valida a

produção de conhecimento quando ela tem qualidade, profundidade, detalhamento e contextualização dos relatos. (MINAYO, 2015)

Depois de obtidos os dados em seu conjunto, buscaram-se as regularidades e seus significados. Assim, foi indispensável a inclusão das individualidades observadas pelo pesquisador qualitativo. Esse enfoque dado no processo de construção e realização da entrevista em profundidade ou semiestruturada necessitou da produção de narrativas. Os contextos da entrevista são individuais. Eles participam da geração dos significados que, então, são influenciados pelo social, cultural, regional, econômico, dentre outros. Eles conversam com as experiências e influenciam a construção dos significados relativos aos participantes da investigação. (MINAYO, 2010; MINAYO, 2015)

Seguiu-se o método da saturação de dados para qualificar a pesquisa relativamente ao número de participantes da entrevista em profundidade. Esse passo se fundamentou no referencial teórico, na homogeneidade dos participantes, no recorte do estudo e em sua profundidade essencial. (MINAYO, 2015; MINAYO, 2017a)

O uso de um roteiro levou em conta a necessidade de realização de perguntas complementares em busca de melhor exposição sobre determinados assuntos e compreensão de sentido das narrativas, visando-se aprofundamento na construção dos significados atribuídos à experiência das entrevistadas. Desse modo, a entrevista não buscou por respostas que fossem elas mesmas verdadeiras, mas sinceras. (MINAYO, 2010; MINAYO, 2015)

Para Minayo (2010), a entrevista é uma busca do pesquisador por informes contidos na fala dos sujeitos da pesquisa. Ela não é uma conversa despreziosa ou neutra, pois se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos sujeitos da pesquisa, já que são eles que vivenciam a determinada realidade que está sendo enfocada.

Em relação à observação participante, ela foi executada na roda de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas. Os registros foram analisados e estudados em busca de semelhanças e dessemelhanças em relação aos dados obtidos nas entrevistas.

A técnica de observação participante se desenrolou através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. Ele, na medida de sua implicação com o contexto de observação, como participante da roda de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas, estabeleceu uma relação com os observados e, ao mesmo tempo, integrou o fenômeno avaliado. Essa técnica capta uma variedade de situações ou fenômenos que

não o são por meio de entrevistas ou questionários, uma vez que, ao serem observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais inestimável e sutil naquele momento. (MINAYO, 2015; MINAYO, 2017b)

A inserção do pesquisador no campo se relaciona com as diferentes situações da observação participante. Ela varia entre plena, na qual existe envolvimento por inteiro em todas as dimensões do grupo a ser estudado, e vazia de participação, totalmente distanciada dela, na qual se realiza apenas a observação. No caso dessa investigação, o pesquisador já integrava o grupo investigado há cerca de 22 meses. Adotou-se a observação participante como estratégia complementar às entrevistas.

Escolheram-se esses dois importantes meios de coleta de dados tendo-se em vista a obtenção de informações de diferentes perspectivas do mesmo fenômeno investigado e melhor conexão dos dados no processo de análise. Desse modo, a utilização de ambos visou enriquecer a contextualização dos dados e a compreensão do fenômeno observado.

O presente estudo pretendeu ir além da simples descrição dos significados individuais observados, para correlacioná-los à memória de própria experiência do princípio de similitude.

4.2. Contexto da pesquisa

O objeto desse estudo partiu da experiência do pesquisador com a práxis médica homeopática. Percebeu-se, empiricamente, que a presença do princípio Homeopático de semelhança nas interações entre as mulheres é reiterada durante a roda de conversas. Essa observação indagou a maneira pela qual este princípio pode ser reconhecido. Delimitou-se, conseqüentemente, o objetivo da investigação e sua particularização na Memória de Própria Experiência. Dessa maneira, dados observados na vivência da roda tornaram-se elementos de investigação. A partir de então, com critérios coerentes com o objeto e o problema, definiram-se o campo de pesquisa e a identificação das participantes. Realizou-se a coleta de dados por via de entrevistas em profundidade e observação participante (MINAYO, 2012; MINAYO, 2017b), com integrantes da roda de conversas de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade do Ambulatório/Rede Para Elas, no 4º andar do Instituto Jenny Andrade Faria/Hospital das Clínicas - UFMG, mediante termo de consentimento livre e esclarecido. O sexo

feminino se deveu ao objetivo da pesquisa que pretendeu estudar as mulheres em situações de violência e vulnerabilidade.

Em relação ao número de entrevistas, estudos relatam que numa população homogênea, o ponto de saturação provavelmente é atingido após a 12ª entrevista, mesmo quando informes mais básicos já se completam nas 6 primeiras. (GUEST, 2006).

A escolha levou em conta dois critérios básicos: sexo feminino e participação no ambulatório por mais de 6 meses. Determinou-se esse tempo para que as participantes tivessem razoável inserção no ambiente de estudo.

4.3. Participantes da pesquisa

Mulheres participantes da roda de conversas de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade do Ambulatório/Rede Para Elas, no 4º andar do Instituto Jenny Andrade Faria/Hospital das Clínicas- UFMG, há mais de 6 meses, que aceitaram participar da entrevista.

4.4. Etapas da coleta de dados

As mulheres que frequentam a roda de conversa do Ambulatório/Rede Para Elas foram convidadas para participarem voluntariamente da pesquisa a partir da explicação oral e escrita de informações e esclarecimentos sobre a finalidade da investigação e sobre a importância da cooperação delas.

Entrevistou-se cada mulher somente após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido conforme resolução 466/12 da CONEP.

As mulheres convidadas da roda de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas atenderam ao critério de inclusão de pelo menos 6 meses de participação.

A entrevista em profundidade integrou a técnica de coleta dos dados. Ela se realizou pelo próprio pesquisador no Núcleo de Promoção de Saúde e Paz, no 8º andar da faculdade de Medicina da UFMG, em recinto exclusivo para entrevista individual.

Buscou-se incentivar as participantes à manifestação de seus conhecimentos e opiniões quanto às questões abordadas. Gravaram-se as narrativas. Elas duraram em média 40 minutos. Quando necessário, após o relato espontâneo, utilizou-se um pequeno roteiro

para acréscimo de informações importantes ao objetivo da pesquisa, tais como opiniões sobre eventuais mudanças de comportamento na vida, modificações de depoimento nas rodas e revisões sobre perspectiva de futuro.

Superou-se o ponto de saturação quanto ao número de entrevistas, que Minayo (2017a) considera como o número suficiente de participantes para obter certa reincidência de informes. A validade da amostragem está na sua capacidade de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões, não tendo por isso, critério numérico. (MINAYO, 2012; MINAYO, 2015).

Nas observações participantes, o pesquisador participou das rodas de conversa do Ambulatório/Rede Para Elas e registrou por escrito as narrativas das mulheres, incluindo suas observações sobre os acontecimentos e circunstâncias.

4.5. Procedimentos de transcrição e análise dos dados

O trabalho analítico do material obtido pelas entrevistas transcritas e observações participantes se deu através da análise de conteúdo.

Compreende-se que em uma pesquisa científica de abordagem qualitativa, todo movimento é um contínuo de fases interligadas, nas quais se preservam características e objetivos singulares. Segundo Minayo (2012), uma pesquisa possui três fases: uma fase é exploratória, na qual o pesquisador esclarece o objeto de estudo e demarca o problema de investigação; outra fase é de coleta de dados, em que as informações que respondam ao objeto do estudo são captadas; e a fase de análise de dados, na qual o pesquisador trata os dados coletados por inferências e interpretações.

Trataram-se e analisaram-se os dados com o intuito de compreender o que foi coletado e de confirmar ou não os pressupostos do objeto da pesquisa. Optou-se pela análise de conteúdo que, comumente, tem sido utilizada nas pesquisas qualitativas, modelo que consiste em recurso técnico para análise de dados provenientes das entrevistas em profundidade e de observações participantes, em adequadas associações com as bases teóricas.

Conforme Minayo (2015), existem cinco tipos diferentes de análise de conteúdo: de expressão, das relações, de avaliação, de enunciação e categorial temática. Esse último se propõe a descobrir a presença ou frequência de núcleos de sentido que signifiquem

algo para a análise visada. Ele é utilizado de forma mais interpretativa, ao contrário de inferências estatísticas. A análise categorial temática funciona em etapas, através do desmembramento dos dados das entrevistas em categorias para reagrupamento analítico posterior. Dessa maneira, ela acontece em dois momentos: o de enumeração ou separação dos elementos e o de organização das narrativas a partir dos elementos repartidos.

A análise de conteúdo, que vai além do texto, busca entender a mensagem, o significado transmitido por ela e aquilo que pode estar implícito. (MINAYO, 2015).

Organizam-se as etapas para a análise através de um roteiro didático, mesmo que ocorram entrelaçamentos e idas e vindas. Inicia-se com a elaboração de indicadores que tem por elemento central o objeto de estudo, além das subcategorias. A categorização ordena a realidade investigada e a assimila conceitualmente. Os conceitos são "as unidades de significação que definem a forma e o conteúdo de uma teoria", podendo ser considerados como "operações mentais que refletem certo ponto de vista a respeito da realidade, pois focalizam determinados aspectos dos fenômenos, hierarquizando-os". (MINAYO, 2010, p. 92-93)

Transcreveram-se integralmente os conteúdos obtidos por meio das entrevistas gravadas. Digitaram-se todos os registros da observação participante.

A seguir, procedeu-se a cuidadosas e detalhadas leituras do material, com vistas a conexões dos conteúdos entre si e com os objetivos da pesquisa.

Posteriormente, organizou-se o material por categorias, buscando-se melhor compreensão e analisando-se em conjunto o que foi revelado pelas falas das mulheres nas entrevistas e o que foi registrado por participação nas rodas de conversas do Ambulatório/Rede Para Elas.

Nenhum conteúdo foi desprezado, mesmo que somente uma pessoa o tenha relatado.

Para a análise, fizeram-se inferências acerca das relações entre o que surgiu nos relatos e registros e a Memória de Própria Experiência do Princípio da Similitude, fundamentadas no referencial teórico.

Finalmente, uma última análise dos dados envolveu a articulação de todas as categorias de modo a atender ao objetivo geral da dissertação.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizaram-se 16 (dezesseis) entrevistas (identificadas de E1 a E16), atingindo-se o ponto de saturação com essa quantidade. Deu-se por atendido o ponto em que se observou certa reincidência de informações, sem desprezo por algum dado ÍMPAR e seu respectivo potencial explicativo. Quando os dados obtidos não trouxeram mais situação nova ou diferente para justificar a continuidade das entrevistas, suspendeu-se a coleta de dados.

Nas observações participantes, o pesquisador integrou as rodas de conversa do Ambulatório/Rede Para Elas, registrou por escrito e digitou os dados de 12 (doze) encontros (identificados de R1 a R12), no período de 11/08/17 a 26/04/19: 5 (cinco) rodas no ano de 2017, 4 (quatro) em 2018 e 3 (três) em 2019.

O material coletado sobre o que pensam e observam as participantes da roda evidenciou vários conteúdos que se assemelham à Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança, em consonância com o referencial teórico desse estudo.

Construíram-se três categorias apoiadas no objetivo do trabalho com termos que se relacionam à Memória de Própria Experiência do Princípio da Similitude. Então, estudaram-se e discutiram-se trechos das falas das participantes nas entrevistas e nas observações participantes.

A seguir, são apresentadas e analisadas as Categorias relacionadas com os dados obtidos:

5.1. Experiência de Recordar Experiências: Vivências de Revivificação Rolando na Roda.

Pessoas que interagem a partir de suas singulares experiências se reconhecem e se fortalecem mutuamente (MELO, 2010).

O reconhecimento perpassa a relação intersubjetiva mediada pela conversa e envolve a memória de própria experiência. Ao se reconhecerem, sujeitos se identificam por suas experiências, mediante as quais se igualam e se libertam da fragmentação desumanizante.

O compartilhamento de experiências evidencia a simplificação de diversidades em um mesmo gênero (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b).

Ouçá-se a fala de M descrita, que conecta o compartilhamento de memória de própria experiência com o saneamento da desigualdade:

R10 “(...) M diz: nós somos iguais. Cada um compartilha sua história, sua vida, e a gente vai conseguindo o melhor. Fico muito agradecida. Desafio que é trabalhar essa roda em que todos fiquem numa posição de igual e poder compartilhar suas experiências. Tenho aprendido muito.”

Ao rememorarem próprias histórias e vivências, por assimilação recíproca e consequente superação de desigualdades, as pessoas se revigoram.

Re-unidas, essas vivências demonstram força em função do conjunto, da união em si. A força de consenso no contexto da igualdade representa a força do princípio de semelhança com que a natureza se reconduz para superar desacordos, enfermidades ou violência. Trata-se da única força admissível na práxis vital. (FREIRE, 1970; HIPÓCRATES, 1983d; MELO, 2010; MELO, 2018; PLATÃO, 2008b)

É o que se confirma na colocação abaixo, como se pode constatar:

R1 “(...) quero crescer e falar das experiências e dores e alegrias, não esperava que ficasse melhor, já tive vontade de não viver mais, depois que participei deste grupo [roda], vi que a gente não pode desistir, sempre tem uma alegria no dia, não pode perder a fé, estou muito feliz e obrigada.”

A assimilação supera desigualdades, na medida em que a lembrança de experiências se abre para a recordação da igualdade.

Nesse caminho, a práxis humanizadora se revigora pela força da comunicação ou do acordo (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b).

Atente-se para o discurso de E10 sobre a assimilação entre a exposição de vivências singulares ou memórias de própria experiência e a identificação:

E10 “ (...) A sensação de igualdade, ela é tão grande, que esse sentimento de desigualdade desaparece naturalmente, eles são ditos sem vergonha, sem medos, sem receios do julgamento, por que ta todo mundo no mesmo barco, ta todo mundo pra todo mundo, então eu acredito sim, na construção daquela roda, no efeito que ela tem sobre as pessoas, porque é todo mundo acolhendo todo mundo, que eu acho que onde tem isso, onde tem essa troca, onde tem esse carinho, esse cuidado, eu acredito sim, que ali promove saúde, porque, se trata de coisas muito íntimas, muito internas, e num ambiente coletivo, (...) E ali não, você troca com todo mundo, você troca com os profissionais que estão na roda, que a gente também participa da roda, mas você troca com pessoas, seres humanos ,pessoas que também tem problemas tanto quanto você, então eu acho que é o maior tesouro do ambulatório, é a roda, é onde as pessoas se dispõem, (...)”

A revivificação operada pelo reconhecimento se produz da imersão na igualdade ou na identificação. Ela é função da força do acordo essencial que preside a realização da vida em saúde, em não-violência. A revivificação do humano, por outro lado, também não prescinde da experiência que se desenrola no mundo dos fatos.

Portanto, ela decorre da participação que, uma vez concomitante, concilia o âmbito puro e contrafactual com o marco prático e fatural (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES,

1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2008b).

Como já anunciado, a participação emancipa sujeitos infortunados mediante reconhecimento. No fluxo com que o acordo ideal assimila a fragmentação do real, pacifica-se e se enleva a existência.

A assimilação equilibra, neutraliza imoderações, compreendendo-se que semelhante mais forte faz desaparecer da sensação a influência do semelhante mais fraco (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003).

O que neutraliza a impressão de pobreza pesarosa é o equilíbrio entre ela e sua oposta sensação, de riqueza, agora a de rico e dócil concurso com que a compreensão de próprio ou de igualdade se destaca para cobrir e levar adesão à dispersão.

Esse impulso de identificação, que consigo carrega alívio, age a partir do compartilhamento de vivências particulares. Ele pode se conectar com os registros apontados à frente:

E7 “(...)As vezes, elas chegam lá ficam sempre caladinha, mas quando elas começam a ver muitas histórias, muitos comentários elas vão firmando mais, vão ficando mais, assim, mais, a criatividade, vai prestando mais atenção as histórias de uma, histórias de outra, até que fala, nossa, eu to achando que a minha tá tão ruim assim, mas tem fulano que tá pior, né, que aquilo ali é muito bom mesmo.”

E10 “(...) a roda pra mim é um encontro de almas, (...) É o encontro de pessoas com condições muito parecidas de vida, com condições e sentimentos muito parecidos de vida, e que vão com objetivo de buscar essa superação da violência, mas eu acho que muitas pessoas também buscam a cura desse problema (...) Buscar resolver essa dor que as vezes é tão forte, (...) É aonde de fato, se troca, se contribui um pro outro”

E6 “ (...) [fala] sobre a vida né, elas falam o que elas passam na vida, o que aconteceu na vida delas né, então é isso que a gente expõe, o que a gente passa, a gente passa para frente. ”

E7 “(...) Eu tenho ouvido muitas histórias, muitas histórias triste mesmo, as vezes tem umas alegre, mas tem umas muito triste. E eu gosto demais, estou muito satisfeita. Por mim essa roda não acabaria nunca mais.”

R12 “(...) participar é importante. Cada pessoa tem sua experiência. Solta. Aqueles que não sabia passa a saber. Se não serve passa pra outro. É importante.”

Nessa situação apreende-se a memória de própria experiência do princípio de semelhança minimizando diferenças e igualando pessoas, operando reconhecimento, para revigorar a práxis vital simpaticamente.

Equiparando-se o meio ao lugar do acordo, da assimilação, o que acontece se passa à maneira com que a ressonância multiplica forças e demonstra o poder do meio na vigência da afinidade frequencial ou vibracional. No âmbito da recordação de próprias experiências, mediante assimilação, a igualização revigora.

Acolha-se, então, a leitura feita por essa mulher:

R5 “(...) está melhorando muito, está feliz, vários momentos de agressão não só fisicamente, é uma nova experiência, e a esperança de fazer um todo novo, um mundo novo, a minha vida está muito proveitosa, aproveito tudo que é falado aqui.”

Uma vez liberado, o princípio de semelhança reforça o diálogo que acontece em contexto de próprio ou de trocas, de compartilhamento. Então, do domínio reflexivo do pensamento, o diálogo interior vem à falas autorizadas pela experiência, respirando no influxo de rodas conversivas de reconhecimento, em que pessoas compartilham o

mesmo lugar da comunhão ou do acordo. Nesse sentido, na fala de E14, observe-se a ênfase ao lugar comum do reconhecimento em seu vínculo com a memória de própria experiência:

E14 “(...) tipo talvez se colocar no meu lugar, ver que uma pessoa tão nova já sofreu muitas coisas, e eles se sentem as vezes tocados na minha história e querem me dar um abraço, querem me confortar de alguma forma, e assim todas as vezes que eu venho eu sinto melhor, sabe tipo hoje mesmo saí de casa doida pra chegar aqui pra poder conversar (...)”

Mesmo aqueles que simplesmente observam, que aparentemente não conversam tanto ou que apenas exiguamente o fazem, também registram a influência revigorante da memória de experiência com que o princípio de semelhança ressignifica vidas desfalecidas ou desacordadas, já que eles dialogam a sós com eles mesmos e chegam a certas opiniões, como parecem ser os casos adiante:

E10 “ (...) Eu lembro que a maior parte das vezes que eu fiquei na roda, foi como ouvinte, porque eu aprendo muito com aquelas histórias, eu acho que ali tem histórias reais, que traz a gente pra uma realidade muito diferente, as vezes do que a gente tanto pessoalmente, quanto na pratica, acreditava que já tinha vivenciado, porque eu posso ter diversas vulnerabilidades, mas as vezes eu não tenho uma igual aquela que apareceu naquele dia, então profissionalmente me ajuda muito, e pessoalmente enquanto ser humano essa troca ela é riquíssima(...)”

E7 “(...) eu participo (...) eu não tenho muito de comentar lá, mas só deu ficar ouvindo eu fico assim, emocionada com aquelas conversas, que o pessoal fala, uma conta uma história de um jeito, outra conta dum outro, sabe? Eu sempre fico muito emocionada.”

Na verdade, enquanto observam, as pessoas concluem pensamentos e formulam opiniões, vindo a explicitá-las ou não, depois. (PLATÃO, 2005)

A rememoração da sensação experimentada no passado atualiza a memória no presente, incluindo o aqui e agora, e recorda outra lembrança mais ou menos esquecida na mente, que com ela concorda ou discorda, concluindo o pensamento em opinião para manifestá-la em diálogo a sós consigo mesmo ou a outros mediante fala. Desse modo, sujeitos que se co-movem pela sensação lembram de si mesmos e neutralizam diferenças, lembrando que desigualdades geram sofrimentos por dissonância e discordância com a natureza. (HIPÓCRATES, 2983f; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2005)

As falas buscam se validar inteligivelmente e no passo em que se supõem verazes se abrem a exposição de particulares histórias. (MELO, 2010)

Assim, as falas aportam à roda de conversas memórias de própria experiência como assinalam as anotações seguintes:

R1 “ (...) minha história foi que eu trabalhei em casa em troca de comida, a mãe começou a beber, para tirar nossa fome nos dava bebida, não tinha abraço sincero da mãe, estou sofrendo e queria abraço [a roda se levanta e dá um abraço coletivo].”

R1 “ (...) ela comparou experiências parecidas [pessoa que bebe e não consegue parar], ela disse: eu bebia, quando o filho estava na droga, uma vez a filha adotiva ajoelhou e pediu para eu parar de beber, e eu parei.”

E8 “ (...) porque assim, é a vida delas, a real que acontece. Não é uma vida assim que..., não é como uma novela, é a verdade, é a real que acontece. Uma põe da mãe, uma põe dos irmãos, uma já... Bate, morre. É a vida delas, que tá

acontecendo, a verdade, a real, é a história delas, tão contando (...)"

A natureza manifesta seu amor pelo melhor (PLATÃO, 2010d). Ela também discursa sua íntima reflexão (PLATÃO, 2010d). Então, é natural que a busca pelo melhor conviva com exposições de particularíssimas memórias de própria experiência (PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010c; PLATÃO, 2010d; PLATÃO, 2011) . Essa procura requer neutralidade, assimilação, o que se consegue em ambiente acolhedor, amoroso, como convém que seja uma roda de conversas. Uma vez fortalecida, para mais se fortalecer e para favorecer o fortalecimento de outros, a pessoa se associa mediante fala.

A exposição abaixo pode contribuir para essa reflexão:

E6 “ (...) De vida sim, é uma história bem contada, não é qualquer conversa. Aquilo ali é uma coisa séria né? Pra mim eu acho, que é uma coisa séria, que a gente tá ali pra expor, e é uma coisa muito da gente, então a gente expõe ali pra todo mundo pra dar forças aquelas outras pra falar também o problema delas.”

Dessa maneira, discurso e outras noções inspiradas pela assimilação como inteligência, memória, mescla, medida, brevidade, se distinguem no pensamento vitalista participativo que traz o princípio de semelhança como igualdade ou necessidade natural. (HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a)

Aceite-se o soluço como fratura da fala. Não sem razão, em fina sintonia com o hipocratismo, por prezar a práxis vital fundada no discurso lógico de promover acordos, o diálogo “O Banquete” representa no soluço a enfermidade humana em sua relação com a imoderação de hábitos e com a desconsideração pela própria experiência. Conforme o diálogo, em decorrência de prévia embriaguez, Aristófanes soluça e não pode, à sua vez, elogiar o amor. Então, o médico Erixímaco orienta a cura e fala no lugar de Aristófanes para, a seguir, uma vez recuperado, o amigo seguir com o acordo. Entretanto, Aristófanes prefere usar do expediente mais forte dentre as alternativas

curativas e, além do mais, ao discursar, não se baseia em própria experiência. ao fim, equivoca-se quanto à necessidade que orienta a restauração da boa disposição corporal, atribuindo-a à repetição e à força da intervenção. Desse modo, Aristófanes permanece distanciado da melhor alternativa de manejo racional da similitude, detido na compressão da originalidade e da suavidade com que a igualdade abranda as alterações de saúde em suas crises, em momentos em que a saúde se critica em busca de melhora. (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b)

Em rodas de conversa nas quais pessoas se reconhecem por meio de memória de própria experiência, floresce reavivamento da práxis vital, de que se colhe ressignificação humanizante de sujeitos. Elas representam ambientes orgânicos apropriados à verificação do poder terapêutico do discurso assimilativo.

Esse poder, sob orientação do acordo essencial, se disponibiliza em múltiplos símiles ou perspectivas dialógicas de promover racionalmente acordos ou associações vitais. Permanentemente presente, mas no silêncio velado sob a diversidade, ele espera a disposição conciliatória para dispensar forças a fracos que não podem superá-lo. Ele se presentifica ao modo de uma semente regendo do oculto a realização da árvore de sua espécie, já que é evidente que não há árvore sem semente, nesse simbolismo.

Então, aceita-se que no âmbito de maior sofrimento ou fraqueza decorrente da opressão divergente, justamente se encontram melhores condições para o começo de ações libertadoras de assimilação. Tais ações caracterizam o *arché*. Elas se distinguem no começo porque, de fato, estão no princípio, no meio e no fim, como a presença da semente em relação a sua árvore.

Na triangulação dinâmica entre semente, terreno e árvore, a semente aceita ser enterrada viva para revigorar o desanimado terreno de seu desejo ou amor. Porém, para com ele se conservar abraçada, sempre junta, em com-junto, é preciso o concurso da assimilação para que o amor seja amor de sempre se ter consigo o bem (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b). Dessa forma é que o abraço que inclua o contrário do desacordo requer autolibertação da opressão (FREIRE, 1970; HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b).

Para se assimilar o oponente segundo o favorecimento recíproco com que a natureza trata sua disposição, é preciso emancipação da interna tendência antissocial, não-participativa, que resiste ao fluxo do melhor, do bem comum. Essa emancipação

acontece com neutralização de assimetrias, a co-meçar na própria intimidade de onde se irradia a igualdade e seu cortejo de enlevo.

Para perdoar, pois, demanda-se por comprometido trabalho reflexivo de ressignificação, que a amizade da memória de própria experiência com a igualdade provê de recursos, em autêntica práxis humanizadora. Na expressão abaixo que se destaca, distinga-se finamente a necessidade desse movimento:

R12“(...) São pessoas, cada um com sua história, com a sua vivência. Cada um com violência e autodefesa. Também vivi e automaticamente reproduzi como autodefesa. Reprodução da violência no nosso círculo de convivência, tem que se policiar. Tendência de reproduzir. Perdoar tem processo interno.”

Contudo, se o perdão serena e amplia as possibilidades do abraço, libertando a vida do passado e da paralização, a fixação no domínio contrário obstaculiza o fluxo para o melhor, para a inclusão.

Medite-se na contribuição abaixo de E9 quanto à compressão da amizade entre a igualdade e a memória de própria experiência:

E9 “ (...) assim, quando tem uma coisa boa é que eu aproveito, mas quando começa uma coisa que é do meu passado, aí eu não quero nem escutar. Às vezes eu saio, aí dou uma volta e volto. Aí se tá continuando naquela mesma história, aí eu prefiro não [ficar]. Mas assim, eu vou embora, mas assim vendo que eu cheguei, mas aproveitei alguma coisa (...) é, eu prefiro [ir embora]. Porque tem muitas coisas que as pessoas falam que tá assim no mesmo caminho que eu entrei, e que eu passei, aí eu prefiro... Aí eu falo assim, gente olha lá, passado é passado... Gente porque a pessoa tem que voltar lá no

passado? Eu não quero voltar no passado. (...) Coisas ruins a gente não tem que procurar esquecer? “

E9 “ (...) aí eu penso assim, cada pessoa tem um sofrimento, mas tá continuando naquele sofrimento, procurou ajuda, mas tá sempre voltando naquele sofrimento, tá sempre lembrando, e eu penso assim: se eu procurei ajuda é pra me ajudar a esquecer aquele passado (...)” “(...) Me ensinar e eu esquecer, tirar aquilo que tá aqui dentro de mim, e saber perdoar as pessoas, aos poucos nós vão conseguindo. (...) Quem bate esquece, quem apanha não (...)”

O co-meço, a começar do próprio, representa a assimilação que reconduz o acordo na situação em que uma mesma medida vale para todos os sujeitos do acordo orgânico, como única força aceitável entre eles. Para ser única, ela parte do próprio. Significa essa força o poder de medir com que diferentes se medem reciprocamente em co-meço, em compartilhamento de início, de meio e de fim.

Perante a força do discurso natural, não há força particular que permaneça discordante e como ela harmoniza, convém que sujeitos se reconheçam fracos no isolamento e fortalecidos na conciliação, em busca do melhor. Em consonância com essa intuição, considere-se a posição abaixo transcrita:

R9 “(...) é importante reconhecermos que não estamos dando conta, já é um grande passo. Quando falamos dividimos, compartilhamos, é melhor para nós, formamos um elo. Aqui sentimos que é um ambiente seguro para podermos compartilhar as nossas dificuldades, cada um tem o seu tempo. ”

Logo, a força medicinal ou de meio será a força de co-medimento, de medicamento e de re-médio, o princípio ativo de assimilar ou símile, representação racional de discurso terapêutico.

A habilidade de co-meçar, de re-co-meçar em comedimento assimilativo com que o acordo inclui e equilibra, pode ser identificado na citação abaixo que vai disposta abaixo e que envolve na medida um e outro da oponência, profissional ou não:

E1 “ (...) não são assuntos qualquer, é como a roda também faz, né, os participantes da roda vem com problema sério que ele tem ou teve, e expõe esse problema porque aquilo ainda tem um restinho de machucado, e que as feridas secam né, mas as cicatrizes ficam, e o profissional também, as vezes, é a mesma coisa, ele guarda, ele tem esse problema que ele guarda, a cicatriz, talvez a ferida secou, mas a cicatriz ta ali, e talvez não tem mais com quem falar sobre aquilo não, e aqui ele encontra o apoio também, o mesmo que ele nos deu, ele encontra apoio também, aí ele se abre e aquilo ali ameniza também um pouco daquela cicatriz dele.”

De fato, a participação assimilativa dispõe a mesma medida como *arché* entre enfermos e médicos. Desse modo, os próprios autores da medida a ela se destinam em meta comum. Eles se encontram na mesma medida que forjam pelo fluxo do co-medimento e da proteção recíproca dos excessos contrários.

A razoabilidade ou discurso médico racional concilia e faz do consentimento o símile que protege o enfermo do excesso do médico no momento em que também protege o médico dos excessos do enfermo (HIPÓCRATES, 1983c).

Espirais conversivas que respiram e que conspiram assimilação, rodas de conversa que cuidam de memória de própria experiência, são domicílios naturais de demonstração do princípio natural, de alternativas éticas de acordo, de revigoração da práxis humanizadora. As fronteiras desse domínio se delimitam pela participação, mas não se restringem à uma circularidade física.

Examine-se o depoimento abaixo e nele se constate a conversão que flexibiliza a forma da roda:

E1 “(...) Vocês devem se lembrar como que eu cheguei aqui e daí a pouco eu saí da roda, sim, para ficar depondo problemas, eu comecei a, como eu disse, ter a liberdade aqui, de expressão, de ação, de tudo, então eu prefiro mais ajudar do que sentar ali na roda e expor um problema, aquela ajuda, me satisfaz de tá praticando algum bem, de tá colaborando com vocês, e ali me ensina mais coisas, ensina mais do que se eu sentar num canto lá e for chorar, (...), então eu tô ali ajudando, eu tô ouvindo ao mesmo tempo os problemas, mas tô vendo que eu tô amenizando os problemas das pessoas e os meus também, é isso, isso é muito importante.”

A elástica configuração espiral desenha as etapas pré, per e pós do percurso assimilativo em conciliação de simultaneidade, segundo a compreensão de *arché*.

Assim, a memória de própria experiência não se restringe a um segmento da conversão. Nela, a memória de própria experiência orienta momentos discursivos de preparo, de atuação e de prosseguimento do cuidado terapêutico assimilativo. Ela se reapresenta no co-meço em co-medimento, em com-partilhamento, em processo de minimização de diferenças ou de distâncias, para inclusão do outro da opressão. No afã de incluir, ela abrevia esperas e distâncias, estabelecendo continuidade. Se ela minimiza o gigantismo da sensação de corpo de um lado, de outro ela preserva a dimensão de cada singularidade. (FREIRE, 1970; HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 2007)

Valha-se da citação de E14 que abaixo se sublinha. Veja-se nela certo pressentimento, determinada vocação de utilidade com que a memória de própria experiência se aplica ao reconhecimento, ao co-medimento terapêutico:

E14 “olha eu sinto um(...) encorajamento, tipo, bem pra desabafar, e quando eu vou falar eu tenho que ser firme e deixar rolar, as vezes eu posso tá repetindo a mesma coisa, mas é uma coisa que ela tá muito viva em mim, quando fala várias vezes, é porque eu tô precisando mesmo falar e quando eu lembro ali na frente de todo mundo, eu tento ver pra pessoa me conhecer um pouco mais, todas as coisas que eu sofri, outras pessoas também podem sofrer ou prevenir para que não aconteça, porque a pessoa ouvindo o meu depoimento as vezes pode dar até uma ajuda.”

Não é demais sublinhar que a força de comunicação e de determinar acordos da igualdade se vincula a participação, ao compartilhamento. Daí que o ponto de partida para construção de um símile é o levantamento dos discursos sobre a diversidade. Essa diferença recebe tratamento assimilativo, de que resultam certas igualdades. Nessa partida, concomitantemente, a assimilação trabalha a suavidade, de modo que não se passa da multiplicidade para a unidade de um salto, porém em fluxo que faz escalas em igualdades intermediárias (HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b).

O mais fraco e oprimido corresponde ao disperso na sensação (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a).

A progressão dessa conciliação segue até que se alcance uma igualdade tão simples quanto possível. Ela deve acolher a diferença do começo em discurso único e útil, além do mais, à refutação racional.

Esse método de assimilação terapêutica concorda com a disposição orgânica para ser princípio do discurso médico (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2011). Destarte, o princípio ativo assimilativo, o símile, vem a se expressar em discurso, à maneira verbal e conversiva com que a conjugação da oponência entre *Phýsis* e *Dynamis* trabalha permanentemente, com força insuperável de homogeneizar, como

acordo entre todas as realidades (HIPÓCRATES, 2983f, HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b).

Tomem-se os profissionais e os não-profissionais na roda de conversas como simbolicamente mais fortes e mais fracos, respectivamente. A seguir, nos discursos de E1, notem-se as inclusões deles na roda comum de conversões, de grandiosas e significativas conversas que transformam sujeitos e mundo, a partir ou simultaneamente à integração dos aparentemente mais fracos:

E1“ (...) não são assuntos qualquer, é como a roda também faz, né, os participantes da roda vem com problema sério que ele tem ou teve, e expõe esse problema porque aquilo ainda tem um restinho de machucado, e que as feridas secam né, mas as cicatrizes ficam, e o profissional também, as vezes, é a mesma coisa, ele guarda, ele tem esse problema que ele guarda, a cicatriz, talvez a ferida secou, mas a cicatriz tá ali, e talvez não tem mais com quem falar sobre aquilo não, e aqui ele encontra o apoio também, o mesmo que ele nos deu, ele encontra apoio também, aí ele se abre e aquilo ali ameniza também um pouco daquela cicatriz dele.”

E1“(...) Acho que o profissional vai vendo aquilo ali da roda, aí ele também se sente na mesma situação, com os problemas da gente, ele aprende a solucionar os dele, as vezes ele é um profissional que tava ali estudando, mas ele não sabia disso, a partir da roda ele veio saber que ele também tá precisando de uma certa ajuda(...)”

O símile é dado a se expressar em rodas de conversa, ambientes conversivos de reconhecimento recíproco. Espirais conversivas de assimilação domicíliam o re-co-moço, a re-novação dinâmica com que a velha *Phýsis* se re-moça dinamicamente.

Outra vez, recorra-se à declaração de “S” para um mergulho no poder de renovação da assimilação:

R5 “(...) S está melhorando muito, está feliz, vários momentos de agressão não só fisicamente, é uma nova experiência, e a esperança de fazer um todo novo, um mundo novo, a minha vida está muito proveitosa, aproveito tudo que é falado aqui. ”

E acolha-se, novamente também, o que E10 dispõe:

E10 “(...) Sempre foi pra mim, uma perspectiva de aprendizado, de eu viver outras histórias, e entender daquelas histórias, o que eu podia fazer diferente na minha prática, quando eu percebo algo novo, que as vezes eu nunca tinha ouvido no trabalho, (...)”

Como já assinalado, uma das formas de explicitação discursiva do princípio de semelhança equivale à memória de própria experiência. Ela recorda, por igual, a impressão marcante e notável da evidente experiência sensível e a imagem da igualdade ideal. As ideias se misturam com o saber diferente do conhecimento percebido e se aconchegam à experiência sensível. Elas incorporam diferenças, dispostas a neutralizá-las e expressam saúde de legitimar acordos entre variações. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; PLATÃO, 1986a; PLATÃO,1991; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010a; PLATÃO, 2010b)

Esse acordo representa a brevidade que governa o tempo dinâmico de variar realidades. De fato, o tempo que contemporiza no momento breve, também dura, mas nunca deixa de conferir temporalidade às coisas de que participa.

É evidente que a manifestação sensível é transitória, já que tudo o que com o tempo aparece, com o tempo também desaparece, e assim o é em função da assimilação ou da necessidade natural. (PLATÃO, 2010d)

Admita-se a memória do mito que lembra Cronos devorando os próprios filhos, conservando-os vivos nas próprias entranhas. É que a brevidade ela mesma se dispõe

mais ou menos breve na duração da espera com que toda realidade se realiza a meio (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983c). Desse modo, por orientação do aprendizado com a natureza, experiências na própria saúde se tornam indispensáveis para capacitação em reconhecimento, observação e para que se configurem símiles que mediquem a duração ou o tempo crônico ou não-breve do desequilíbrio dinâmico. Essa duração corresponde a certa fratura, a certa contradição, que impacta a oponência natural, uma espécie de fissura ou justaposição com que diversos se articulam em conjunto. A fissura natural significa a sínfise com que a *Phýsis* mantém próximas as realidades dinâmicas, em cultura cooperativa e de reconhecimento. (HIPÓCRATES, 2003)

Assim como rodas de conversa coletivizam sujeitos singulares em reflexão recíproca, revigorando-lhes, também é revigorante a própria reflexão sobre várias vivências pessoais que um mesmo sujeito consoma. Quer-se dizer que a reflexão própria equivale, de certo modo, a uma especial roda de conversas a transcorrer no domínio próprio do diálogo a sós consigo mesmo. Dessa forma, tem-se rodas de conversa horizontais e verticais. Trazendo-se a percepção experimentadora para essas rodas chega-se ao ponto assimilativo de conformação de símiles: recursos de reconhecimento para tratamento breve das fraturas dinâmicas da saúde. Esse tratamento revigora com energias amorosas e ressonantes dispensadas pelo meio, pelo lugar ou fonte de acordo que representa a força vital com que a natureza se totaliza cooperativamente. Nesse sentido, consoante o acordo natural, produzem-se artifícios similares para auxílio a que a assimilação se confirme na presença, no instante.

Em toda ocasião, a assimilação traz consigo bem-estar. Em ambiente de ciência, metodicamente, ela pode ser racionalmente manejada para produção de símiles mediante disponibilização do próprio psiquismo. O princípio assimilativo, o símile, representante de um discurso natural que inspira conciliação, nasce de um conjunto de autoexperimentações. Horizontalmente, esse conjunto pode envolver disponibilização de várias memórias de próprias experiências, de diversos provandos, em qualquer tempo. Em relação à horizontalidade das provas, o provando é um *Pharmakós*. Esse provando se abre a efeitos fortes, já que provas em sua saúde nem sempre caracterizam autoexperimentações e conseqüente conciliação fina entre a igualdade e a memória de própria experiência. Verticalmente, o mesmo provando, variando o momento da autoexperimentação do mesmo, pode simular uma roda de conversas produtora de

símile, na condição de provando *Hypocrité*. A reflexão sobre várias autoexperimentações determina que o provando vertical se comporte como um sujeito coletivo de diferentes provandos da mesma influência, ampliando a variação que já ocorre em uma única experiência de disponibilização do próprio modo de pensar e de sentir. Nessa situação, o provando melhor se aproxima da experimentação de efeitos puros, onde a conciliação entre efeitos primários e efeitos curativos da reação do todo natural é mais estreita e mais inserida no domínio da brevidade. (HAHNEMANN, 1996; PLATÃO, 2008b)

Ao se boquear a assimilação, ao se restringir a participação do próprio psiquismo em função do bem comum, a angústia imprimida no acordo se volta contra o opressor ele mesmo, fazendo-o colher sensação de mal-estar (já que o acordo permanece neutro). É o que pode ser exemplificado nessa situação:

E9“ (...) assim, quando tem uma coisa boa é que eu aproveito, mas quando começa uma coisa que é do meu passado, aí eu não quero nem escutar. Às vezes eu saio, aí dou uma volta e volto. Aí se tá continuando naquela mesma história, ai eu prefiro não [ficar]. Mas assim, eu vou embora, mas assim vendo que eu cheguei, mas aproveitei alguma coisa (...) é, eu prefiro [ir embora]. Porque tem muitas coisas que as pessoas falam que tá assim no mesmo caminho que eu entrei, e que eu passei, aí eu prefiro... Aí eu falo assim, gente olha lá, passado é passado... Gente porque a pessoa tem que voltar lá no passado? Eu não quero voltar no passado. (...) Coisas ruim a gente não tem que procurar esquecer? “

E9 “ (...) aí eu penso assim, cada pessoa tem um sofrimento, mas tá continuando naquele sofrimento, procurou ajuda, mas tá sempre voltando naquele sofrimento, tá sempre lembrando, e eu penso assim: se eu procurei ajuda é pra me ajudar a esquecer aquele passado (...)”“(...) Me ensinar e eu esquecer, tirar aquilo que tá aqui dentro de mim, e saber perdoar as pessoas, aos

poucos nós vão conseguindo. (...) Quem bate esquece, quem apanha não (...)”

Do contrário, o bem de abraçar, como bem-estar, cobre sofrimentos, como na vivência de R1:

R1 “ (...) minha história foi que eu trabalhei em casa em troca de comida, a mãe começou a beber, para tirar nossa fome nos dava bebida, não tinha abraço sincero da mãe, estou sofrendo e queria abraço [a roda se levanta e dá um abraço coletivo]. ”

Assim é que, para a assimilação terapêutica, a compreensão é adequada quando ocorre no marco do acordo natural e da experiência na saúde, para incluir o que se aporta dos sábios e da tradição, em contexto de comedimento e de autoconhecimento, em que o discurso se identifica com as atitudes. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983e; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2003a; PLATÃO, 2005)

Memórias de própria experiência, a partir da disponibilização do próprio modo de pensar e de sentir, participam da verdade e previnem enganos, como instrumentos de autoconhecimento e fundamento de sabedoria. (HAHNEMANN, 1996)

Adiante, na exposição abaixo, se assinala o vínculo da renovação do saber com rodas de conversa, a partir da valorização de memória de própria experiência, em perspectiva de autoconhecimento.

Apele-se, uma vez mais, à exposição de E10:

E10 “(...) Sempre foi pra mim, uma perspectiva de aprendizado, de eu viver outras histórias, e entender daquelas histórias, o que eu podia fazer diferente na minha pratica, quando eu percebo algo novo, que as vezes eu nunca tinha ouvido no trabalho, (...)”

Segundo o discurso lógico e médico, é essencial que a fala leve consigo memória de própria experiência para que venha a se constituir em símile, em medida de reconhecer e de assimilar (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b).

As experiências sensíveis são apreendidas pela percepção e fixadas na memória. As imagens que elas suscitam na alma são tratadas pela inteligência e enfeixadas em uma singular ideia de próprio ou de outras igualdades, consoante um reflexivo princípio vital de assimilação, o princípio de semelhança, que olha para si mesmo, para a verdadeira igualdade ela mesma e que de tudo participa, à sua imagem e semelhança. Ele age pela *Dynamis* ou força vital de tudo conciliar e manter permanentemente coeso, de acordo com a noção de soberania da *Phýsis*. (ENTRALGO, 1987; HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b).

Essa força vital, como *Dynamis*, traz a percepção - que experimenta a realidade objetiva, diversificada e modalizada singularmente - e a inteligência racional em harmonia ou estado de saúde, para garantir que o curso da vida se realize no discurso conciliador e conservador da coesão orgânica, social. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b). Então, é como pondera e equilibra o princípio de semelhança para neutralizar pesares e parecer minimizá-los ou liquidá-los.

Apure-se na declaração seguinte a intenção da memória de própria experiência de fazer conjunto e aliviar o peso do sofrimento:

E8 “(...) os colegas, as amigas, na roda, fui lá e conversei. Um pouco difícil, mas, ter a coragem e contei minha vida pra eles tudo. Aí depois quando eu contei tudo, passou... Sim. Contar a vida delas né, sim, passa, assim fica um pouco, fica é leve... Quando ela conta, fica mais leve... Pra todo mundo.”

Logo, a sensação é minimizada ou assimilada pelo próprio indivíduo, quando ele descobre em si a igualdade de que participa. Nessa base se estabelece a cura regular orientada pelo princípio de semelhança: cura de sensação ou reequilíbrio dinâmico da saúde. (HAHNEMANN, 1996) De acordo com essa regra, o semelhante mais forte e que é a ordenação do acordo universal como igualdade sempre verdadeira, sem

violência, faz desaparecer a sensação diferente, a impressão do semelhante mais fraco ou desigual (HAHNEMANN, 1996).

Já que essas memórias embasam o reconhecimento que fundamenta a ressignificação de sujeitos e manifestam o princípio de semelhança, colhe-se daí que elas permitem situar a metodologia homeopática de assimilação ou de participação no âmbito da promoção de saúde e prevenção da violência.

5.2. Aprendizado em Rodas de Reminiscências: Minimização de Pesares e Maximização do Melhor.

O melhor é o mais adequado (HIPÓCRATES, 1983f) e o que reflete a ordem cósmica (ENTRALGO, 1987; HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1983g; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010d). Ele corresponde ao mais semelhante (HAHNEMANN, 1996). É o que mais participa da adequação, do bem comum, da realização da semelhança com o menor grau de diferença, a participação da pureza ideal nas coisas (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009b). Assim, o melhor consiste na identificação, na práxis vital de assimilação. O reconhecimento entre pessoas as iguala e demonstra a força da assimilação que é potência de tecer acordos. Logo, o melhor é refletir a igualdade.

Quanto ao poder de igualizar do reconhecimento, instrua-se com E3:

E3“(...) que era muito [problema], sabe, um fardo muito pesado e foi aliviando, sabe, (...) A gente vai ouvindo as pessoas e vai descarregando os fardos que a gente tem, sabe? E vai percebendo, vai sumindo. Sabe? (...) eu ouvi, eu apresentei, sabe? Eu passei com aqueles médicos a primeira vez, sabe, conversei, passei uma experiência pra eles, depois eles falaram assim: “vou aplicar isso na minha casa”.

Essa situação corresponde à experiência do igual que o dispõe entre semelhanças como concordância entre menores e maiores igualdades. Ela significa o reconhecimento, que equivale à manifestação do sempre igual entre modalidades singulares.

A igualdade, por si e em si, sem prévio aprendizado, se reconduz como se determinam da *phýsis* as múltiplas naturezas mediante sua própria virtude ou *dynamis*. Essa determinação concorda com a noção de *arché*, divino fundamento que concilia permanência e movimento em simultaneidade como ordem cósmica e que se reflete particularmente em todas as realidades no contexto microcósmico, em especial no do humano. (ENTRALGO, 1987; HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1983g; PLATÃO, 2010d)

Pode-se compreender que a igualdade participa das igualdades por memória de própria experiência, pela relação reflexiva de oponência entre elas. Embora apropriado para o domínio da oralidade de roda de conversas, âmbito sempre aberto ao discurso e à refutação, onde prevaleça a força de acordo do melhor argumento entre iguais que amam o bem comum, lance-se mão da dialética assimilativa para breve incursão na noção da necessidade natural. (HIPÓCRATES, 1989b, HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1986b; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2007; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011) Esse método investiga a partir do fatural para o contrafatural e assimila mediante modelos ou medidas de inclusão (HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2003b) do diverso comum para o comum em gênero, da simplicidade específica para a simplicidade ideal, o método assimilativo recupera acordos e organismos, perdoando diferenças. Ele critica as determinações dialeticamente e argumenta com vigor hermenêutico, configurando seus argumentos à maneira de moeda, de dupla face conciliada por um acordo velado, em que a coroa olha para a multiplicidade, a cara para o contrário e a conexão conjuntiva para si mesma e para a ambiguidade. O método se baseia em memória de própria experiência para pontuar sensações articulada e conectivamente, em função de reminiscência, entendendo-se por reminiscência a recordação de igualdades ou de sensações no âmbito do pensamento (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b). Ele trabalha o acordo entre a igualdade (próprio) e a multiplicidade (percepção experimentadora), conferindo-lhe imagem e conjunto inteligente em contexto de moderação. Ele representa caminho de realização da práxis

vital de acordo com o método de assimilar. O que se amalha se passa adiante, se comunica ao outro, quando o desimpedimento da igualdade confere participação do bastante, a partir da abastança original. Confirmando-se a práxis vital no âmbito da assimilação, que sendo assimilação o é pelo outro, prossiga-se em sintonia com E9:

E9“(...) O que eu aprendi é o que eu tento passar... (...). Então assim o que eu aprendo aqui dentro não fica só pra mim não, eu tento passar mais pras pessoas, porque eu acho assim o que eu to aprendendo não precisa de ficar só pra mim, tem que passar pra frente. Quando é coisa boa eu passo pra frente. (...) O que eu estou aprendendo e o que eu ainda vou mais aprender.”

Parece oportuno continuar, então, em consonância com E9. A continuidade que neutraliza a distância fragmentadora se fortalece pela reflexão, pelo espelhamento comunicativo entre sujeitos. Esse espelhamento os norteia ao reconhecimento.

De certo modo, para se chegar à compreensão do reconhecimento assimilativo, leve-se em conta a experiência comum da reflexão diante de um espelho. Ela foca (*phýsis*) o próprio (*Phýsis*) em sua imagem oponente, a *dynamis*. Nessa operação, disponha-se a olhar para um marco e, simultaneamente, para seu oposto, um para avançar e outro para recuar. Para avançar, aceite-se o modelo do espelho como esquema a se reproduzir até certo ponto do ponto. No recuo, proceda-se do mesmo modo. O que se propõe é a noção, como regra geral, de que o foco (*phýsis*) se disponha (*dynamis*) em oponentes real (*phýsis*) e virtual (*dynamis*). Assim trabalhado o preparo, passe-se à frente.

Prossiga-se com o modelo do espelhamento. O real representa o original e originante, como memória ou imagem do foco ideal. Cada foco particular é recordação de outro pré-foco mais simples e pontual. Assim, de recuo em recuo, chega-se a um ponto da suspensão de juízo.

A reflexão, que questiona ao movimento a *phýsis* e que a força a se inverter em oponência, corresponde à *dynamis*, que não deseja o repouso, mas que o ama (ENTRALGO, 1987). Consinta-se em se opor à noção do um a de múltiplo, para se admitir na virtualidade dinâmica a perspectiva oponente que olha para a variação

(HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1997a). Conserve-se sob influência da reminiscência e, então, da pré-noção de assimilação de conciliação, da *phýsis* ou uno, que se dispõe em *Phýsis e Dynamis*, segundo a qual a reflexão diante do espelho acontece. Embora a imagem se diferencie do real, a reflexão representa experiência de assimilação em que o mesmo se identifica, perdendo diferença. É como a igualização ameniza o peso da realidade, já que a imagem não pesa. Note-se que o autoconhecimento se reconhece na sua experiência de diversidade.

Rememore-se que o real se reconhece em sua imagem ou experiência, apesar dessa experiência operar sua inversão, sua conversão, oponentemente. Destarte, a reflexão que recorda a igualdade a partir da experiência de percepção leva ao conhecimento do real, da verdade. Observe-se como o oculto foco gera sua disposição. Veja-se como ele se aparenta no fluxo dessa disposição, como se a experimentar sua própria saída, sua saúde. Nessa própria disponibilização, desde o âmbito velado e oculto do amortecimento, o foco se dispõe à manifestação, à mais sensível representação da vida, ao permanente desvelo com sua criação. Então, a dinâmica criação experimenta o interesse do essencial foco ou *Phýsis* ideal.

Como a disposição criativa é oponente, registre-se que a geração vem a se tornar vicissitude da contradição. A reflexão leva ao nascimento de oponentes que são, assim, conaturais, congêneres, fraternos. (ENTRALGO, 1987; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010d)

Diz-se, pois, que a oponência engendra contrários, que um contrário nasce ou se revela a partir do outro, que o aparecimento de um contrário é seguido da manifestação do outro, como a socorrê-lo sob força do acordo. Logo, a harmonia em si precede a contradição que ela afiniza.

Quando a harmonia surge da combinação de contrários, ela ressurge como imagem que reconduz o real, com certas imperfeições, desigualmente, embora semelhante. Nessa situação, ela surge como outra harmonia, como não-harmonia, alternativa de harmonia. (PLATÃO, 1986a)

Observe-se a água mole nascendo em corredeira do alto da pedra seca e dura, parálitica. Repare-se na necessidade do leito imóvel para o fluxo do rio, compreendendo-se que não há rio sem leito e sem caudal. Aceite-se a neutralidade do rio relativamente à sua dimensão. Note-se o dia nascendo no meio da noite e vice-versa. Mas, concorde-se que

não há dia e noite, a disposição oponente dia e noite, sem a igualdade Dia que os dispõe. Do modo como se compreende a existência de Árvore e árvores, Homem e homens, entende-se que um gênero assimila suas espécies e que estas se assemelham entre si e ao gênero delas. Destarte, pode-se assimilar diversos e oponentes.

Na opinião de E11 ouve-se a voz que reflete na noção de melhor a experiência sensível da fragilidade do outro. Essa experiência recorda o melhor porque é melhor que se submeta à força do acordo, da sabedoria natural, em contexto de reconhecimento.

E11 “a minha perspectiva é tentar ser uma pessoa melhor e olhar o outro melhor, porque quando você vem na roda, você vê a fragilidade das pessoas, então você começa a olhar o outro de uma outra forma(...)”

O conhecimento de algo, que concomitantemente se harmoniza com outra forma de conhecimento, é atividade de memória de própria experiência, que nas impressões de sua percepção se lembra da igualdade (próprio), do melhor. Em função dessa recordação, a proximidade da verdade confere sabedoria e sensação de bem-estar.

Adotando-se a permanente igualdade como semelhança em si (*phýsis*), sua experiência (*dynamis*) em igualdades determinadas representadas por pessoas, exemplifica a reflexão ou o reconhecimento como a criação de semelhantes pelo semelhante em si e como diversos podem ser assimilados. (PLATÃO, 2010d)

Por força a igualdade determina igualdades na manifestação e as mantém totalizadas, coesas como força de acordo, de assimilação participativa. Por esse processo criativo, a natureza se dispõe oponentemente, de modo reflexivo. Devido a ele, contrários se engendram (ENTRALGO, 1987; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 2008b).

Como acordo em si mesmo, a natureza concorda com sua experiência, sua reflexão. Em sua reflexão, o acordo se assimila, perdendo a diferença conversiva com que se imagina. Logo, a experiência recorda o acordo. Concordando com sua própria experiência, o acordo se assimila. O acordo recorda de si mesmo em sua imagem, experiência e semelhança.

Obtenha-se de G vivência de maximização do melhor pelo influxo da assimilação, considerando-se que o sofrimento corresponde à experiência do sofrimento:

R1 “G fala que descobriu que o seu problema é muito pequeno, um depoimento, sentindo muito feliz por ser acolhida, semelhanças muito grande em sofrimento, falar que não quer, que você não tem direito de fazer isso comigo (...)”

Então, o que é em si mesmo cria semelhanças em si mesmo, expressando-se como verbo essencial. E como verbo, que conjuga, a igualdade age como fala, como discurso, para se opor às igualdades pela força do acordo que discursiva comunicação.

Conforme a noção de *phýsis*, o homem que a realiza em particular, fala e muda realidades mediante compreensão de oponências inteligente e manualmente (ENTRALGO, 1987).

Se a exposição vem à luz, a igualdade em si, como acordo essencial, opõe-se no silêncio onde se dialoga a sós consigo mesmo, reflexivamente, onde se experimenta a igualdade em si.

A natureza se força, como acordo que é, ao discurso comunicativo e de assimilação com que se reconhece na variação ou no âmbito temporário da diferença, constrangendo-se na essência pura, ideal, como a supor interação e reconhecimento dialógico em toda a realidade, como se sua manifestação se abrisse em espiral conversiva, enredante, de tudo gerar e girar em dinâmicas rodas de conversa.

O acordo em si se coloca no êxito do acordo lógico e o que faz se consubstancia em verbo ou tempo de tudo constituir como certas esperas em seus particulares modos (ondas, comos e ou ocasiões). As diferenças traduzem variações da permanência que opõem inversões e conversões à igualdade. Então, a *dynamis* manifesta a natureza como uma roda de conversas, um diálogo de reconhecimento ou de reflexão. Assim, diferentes que se assimilam experimentam força na reunião e no compartilhamento, segundo a regra de que o que causa cura, à semelhança ou reconhecimento. (ENTRALGO, 1987; HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; HIPÓCRATES,

1983c; HIPÓCRATES, 1997a; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2010b).

Para reforçar a convicção sobre o poder da memória de própria experiência do princípio de semelhança para revigorar a natureza conversiva do discurso em sua relação com o melhor, registre-se o que E6 acentua:

E6 “pra mim tá excelente, não vejo explicação de outras coisas, pra mim ali todos os problemas ali tá sendo resolvido, graças a deus, (...), ali é o caminho e a verdade. (...) Eu aprendi ali na roda, que a gente não pode ficar com as coisas só pra gente, a gente tem que expor né, o que a gente sente, pra dar força aqueles que não tem coragem a falar também. Pra mim é isso.”

Atente-se para E1 que, de modo natural, enuncia o princípio de semelhança agindo por memória de própria experiência. A reflexão que identifica a experiência sensível com a própria condição relembra a igualdade e esse reconhecimento minimiza compressões.

E1“(...)As vezes a gente acha que tá todo mundo com um problemão de todo tamanho e, assim, problemas todo mundo tem, aí quando a gente escuta ali o desabafo de uma pessoa, as vezes nos ajuda a encontrar respostas pros problemas da gente e também, as vezes, mostra pra gente que o problema da gente não é tão grande, que o daquela pessoa é maior, e com isso várias pessoas tornam os problemas delas menores(...)”

A memória de própria experiência libera a realização da vida no acordo e abre caminho para ressignificação de sujeito, facultando-lhe respostas apropriadas à ressubjetivação, sempre em perspectiva orgânica e participativa.

De fato, o melhor vem a ser saúde (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1997c). Ele consiste na livre realização da vida pela força de neutralizar sensações o mais possível, com autoconhecimento e verdadeira sabedoria (HAHNEMANN, 1984; HAHNEMANN, 1996).

Observe-se na colocação de E12 o desenvolvimento da ideia que concilia liberdade e aderência na esteira do conhecimento (aprendizado):

E12 “(...) To gostando muito, (...) Espero ansiosamente pela sexta feira, pra chegar, pra gente escutar, tentar aprender também né? Com os depoimentos das pessoas e também to conseguindo me libertar né? Dessas coisas que eu venho vivendo a muitos anos (...) O que passei, aí eu to colhendo, informação, to escutando, to observando, muito bom aqui essa roda né? Escutar o depoimento das pessoas e senti assim acolhida né? Que a gente não tá sozinha né?” “(...) Eu to aprendendo, gosto demais da roda aqui, (...)”

Ao observar e escutar, E12 exercita o acordo no âmbito do pensamento, em aparente silêncio, para aumentar o volume de sua fala interna e consentir que ela se constitua em substância deste registro. Constate-se a vinculação de seu revigorecimento com o acolhimento, a refletir a minimização do pesar pela maximização do melhor, que é a saúde.

O melhor é a vida prudente ou moderada, metodicamente orientada pela assimilação que leva acordo à variação e favorecimento recíproco entre os seres (HIPÓCRATES, 1983e; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1983c, PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011).

Veja-se o que E10 diz sobre o vínculo entre o melhor e a sabedoria, em vida solidaria:

(E10) “(...) Então pra mim a roda sempre foi aprendizado, eu acho que eu aprendo e aprendi muito mais, do que em

algum momento eu repassei alguma coisa, ou melhor, eu acho que quando a gente também tá ali na roda, e está disposto pro outro, estar pro outro, que seja através de um abraço, que seja estar do lado, segurar uma mão, já é também uma forma de fazer algo pelo outro, mas o meu objetivo na roda sempre foi aprendizado, me tornar uma pessoa melhor, fazer da minha vida melhor, fazer da minha prática melhor, em cima de tudo que eu sempre ouvi na roda. “

A sabedoria é potencialidade de identificação, de reconhecimento. Sua riqueza cobre o melhor dos bens humanos e se demonstra pelo abraço amoroso, para o qual não há miséria, porém comiseração. Em sua exposição E10 identifica a disposição favorável ao outro como recurso de própria melhora. A inclusão representa desobstaculização da assimilação e significa desenvolvimento da práxis humanizadora, da saúde. O reconhecimento demonstra participação próxima com a igualdade, atividade de reminiscência. Esta fala se refere a roda de conversas como um educandário filantrópico em que o reconhecimento atualiza as lições de cada dia. Com ela, muito se afinizam as expressões de E3, E13 e E11:

E3“ (...) Ali [roda] eu aprendi a ouvir as pessoas, ouvir esses problemas, que o meu problema não é maior do que o de todo mundo, tem pessoas que tem problemas muito pior do que o meu e tem superado. Então, tudo a gente pode superar, tudo, tem que ter sabedoria e paciência, entendeu, e ir levando a vida. (...)E é isso aí, o que eu pude aprender, ver os problemas, tem pessoas novas ali que tem tanta dificuldade na vida, tanta coisa, tem passado muito pior do que eu que já estou com essa idade, né? Então, eu pude ver que tô superando muito mais, muito melhor(...) A gente ouvir as experiências das pessoas, as dificuldades e a gente vai aprendendo mais ainda. ”

E13 “eu acho que essa sabedoria mesmo vem é aqui da roda (...) São pessoas experientes (...) A gente só vê as pessoas orienta com uma coisa boa, ninguém dando palpite errado, então graça a deus a gente é muito bem acolhido, nem que eu não tenho nada aqui, não tem médico, não tem nada, mas eu venho participar, porque eu gosto de ouvir os outros falar, eu gosto de assistir, a gente fica, fala, como diz o outro mais experiente da vida né? A gente consulta.”

E11 “a minha perspectiva é tentar ser uma pessoa melhor e olhar o outro melhor, porque quando você vem na roda, você ve a fragilidade das pessoas, então você começa a olhar o outro de uma outra forma(...)”

O melhor na vida se alcança pelo exercício do discurso lógico apropriado a vida solidaria de bem comum ou de consenso (MELO, 2010; MELO *et al*, 2016; MELO, 2018), sob regência da assimilação de opostos. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, HIPÓCRATES; 1983c, HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2008b). Ele é o que é a causa comum do particular e de todas as demais coisas manifestas para supor as realidades como igualdades ou semelhanças, ligadas em consenso fraternal de perdão de diferenças (HAHNEMANN, 1984; HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b).

Próximo o mais possível da verdade, traduz-se pelo bem comum que atrai a inteligência ou potência de adequar, de abreviar, de sincronizar, de compor, de tecer amálgamas, de ser ensinada pelas diferenças, no domínio da práxis, da afinidade entre prática e razão (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d), domínio que se concilia com a noção de práxis transformadora conforme Melo (2010) e Freire (1970).

Observe-se a motivação de G pela roda de conversas:

R10 “G fala: não fiz faculdade. Mas a melhor coisa do mundo é conhecimento. Fico pensando qual será o assunto a aprender hoje. ”

Subentende-se que o assunto a que G se refere e que motiva ao aprendizado se relaciona com a práxis humanizadora. A declaração de G pontua que o melhor é o conhecimento e ela não o restringe a certo conhecimento específico, o que faria de G uma pessoa constrangida e rebaixada.

O que G demonstra é uma condição de adequação, de familiaridade, de desenvoltura, de liberdade e de igualdade. O conhecimento de que G dá notícia é o da ideia. Ele a todos é dado: não há quem o tenha a mais ou a menos. Todos o tem por igual, por participação, semelhantemente. Se aparentemente não é assim, por força há impedimentos e compressões que a práxis vital de reconhecimento é capaz de sanear. Reforça-se o nexos entre sabedoria e revigoramento com o discurso E15 que traz, ainda, sinais de ressignificação de sujeito, assinalados na ideia de *colcha de retalhos*.

E15 “eu busquei muito o senhor, pedi muita sabedoria, pedi muita inteligência, e deus foi me fortalecendo, eu fui melhorando, crescendo, cresci e voltei até a trabalhar, eu tava dois anos. Aí quando eu voltei ao médico ele falou quer voltar a trabalhar? Eu falei quero, eu quero voltar a trabalhar, eu tô me sentindo bem. E voltei até na escola, tô me sentindo bem. (...) É um que ajuda o outro. Também. Os profissionais são muito bons, mas entre si, você vê, que tem uns grupinhos de amizade, uma faz amizade com a outra, a outra faz com a outra, vai crescendo ali, vai tecendo uma colcha, minha colcha não tá completa ainda não. Faltando retalho ainda. Mas é muito importante, muito bom.”

Evidencia-se nessa contribuição a ocorrência natural do método de assimilar: a composição atualizável de retalhos em grupos singulares a caminho de um gênero ideal

mediante trabalho da inteligência, da reflexão, de configuração de imagens ou modelos, de coisas que são enquanto são.

Veja-se que “Juramento” se recusa à cirurgia da talha, à retaliação, à retalhação, à partição, já que jura por Apolo, pela oralidade, pela composição, que não polariza (HIPÓCRATES, 1983b).

Os grupinhos se regem por singularidades. Eles destacam do oculto a ideia própria que os inspira e se abrem à coletivização, à composição configurada pelo molde da colcha. Então, é como E15 assimila o que percebe.

Ao tratar sua percepção por uma ideia, a pessoa lembra de si por reminiscência e por reminiscência ela se lembra da igualdade ela mesma. O método de assimilação se apoia em memória de própria experiência compreendendo-se que ela se torna medida ou símile, unidade racional discursiva destinada ao trabalho conversivo de liberação do fluxo da vida, ao saneamento da violência e à cura da enfermidade. Ela faz conjunto e se destina a outro conjunto melhor, cadenciando a assimilação.

A igualdade em si, a igualdade das igualdades corresponde ao divino assimilativo: ordenação e substância em que todas as coisas se refletem à sua imagem e semelhança. (ENTRALGO, 1987; PLATÃO, 1986A; PLATÃO, 1991)

Já E1 se refere a vida como faculdade sem diploma, considerando que o saber é acessível a todos:

E1 “(...) porque ninguém sabe nada, nenhum de nós, ser humano, sabemos nada da vida, todo dia é um aprendizado, eu chamo a vida de faculdade sem diploma, então aqui, os profissionais têm diploma na área de medicina, da homeopatia, de várias coisas, de direito e tudo, mas a vida é uma faculdade sem diplomas, então tem outras partes da vida que eles não sabem, e da mesma forma que a gente busca aqui, a gente pode trazer aprendizados pra eles também (...)”

Para E1 o saber se diferencia segundo profissões e pessoas e o aprendizado é cotidiano. Se de um modo aprendem-se técnicas de apoio (de acolhimento e de abraço), por outro, o jeito com que cada qual se aplica ao cuidado, no fundo, é peculiar.

Quando a singularidade se concilia com a cooperação, revigora-se a práxis da autonomia e da igualização, em direção à qualificação do acordo e promoção do melhor.

E1 “(...) Volto a falar, é aquilo que a gente aprende ali, os profissionais passam pra gente, é dar apoio, é ajudar naquilo que pode, a gente acaba aprendendo a fazer como eles, quando alguém da roda tá falando e que alguém interfere na roda, vai ajudar, conversar, eu acho que isso foi um aprendizado com a roda, com os profissionais, que a gente aprendeu a também dar o apoio e dar o abraço, um no outro. Ali as pessoas se abrem né, ela mostra o jeito de ser dela (...)”

Pode-se entender que o jeito de cada qual se enraíza na originalidade, é dado e não se ensina, mas se abre à manifestação e ao aperfeiçoamento.

E1 “(...) É porque, muitas vezes, eu ouvi coisas que eu discordei, e hoje eu me arrependo de ter discordado dessas coisas, que é inclusive o que me traz o problema que eu tenho hoje. (...)Tem ajudas que atrapalham as pessoas, só que na hora a gente só visa o bem-estar da pessoa e não vê que aquela pessoa talvez não está preparada para ter o bem estar.”

A práxis vital se nutre de acordo, de sorte que eventuais desacordos indicam necessidade de melhora e representam violência, na medida em que se constituem em obstáculos a que o fluxo da melhora se aperfeiçoe. A melhora caminha mais e mais para o bem comum que ocupa o lugar da neutralidade. Assim, pode se compreender que o

domínio não maleficente da assimilação não corresponde ao da beneficência, quando a benevolência se distancia do bem comum. O melhor equivale à vida orgânica dominada pelo equilíbrio natural (HAHNEMANN, 1984; HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1997c; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991).

Evidentemente, trata-se a saúde como um bem: ninguém quer perdê-la, todos querem preservá-la e se possível adquiri-la a baixo custo, com o desejo, ainda, de conservá-la para sempre, na suposição de que todos os demais bens se rebaixam em relação a ela por lhe serem inferiores em caso de eventual troca (HAHNEMANN, 2006; HIPÓCRATES, 1997c; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991). O melhor ele mesmo se compara ao dado natural, de vez que não pode ser adquirido por compra, troca ou empréstimo, mas que é susceptível de ser aprendido, apreendido por própria experiência e por autoconhecimento. (HAHNEMANN, 1996; PLATÃO, 2008b)

O melhor se aprende por reminiscência que, simultaneamente, recorda a experiência e o conhecimento de próprio. Esse aprendizado se passa na “faculdade sem diploma”, instituição que se representa por rodas de conversa. Seus aprendizes assimilam conciliando conhecimentos experimentalmente percebidos com outros que lhes chegam ao pensamento por reminiscência (PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2008b).

Ao considerar a roda de conversas como escola, E2 se afiniza com o discurso de E1 que a compara a “faculdade sem diploma”:

E2 “(...) Aquilo que eu aprender aqui na roda, vou passar pra frente, não vou ficar só comigo, eu tô gostando demais de aprender, dos atendimentos gerais aqui na roda, já fiz muitas amizades aqui, e sou muito bem acolhida, e o que for para mim participar aqui, eu vou fazer o possível pra mim participar(...)A roda me ajuda, me alertando muitas coisas, né, e que aqui eles alertam, cada aluno dá uma opção, aí a gente vai pegando aquilo como escola, né, cada aluno vai opinando uma coisa e a gente vai pegando aquilo como aprendiz, vai colocando em prática alguma coisa.”

A via que da teoria olha para a prática é a mesma que da prática olha para a teoria: ela consiste no largo portal, na bem assinalada e conservada avenida da moderação, que se destina, sem turbulências, ao melhor.

Colha-se de E6 seu parecer quanto ao caminho assimilativo, onde se ambienta o verbo revigorante da filantropia:

E6 “(...) pra mim tá excelente, não vejo explicação de outras coisas, pra mim ali todos os problemas ali tá sendo resolvido, graças a deus, (...), ali é o caminho e a verdade. (...) Eu aprendi ali na roda, que a gente não pode ficar com as coisas só pra gente, a gente tem que expor né, o que a gente sente, pra dar força aqueles que não tem coragem a falar também. Pra mim é isso.”

No domínio do pensamento, o sujeito dialoga a sós consigo mesmo para configurar uma opinião razoável. O discurso, que então se achega a mente carreando comunicação pura e reflexiva, inspira coerência e acordo ao pensamento. O discurso comparece no fluxo do acordo natural entre um e múltiplo. O acordo natural e conectivo representa à assimilação em si, ao passo que os oponentes um e múltiplo a sua disposição. Na disposição, os diversos se implicam pelo engendramento que os gera um a partir do outro. Assim, em natureza, destacando-se o múltiplo, apressa-se o um para socorrê-lo e cobri-lo, simultaneamente. Em contrário, é o múltiplo que é chamado a favorecer o um, visto que o acordo natural reconduz a assimilação em linhas verbais ou conversivas. Logo, diversos da oponência natural giram em curvas conversivas e nelas se refletem. Nelas, ainda, um oposto gera opostos argumentos como em uma sinfonia de “nãos” alternativos em busca de assimilação, em ambiente comparável ao de rodas de conversas. Nesse processo, a igualdade (o discurso assimilativo) se amortece para enfeixar semelhanças (um e múltiplo). Uma vez dominadas por esta mesma orientação, semelhanças reúnem diferenças, permitindo que a verdadeira inteligência seja ensinada e exercitada pela diversidade (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1983c). Desse

modo, a instrução equivale à recordação, o que significa que a experiência compartilhada reflete o verdadeiro saber comedido. (PLATÃO, 2003c; PLATÃO, 2011)

Valha-se de E6 que se sente no caminho da práxis vital, instruindo-se pelo saber verdadeiramente útil à vida, que é o saber de reconhecer:

E6 “ (...) pra mim tá excelente, não vejo explicação de outras coisas, pra mim ali todos os problemas ali tá sendo resolvido, graças a deus, (...), ali é o caminho e a verdade. (...) Eu aprendi ali na roda, que a gente não pode ficar com as coisas só pra gente, a gente tem que expor né, o que a gente sente, pra dar força aqueles que não tem coragem a falar também. Pra mim é isso.”

Essa sabedoria instrui por saber que nada sabe fazer com que cada qual se autorize, a não ser por autoconhecimento, pelo saber ao fazer, admitindo-se que a virtude em si não pode ser ensinada. Ela contagia, abraça, coletiviza, argumentando tão somente para alcançar conciliações compartilháveis, por acolhimento e tratamento adequado da desarticulação.

Escute-se o pensamento de E2 que acolhe a diferença consoante reminiscência, em conformidade com memória de própria experiência e então, pelo saber que nada sabe para o outro, a não ser o saber amar:

E2 “(...) Aí a gente tem que se apresentar, sempre né? E eu falei que a roda, ali na roda, eu tô aprendendo muita coisa, a conviver com as pessoas e a lidar com pessoas diferentes, e que aqui na roda, eu tenho o que eu não tenho na minha família, que isso aqui pra mim, a roda, pra mim é uma família. (...)Devido tudo, tudo, tudo, tudo que eu já passei aqui nesse meu mundo, nessa idade que eu tô, tudo serviu de aprendiz pra mim, pra me fortalecer, pra mim não desistir das coisas que poderão surgir na minha

vida, no meu dia a dia, pra mim tá preparada, o meu pensar é esse né, que cada um tem o pensamento diferente.”

O saber assimilativo perdoa diferenças e acessa livremente a igualdade, recebendo dela cons-ciência ou sabedoria participativa.

Mediante memória de própria experiência do princípio de semelhança, o sujeito se instrui para realizar a práxis humanizadora, obtendo a sós consigo mesmo própria solução para seus problemas.

Todos, se bem interrogados, se habilitam para demonstrações públicas de suas capacidades singulares. Uma vez questionado por sua própria vivência, todo aquele que estiver assim educado, já dócil, predisposto ao acordo e necessitado de melhora, se instrui em sabedoria útil para a vida e a expressa em fala e atitudes mediante conhecimento da igualdade a partir de sua essência.

Nessas condições a assimilação ameniza a opressão e se solidariza pelo acolhimento do sofrimento, tratando-o como fruto do desacordo.

Ouçã-se o que tem a dizer M e A:

R5 “M diz: estou aprendendo demais com vocês, acrescenta muito o meu crescimento pessoal, eu sempre exagerei muito minhas dificuldades e problemas.”

R5 “A diz que todos tem algo em comum, o sofrimento. Repensar onde estamos e onde queremos chegar, espero aprender mais aqui, é mais que uma faculdade.”

Em consequência, pessoas que se colocam no lugar da vontade racional podem comungar o consenso com seus melhores argumentos, igualmente, sem assimetrias. (MELO, 2010; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2003c; PLATÃO, 2010a)

Destarte, compreende-se a associação da reminiscência com a minoração do sofrimento dos pesares existenciais no desenho da roda e que o autoconhecimento ou consecução do melhor promove saúde e previne violências.

5.3 Roda que faz questão de resposta: Reconhecimento nas Interfaces de Um Rosto Comum

De acordo com o hipocratismo, a natureza *Phýsis* se reflete dinamicamente em múltiplos modos (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1989a; HIPÓCRATES, 1997a), realizando-se especialmente no homem que, falando e compreendendo diversidades mediante favorecimento recíproco entre oponentes, transforma a realidade (ENTRALGO, 1987; HIPÓCRATES, 1989a). Essa noção corresponde ao pensamento de que a justa ou semelhante ordem cósmica assimila macro e microcosmos e que a natureza humana, em relação à natureza do todo é microcósmica e semelhante (HIPÓCRATES, 1983g). Os homens participam da *Phýsis*, como seus próprios membros participam de sua *Phýsis* particular (ENTRALGO, 1987). A natureza humana, portanto, abraça solidariamente e caminha sob o invencível impulso vital da assimilação, da homogeneidade (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 2003). A vida humana é vida de ser semelhante, justa ou prudente e, assim, de ser atualizada moderadamente, em função do bem comum, do verbo conciliador, do discurso lógico de manter e de restabelecer acordos (HIPÓCRATES, 1983e; HIPÓCRATES, 1983d; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2010b; PLATÃO, 2011). Na via da compreensão, é de toda necessidade que o homem se aperfeiçoe no saber da conjunção da teoria com a prática, voltando-se para assimilação irrestrita, tanto em sua experiência, quanto em sua inteligência, para que se disponha como expressão do acordo ou da reminiscência natural (HIPÓCRATES, 1983c, HIPÓCRATES, 1983d).

O saber vitalista hipocrático se afiniza com a concepção de que, quando a disposição cooperativa conecta pelo menos duas pessoas, manifesta-se o mundo da vida, em perspectiva de fortalecimento da práxis da autonomia, promoção de saúde e prevenção da violência (MELO, 2010). Ele comunga com a visão de práxis humanizadora de inclusão do opressor a partir do e pelo oprimido (FREIRE, 1970) e com o pensamento hahnemanniano de que, no momento de conjunção de singularidades, desobstaculiza-se o fluxo da vida, confirmando-se e recuperando-se saúde (HAHNEMANN, 1984)

(HIPÓCRATES, 1983f; HIPÓCRATES, 2003). Por memória de própria experiência, recuperando lembrança de si mesmo, o princípio de semelhança perdoa diferenças e orienta a vida participativa (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2009b; PLATÃO, 2010b).

Observe-se na fala de E1 o movimento da igualização, em que a memória de própria experiência comparece para que a vida seja ressignificada com o abraço autônomo e conversivo:

E1 “(...) e não tem diferente, ninguém. ninguém é melhor e ninguém é pior, e todos ganham liberdade de se expressar, quando eu falo os profissionais, é só para separar o trabalho que é feito pelos profissionais, mas na verdade, dentro da roda, ninguém se mostra profissional, todo mundo é igual, se põem igual ali.(...)as vezes a gente acha que tá todo mundo com um problemão de todo tamanho e, assim, problemas todo mundo tem, aí quando a gente escuta ali o desabafo de uma pessoa, as vezes nos ajuda a encontrar respostas pros problemas da gente e também, as vezes, mostra pra gente que o problema da gente não é tão grande, que o daquela pessoa é maior, e com isso várias pessoas tornam os problemas delas menores(...) é como eu disse, ali que a gente ouve os problemas do outro e vê que o da gente não é tão grande ou talvez no problema do outro a gente encontra respostas pro da gente, descobre coisas que a gente talvez não sabia né e ali a gente descobre coisas.(...)mas ali ele se põe humilde [o profissional], e aceita aquela fala das pessoas, que pega como exemplo e resolve também vários problemas deles. ”

Na superação da diferença, a assimilação questiona a igualdade em busca de respostas que ressubjetivem pessoas e as autorizem pela virtude civil, ensejando comunhão de questões e soluções (PLATÃO, 1986b).

O discurso de Y pode mostrar a igualização respondendo necessidades de ressubjetivação:

R5 “ Y fala de várias descobertas que o ser humano tem que fazer, eu achava que todos tinham que ser iguais, tem que ver o outro, eu descobrir várias mudanças que devo fazer, descobrir como mudar, mudar na vida, me evoluir, [roda] me ajuda a respeitar o outro. “

Ora, uma vez redimensionado o problema do particular para o comum, o calor humano participa alívio a quem nele se aquece e foca, à maneira do fogo que enleva a labareda e a encaminha para o lábaro, em labor antigravitacional. A comunhão, participativa que é, minimiza peso de mundo e liberta.

Em companhia de E1, experimente-se um pouco da enredante roda de conversas, que é como um laboratório onde se elaboram libertadoras medidas de adequação, à maneira do dar à luz uma concepção própria:

E1 “(...) o profissional pergunta, porque não interroga, ele só faz uma abertura, de que aquela pessoa tem liberdade para dizer o que ela pensa, o que ela quiser, então isso é muito importante. (...) como eu já ouvi ali de alguns profissionais, contarem os problemas, (...) se não ele falaria “aqui eu não vou contar meu problema no meio de outras pessoas, porque eu sou profissional” não, eles se põem igual as pessoas da roda.”

“(...) cada pessoa tem sua maneira de ser né, mas todos participam igualmente (...) os profissionais se igualam, ali eles esquecem que são profissionais, eles participam da roda como um todo, ali só tem pessoas iguais, todo mundo é amigo, todo mundo tem a liberdade de expressar, o profissional também se sente ali num mesmo local,

numa roda de apoio. eu acho que ali ela tá tomando coragem pra se expor, porque ela vê o outro se expondo e eu chamo assim de pegar na mão do outro, ela tá vendo ele falar ali, tá tem uma pessoa dando a mão pra ela e falando “pode vim que você também vai ser ouvida, ela sabe que vai, ela se iguala, não tem diferença de pessoas aqui dentro, são todos tratados iguais e todos levados iguais.”

Quando o dilema é questionado pelo método assimilativo, o reconhecimento que recorda o ideal o problematiza como uma questão que descortina amor para se obter respostas de bem comum, de dentro para fora, como convém a saúde em si e sua demonstração em boa disposição.

Perceba-se que E2 revela a necessidade da assimilação para que se encontrem respostas no acordo:

E2 “(...) a roda significa muito pra mim, porque na roda a gente escuta, a gente fala, e a gente é recebido sem desigualdade, na roda a gente tem aquilo o que a gente não tem na família, dialogo, compreensão, entendimento, a gente não tem o ombro amigo e na roda a gente tem tudo aquilo que a gente deseja ter em uma família(...) ali não tem diferença nenhuma de uma pra outra, todas são tratadas igualmente, todas recebem apoio, todas recebem carinho, todos recebem abraço, e é isso que o ser humano quer, (...)mas todos recebem.(...)porque se uma pessoa me pergunta com desigualdade, eu vou ficar sentida, eu vou ficar triste, vou ficar ferida, eu vou querer correr atrás daquela pessoa, quero saber por que me ofendeu, porque me tratou daquela maneira.(...)eu ouço, se eu posso dar uma resposta eu dou, se eu não posso, eu fico só ouvindo.”

A assimilação bem interroga a todos que necessitam de força com que possam superar desigualdades. Sob regência dela, dilemas (dia-bolos) e problemas (pro-bolos) se simbolizam (sim-bolos) em conjunções (em-bolos) pelas quais solidários compartilham um mesmo e belo rosto, um mesmo e belo bolo, como desvelo e pão de se compartilhar.

À mesa com E3, prove-se o sabor desse saber solidário de memória de própria experiência que supera a solidão:

E3 “(...) ali [roda] eu aprendi a ouvir as pessoas, ouvir esses problemas, que o meu problema não é maior do que o de todo mundo, tem pessoas que tem problemas muito pior do que o meu e tem superado. Então, tudo a gente pode superar, tudo, tem que ter sabedoria e paciência, entendeu, e ir levando a vida. (...)e é isso aí, o que eu pude aprender, ver os problemas, tem pessoas novas ali que tem tanta dificuldade na vida, tanta coisa, tem passado muito pior do que eu que já estou com essa idade, né? Então, eu pude ver que tô superando muito mais, muito melhor(...) a gente ouvir as experiências das pessoas, as dificuldades e a gente vai aprendendo mais ainda. ”

Quando o pão do dispensário de bem comum é o pão da assimilação, não se produzem restos.

Esse abraço não arrasta ninguém, porque a força com que se enreda nessa rede é a de igualdar. Ela corresponde à aderência de, por com-sentimento, se aderir. Destarte, aquele que reconhece se reflete no outro e o tem por própria imagem ou rosto, foco que também inclui uma pluralidade semelhante. Nessa situação, identificam-se os outros do reconhecimento como uma só e mesma pessoa: a imagem ou reflexão do próprio.

Mergulhe-se com E3 no centro profundo que acalma, ainda mais se o que o rodeia é tormenta:

E3 “ (...) que era muito [problema], sabe, um fardo muito pesado e foi aliviando, sabe, (...) a gente vai ouvindo as

peessoas e vai descarregando os fardos que a gente tem, sabe? e vai percebendo, vai sumindo. sabe? (...) a gente aprende como que a gente vai sobressair do problema da gente, o da gente não é grande tanto quanto o daquela pessoa. fica mais leve pra gente.”

O centro onde a força experimenta o momento é qual mancal ressonante que alivia a carga da superfície com o recurso bastante do meio. É tal centro de campo onde a carga é mínima. A assimilação reflexiva que humaniza em pro-fundidade acessa fundos especiais adequados à cobertura de discórdias, onde a onda se agiganta, em particular experiência de acordo. Esses fundos são respostas de serenidade às inquietações que não rodam na roda e que, assim não rodando, não renascem à luz, conforme a noção de *Phýsis* para a qual nada do que existe pode morrer e nada do que nasce pode nascer do que não existe. (HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1997b; PLATÃO, 2009b)

Note-se a habilidade da memória de própria experiência do princípio de semelhança em trazer a igualdade na confirmação de bastão ou vara de justiça natural e na dispensação à vida de seu pão singular:

E4 “ (...) eu achava que meu problema era enorme, depois que eu vim, ele foi diminuindo e ficou pequenininho, graças a deus, né, que a gente acha que só a gente que sofre, mas quando vê gente com o problema pior que da gente, a gente até... não é que conforma, mas dá uma animação a gente para viver, não é só eu que tô sofrendo.”

A vara de justo meio representa a *Phýsis* como caduceu em redor do qual se enreda a dinâmica onda serpentina que a cobre e que inspira a moderação para remediar males da cobertura. Ela simboliza a conciliação entre novo e velho pelo renascimento ou amortecimento. Encantando e desencantando, interpelando a tradição e questionando a experiência mediante novas vivências, ela pro-cura soluções, para, afinal, encontrá-las no co-meço, no lugar moderado do *arché*, onde se encontra a vontade racional ou arca da aliança, da práxis de autonomia, da igualdade, da promoção de saúde e da prevenção

da violência. Ao significar puro acordo com que se possa reconduzir pela força do melhor argumento ela não pesa coercitivamente porque representa a aderência consentida com que semelhantes incorporam organicamente a semelhança em princípio. Não há injustiça nessa vara que por si mesma abastece o bastante no âmbito apolar em que nada falta, nem excede. Ela não esquece ninguém, ainda que permaneça mais ou menos esquecida. Essa reflexão entre vara e variação em sua pureza ideal se opõe aos acordos temporais. Ela os desafia à brevidade, para morrerem assim que nasçam. Consequentemente ela chama à sua presença a duração dos acordos de convenção, reforçando a autonomia com que o discurso prático acumula representações de princípio, como os de direito e de democracia, já sendo ele firmemente identificado ao princípio de medicina.

Nesse roteiro conversivo, como influxo de puro acordo e com suas chamadas consonantes de chamar, a inteligível pretensão de validade da fala, progressivamente, confunde as demais modalidades (verdade, normativa, veracidade) das pretensões de validade dos discursos, tornando-os simultaneamente discursos teórico-práticos, segundo memória de própria experiência. Desse modo, comunicativa e inclusivamente, os discursos se fortalecem na integração com as coisas em geral, desimpedindo a vida que há em todas as realidades e circunstâncias, de momento humanas e não humanas, mas naturalmente congêneres.

Vale lembrar que, para o hipocrático, a *Phýsis* comunica sua natureza a todas as realidades, em especial ao homem, destinando-o à moderação da cidade e a cidade ao cosmos, em sabedoria de tudo assimilar (ENTRALGO, 1987). Nesse sentido, é fundamental que as vivências e o discurso sejam coerentes o mais possível. No domínio da assimilação, do modo como o discurso racional pode questionar normas, o sujeito também pode interrogar coisas, dependentemente de sua capacidade de experimentar com brevidade as medidas de bem comum de sua própria autoria. A melhor posição do sujeito solidário é esse lugar orgânico e cidadão da vontade racional, sítio que retorna para ele a norma de sua própria autoria (MELO, 2010).

Do micro ao macro-organismo, o princípio de semelhança age igualmente. Do modo como ele trata um corpo em particular, trata os demais corpos com inteligência associativa. Para ele, vida é vida de ser social. Dessa forma, conforme suas ações (efeito primário hahnemanniano), os seres, que modalizam a igualdade em si (potências para Sócrates), experimentam a reação assimilativa (efeito secundário hahnemanniano) do

todo da única igualdade. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 2003; PLATÃO, 2003b; PLATÃO, 2008b; PLATÃO, 2008a). Coerentemente com Hahnemann, o que opera a cura é reação curativa, a reação da boa natureza (HAHNEMANN, 1996)

Então, por necessidade natural de melhor adequação e bem comum, seja para o que for, medidas de medir retornam como mesmas medidas para aquele que mede e julga. De vez que consoante a esse mesmo princípio, em nome da moderação, a medida de temperar a intemperança será compartilhada pelos já moderados, para mais moderados se tornarem. A intemperança à qual venha a se destinar uma medida em nome da moderação partilhará destino comum com todos os que a conceberem. Dessa maneira, com vistas a melhor temperança e sob proteção da reminiscência, tanto em relação a injustos quanto a já moderados, é necessário que se provem certas forças sem destemperos. Razoável, então, é que medidas sejam propostas em base a própria experiência, de passado, de momento ou para o futuro (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991).

O caminho da temperança perdoa medidas que, em novos momentos, necessitam de melhor concerto. Entende-se, assim, o aprendizado do ideal de consenso por reminiscência, quando se questiona o dilema da violência ou da enfermidade e se o problematiza como desacordo, que a amizade natural nem esquece, nem sofre. O belo diferente do aqui e agora ama o belo ele mesmo, mais além, em outra totalidade. Ele deseja seu abraço universal e nele permanecer sempre acolhido. Dessa maneira, de momento em momento, medidas se simplificam em concertos mais belos, assinalando-se que a natureza não faz caso do perjuro por amor (HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 1996a; PLATÃO, 1991).

A conciliação pura entre a experiência senso perceptiva de mundo e a memória de própria experiência em vida participativa e de acordo leva ao conhecimento da minimização, ao reconhecimento da igualdade. Nisso, há felicidade, há bem-estar. A dinâmica de empatia neutraliza sensações, na medida em que o sujeito se recupera e conserva disposição orgânica, tornando-se o bem-estar motivação para enraizamento da práxis humanizadora. Logo, reconhecimento e igualdade se implicam por reminiscência, por memória de própria experiência.

Enfatize-se a capacidade de assimilação da memória de própria experiência do princípio de semelhança com o concurso de E4 e de E5:

E4 “(...) foi ótimo, eu achava que era só eu que era sofredora, eu vi que tem gente que tem problema pior do que o meu né, o meu não é uma coisa de outro mundo. ”

E5 “(...) mas é tanta coisa que a gente aprende nessa roda viu, tanto bem como coisas ruins que acontecem com as pessoas, entende? que a gente sofre, a gente sofre igual. a gente aprendeu coisas que, (...) nunca tinha visto. (...) pra mim essa roda é uma família que eu tenho. e a gente sofre com os problemas dos outros, entende? a gente sofre e aprende também. (...) mesmo que não é com a gente, a gente sofre. olha pra você ver, casos lá que a gente nunca passou por isso, e disso resulta essa falta que a gente sente desse limite né, pra nós até ajuda na saúde da gente... “

Ao tempo em que o discurso de E5 revela ganho de saúde, concomitantemente registra sofrimento, no caminho da assimilação participativa e solidária, distante da polarização que esquece o acolhimento. Esse influxo corresponde ao impulso vital de reminiscência que conjuga memória de experiência sensoperceptiva e recordação da ideia, dada por bem-estar, que traduz a memória de própria experiência do princípio de semelhança (HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO, 2003c).

Por reminiscência, conjuga-se certa totalidade em mesma suposição assimilativa, segundo o método de conjuntar inteligentemente a partir da própria experiência, do que se colhe melhor realização da vida, promoção da saúde e prevenção da violência. (HAHNEMANN, 2006; HIPÓCRATES, 1983d, HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2001; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2011)

Em E6, percebe-se o princípio de semelhança carreado pela memória de própria experiência a minimizar dores e a discursar acordo ou bem-estar, em contexto humanizante:

E6 “(...) ali às vezes a gente acha que o problema da gente tá sério, mas tem outros mais do que a gente ainda, sofredores com tudo (...) a gente vê dos outros, acha que a gente é maior, mas tem outros maior do que o da gente, tristeza. (...) que pelas conversas das pessoas, igual te falei, que as vezes a gente acha que o problema da gente é enorme, que tem outros maiores ainda.”

Observe-se a contradição procurando em E9 a conciliação, sob inspiração do cuidado com o outro, concomitantemente à captação inteligente da ideia, em demonstração da participação:

E9 “(...) dar depoimento na roda ainda não... o que eu acho assim, cada um tá com um problema mais difícil, aí se eu vou contar o meu, vai ficar mais difícil ainda pros outros, aí eu prefiro ficar quieta. e aí eu penso assim né (...) o meu problema eu acho que é maior do que todo mundo, aí o problema do outro eu acho que é maior do que o meu. ah eu penso assim se o dele tá maior acho que eu vou dar conta de carregar a minha [cruz].”

Considere-se que a saúde, contraditoriamente à enfermidade ou violência, é influxo participativo. Ao se manifestar a contradição permeada pela equiparação, como no caso de E9, evidencia-se liberação da saúde singular. Uma vez desbloqueada, ela parece aumentada. É assim que a moderação, na qualidade de meio ressonante e providente de conferir poder assimilativo, revigora a vida que se ressignifica participativamente. A abertura à confraternização traz novo e mais conciliador acordo para que se simplifique o desacordo, em rumo ao ponto que tudo integra e que encontra todos os pontos da especificação. Nessa perspectiva, ao se tomar a experiência do outro como própria, o sujeito acessa o impulso vital que conduz à verdade e, por meio da reminiscência, recupera a consciência do ideal como recordação e participa da ciência das ciências (HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991). Essa amizade concilia o ponto com os demais pontos dinâmicos da manifestação na configuração do *Arché*. No definido ponto do sumo bem, acolhem-se as determinações do não-bem, do que se colhe

impressão de bem-estar. Quando é a assimilação que procura respostas, a interrogação disponibiliza a fartura de alternativas com-cientes. Assim, a sabedoria rega o deserto existencial, em dinâmica que abraça os sujeitos da comunicação no envolvimento co-responsável, no universo de medidas de equivalência, de soluções comuns. Então, a fragmentação beli-gerante, vertiginosa ou girante no fechado círculo da intolerância, renova-se em argumentação orgânica que com-versa e que configura o comprometimento vivo entre inteligência e prática, indispensável à realização da práxis humanizadora, do desenho do bem-estar em roda de conversas.

Atualiza-se o potencial de acordo e de reconhecimento, em confirmação do influxo de filia universal ordenado pela noção de igualdade que a inteligência recorda, desde diversas experiências no aqui e agora. Dominado por essa força de igualar, o reconhecimento tudo assimila sem fazer caso de diferenças. O processo pelo qual a diversidade é reconhecida na igualdade, integrado pela percepção, pela memória e pela inteligência, é a reminiscência. Por meio dele, compreende-se de medida em medida e de grau em grau, sem que se opere de uma só vez a simplificação de diferenças (HIPÓCRATES, 1989b; PLATÃO, 2005).

Ouçã-se como E10 totaliza situações diferentes de não-acordo que demandam por respostas que lhe neutralizem padecimentos:

E10 “(...) pela troca, pelo encontro de situações muito próximas, quando você percebe tem “n” outras pessoas na mesma condição de você, buscando superar, buscando entender o porque disso, tudo é uma de forma de conforto, de apoio, é inexplicável, (...) foi um dia fantástico, onde eu fui cuidada pela roda, fui acolhida pela roda, (...) elas todas se pararam pra mim, então, é uma dor, um incomodo que tinha naquela hora, ele foi tomado por uma sensação de carinho, afeto, amor, quando pessoas que as vezes estava com problemas muito mais sérios que o meu, pararam pra me ouvir, então eu fui convidada a estar na roda, e a falar sobre meus sentimentos”

A resposta de bem-estar carrega a impressão da permanente igualdade a deter ou a equilibrar a particularização, lembrando que se equilibram com reconhecimento os saberes de permanência e de repouso da *Phýsis* e os de movimento e de renovação da *Dynamis*. Nesse momento, sente-se a inclusão com que a igualdade alivia a gravidade dos dilemas no instituto reflexivo da transformação pessoal. A igualdade familiariza, abraça e coletiviza solidariamente prendendo a dispersão em insuperáveis laços de compreensão que refletem reconhecimento e sabedoria. Por reminiscência, o conhecimento é questão de reconhecimento.

Não sem razão, E11 descortina a afinidade entre a identificação com a reflexão. Essa combinação abranda sofrimento, se orientada pela inclusão de considerar o sujeito coletivo, quando todos que o integram se reconhecem uns aos outros como possibilidades alternativas de reciprocidade, na experiência do amor que, mesmo parecendo pobre, nunca é pouco para cobrir muitos males (BÍBLIA, 1985c; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2010b).

Acompanhe-se E11 por instantes:

E 11“(...) sempre vem pra gente assim, nossa senhora, eu achei que tinha um problema, não tenho, não tenho, isso não é um problema, o meu problema tem uma solução, ele tem nome, ele tem sobrenome, e isso não é um problema, esse refletir, trazer isso pra si, e refletir, olha não, não, não estou tão mal assim não, tem situações mais difíceis, pessoas vivendo situações mais difíceis, que a minha tá fácil (...) ajuda, tem horas que a pessoa fala, parece que eu falando, assim tem muitos, muitos relatos que me identificam né? identificam bem assim, então eu acho muito bom.”

Justamente, é na força natural de reconhecer que o princípio de semelhança inspira a medicina para prevenir e sanar males. Ele a encontra em si mesmo, sem prévio aprendizado, em sua própria reflexão ou imagem, na oponência com que ele, comunicativamente, incorpora a multiplicidade de igualdades. Essas conversivas

semelhanças se abrem à reminiscência e se tornam medidas. Como a memória de própria experiência assimila diversidades em orgânicas rodas de conversa, ela reúne comorbidades no âmbito da saúde desequilibrada. Assim, a assimilação terapêutica se vale de seus favores. Dessa maneira, a realização profissional do amor curativo se realiza na não-maleficente e econômica assimilação de comorbidades. Comsentidamente, ela trata o organismo reunindo diferentes expressões de doenças em mesma enfermidade, susceptível de ser neutralizada no domínio da reminiscência.

Quando a medida e seu correspondente bem-estar saneia a diferença e seu respectivo mal-estar, concilia-se a contradição e desobstaculiza-se o fluxo da vida, revigorando-se a saúde.

Atente-se no revigoramento relatado por E11, onde atuam a memória de própria experiência e o discurso, no instituto da solidária roda de conversa:

E11 “ (...) ah! eu sinto que eu não sou a única a passa por aquilo, porque as vezes a gente acha que a gente é a única, que não tem ninguém mais passando, você não tem ninguém, mas aí você ve o outro, o outro também ta passando, então você não se sente tão abandonada, se sente assim, um pouco mais forte, porque as vezes você ve o depoimento da pessoa, a pessoa se identifica, mas ela ainda ta bem pior do que você assim, então é bom, é bom porque você fala assim: “pera aí, eu to ruim, ainda tem pessoas que estão numa situação [pior]..., passou pela minha, mas ainda foi mais além, que tem gente com situação bem pior do que a minha” então é bom, é triste, a gente chora, emociona, mas é bom, eu gosto, quando eu vejo assim que tem alguém que fala assim, sabe aquela pessoa que fala as palavras, que as vezes você até queria ter levantar e falar, mas as vezes você nem tem coragem, então o outro tem, e você fala assim oh, é isso aí, mais um guerreiro ou é mais uma guerreira, eu acho bom.”

A memória de própria experiência trabalha a identificação com o outro e perdoa diferenças. Revigorando a conjunção natural para articular a variação, ela revela o verbo de forma singular e o discurso comparece ao pensamento e à fala. Dessa forma, brota-se a opinião e, em sua companhia, permanece a necessidade do acordo, para quem o outro traz consigo a mesma precisão de bem-estar, de estar bem e bem junto ao bem comum, permanentemente junto (PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2010b).

O saber de reconhecer orientado pelo princípio de semelhança, de acordo com a reminiscência, se constitui em saber de amor que compartilha o vir à luz de concepções próprias. No âmbito do momento oportuno, ele simultaneamente prende e liberta, por compreensão e concordância. Ele é saber que para o outro nada sabe, porque todos sabem igualmente o dado conhecimento da igualdade ela mesma. Cada um em particular a conhece em segredo singular e inefável. Esse saber não pode ser ensinado. (PLATÃO, 2003a; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2009a; PLATÃO, 2011).

O saber de não saber para o outro é saber de múltiplas alternativas próprias (HIPÓCRATES, 1983c; PLATÃO 2003a; PLATÃO, 2005; PLATÃO, 2011). Ele educa pela reminiscência com que diferenças se reduzem a minimidades. Nessa diretriz, estranhezas se cancelam e a vida se humaniza, em parceria com a humildade e com o conhecimento do acordo universal, onde nenhum ser se isola.

Não é o que E12 confirma?

E12 “ (...) observei que é assim, tem pessoas que vem de lugares sim muito piores do que eu vim né? que são muito mais sofreadores do que eu, porque eu vejo as histórias delas, que são mais tristes que a minha, e que nós somos todos sujeitos né? a passar por problemas, que você acha que não tem, as vezes sim, né? (...) eu acho que aqui eu fui acolhida, (...) eu to me sentindo abraçada aqui nessa roda, (...) e escutando também depoimentos de várias pessoas, então assim eu to me sentindo, sabe, que eu não tô sozinha, que posso me reerguer né? (chorou) eu

escutando depoimentos de pessoas que tem coisas piores do que eu estou passando (...)"

O labor da reminiscência elabora perdão de diferenças e desobstaculiza o consenso natural. Assim, a assimilação se consuma: de acordo em acordo, em perspectiva de serem simplificadas mais ainda, igualdades conjuntam inteligivelmente múltiplas dispersões objetivadas. Então, “nãos” particulares e específicos se assimilam em gêneros de “sim” em situação comedida e ideal de bem comum. (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1989b; HIPÓCRATES, 1993; PLATÃO, 2008b)

No continente do reconhecimento, todos se parecem, como é o caso de E14:

E14 “ (...) [alguém falando na roda] era parecido, muito parecido. quando eu comecei a procurar sobre o que tava acontecendo comigo, eu consegui enxergar através dos depoimentos tudo que eu já passei, eu não conhecia o que era violência doméstica, eu só fui descobrir aqui.”

A igualização é o lugar onde se reúnem respostas de ressubjetivação. Destarte, compreende-se que a assimilação bem interroga quando a questão é questão de se encontrar, quando ela se encontra com a sua resposta no âmbito do bem comum e que, para mais acordar, desperta alternativas de “não-sim” da latência. Identifique-se a variação do mesmo com o enriquecimento do “sim” pela diversidade de “não-sim”. Compare-se esse acordar para a variação do mesmo ao processo pelo qual uma semente se multiplica. Agora, é momento de se admitir a árvore como demonstração do acordo que acorda tanto a semente, quanto o terreno. O renascimento que ressignifica pessoas pelo acordo de acordar pode ser confirmado no discurso de F:

R5 “F diz que veio para roda, não queria vir, falar com ninguém, não conheço, mas eu vim, aí quando eu vim, eu vi que o meu problema não era tão grande assim, fui me

conformando, e sentir que vale a pena lutar para sobreviver, não adianta, passado não volta, às vezes é triste, e depois retorna uma alegria, é o que eu ganhei na roda(...)"

A alegria com que a vida se renova desperta da latência aquele que dorme. Em mínima latência dormita a condição seminal. Em maior amadurecimento, em maior amortecimento, dorme o terreno. Mas o interesse vital é o do acordo entre demora e dinamismo, entre moral e ética, entre "um e múltiplo". (HIPÓCRATES, 1997a)

O interesse da vida é o melhor. Ele manifesta o acordo como a árvore que publica semente enterrada e terreno inseminado, ambos participantes do reconhecimento. Dessa maneira se pronuncia M:

R9 "M diz que participa desde o ano passado, já fez disciplina. falou sobre a auto-revelação em público e que a melhora da participante melhora tudo ao seu redor. somos todos iguais na nossa humanidade."

O acordo vital se publica no universo, de modo que a árvore se destina à identificação por todos do acordo entre semente e terreno. Constatando-se a árvore, recorda-se da semente que não acorda sozinha. De seu despertar participa o terreno, no mesmo instante de reanimação. Configure-se o amortecimento como o que mais contraria a vida, admitindo-a no domínio da consonância que faz do real o acordo. Nesse caso, a semente mais participa do real do que a circunstância, que até parece nem ser incluída no dinamismo da vida e não merecer participação na práxis humanizadora.

Para melhor realizar a saúde em âmbito de maior conciliação, a vida atende à necessidade da semente de mais se moderar e enseja que ela a experimente em regime de igualdade. Assim, é necessário que a semente se exercite na neutralização do amortecimento que a igualdade deve neutralizar para favorecê-la. Então, ela deve se inclinar para o terreno que a ela se opõe, se quer que a simplificação a socorra pela força de bem-estar da ideia pura. Nesse sentido, se quer ser reanimada pela animação vital,

ela deve reanimar também e encontrar respostas com que se responsabilizar em condição de igualdade. Destarte, ela recorre a si mesma, vergando-se com vergonha, em busca do puro ponto em que igualdades se comunicam, onde nem se engana e nem se ensina, porém, se compreende. Ela deve provar da mesma medida de amortecimento que força a igualdade à neutralização para favorecê-la. Ela deve concordar na medida de seu próprio interesse, se o interesse é o bem comum.

Na terapêutica médica assimilativa, a experiência de comunhão com a dor do outro por memória de própria experiência reforça a sensação semelhante e indica fortemente o contexto simpático de consentimento para se reconhecer. Essa sensação de agravação é concomitante à outra, que recorda a igualdade e que se traduz por bem-estar. Ela equivale à experiência da reminiscência e anuncia bom prognóstico para a cura de calos protetores da vida porque caracteriza cura dinâmica, que olha para a necessidade de regime de vida adequado ao enraizamento da ressubjetivação, entendendo-se que todos podem relativamente ao regime de vida, mesmo os que não experimentam enfermidade ou violência (HAHNEMANN, 1984; HAHNEMANN, 1996)

Como já se registrou em outros relatos, E15 também revela a vivência da reminiscência assimilativa:

E15 “ (...) porque todo mundo sofre né, todo mundo tem problemas, então você ouve e fala do sofrimento da pessoa, tenta ajudar essa pessoa de uma outra forma, até conversando ali, mas eliminar aquilo, não deixar que aquilo te afete, porque teve umas histórias ali que eu fiquei assim, no escuta, eu fiquei tão sentida, com um problema da época que eu já tratava né, então eu não tava conseguindo jogar aquilo fora.”

A medida que a semente experimenta para mais acordada se tornar é aquela que ela deve dispensar para mais acordar sua ambiência. A fim de mais despertar, a medida deve ser a mesma, seja para ser provada, seja para se levar que a provem, no caminho que orienta a prova prévia na saúde como necessidade da assimilação racional. Com vista a se elevar, a semente mergulha. Para acordar o desacordado, o acordo leva suave dormência ao vigoroso dormente. Consequentemente, ele se inicia na própria realização,

compreendendo-se que o real é o acordo presente ou brevidade. Algo realizado, o dormente se desperta, visto que o saber do todo socorre a ignorância particular, munindo a interrogação de respostas consequentes. O estado de esperto despertamento é acolhido pela disposição do acordo universal. A força do todo conspira com o particular despertamento para que de pequeno ele fique grande e de novo amadureça e reflita, a fim de espelhar a leveza com que se ajunta e se felicita no e pelo bem comum.

O tratamento natural da dureza crônica pelo amolecimento agudo se assemelha ao trabalho enzimático de conferir brevidade às reações: em regime de especificidade, a enzima é exigida em pequena quantidade e não se consome nesse labor. Ela funciona como uma pequena energia de ativação que auxilia a natureza a realizar o acordo ressonante no resto do processo. Se a enzima configura a memória de própria experiência, a brevidade que garante a economia do dado é expressão do acordo natural.

Como a natureza se determina a meio e em esperas, para arrematá-la convenientemente, é necessário que a práxis humanizadora aconteça no campo da assimilação que garanta arte e ciência de reminiscência com que o abraço coletivo inspire ideal à inteligência e à prática (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d).

O abraço deve se sintonizar com o meio e com todas as suas expressões, dentre elas a circunstância, que veste o princípio de semelhança.

Coerentemente, é como M fala da igualização em roda de conversa, aceitando-se que a roda traduza o diálogo que, por sua vez, reconduz a noção de meio e que cobre o princípio de semelhança:

R10 “M fala da importância do papel da roda e da nossa relação de igualdade, dentro da roda nós somos iguais. Cada um compartilha sua história, sua vida, e a gente vai conseguindo o melhor. Fico muito agradecida. Desafio que é trabalhar essa roda em que todos fiquem numa posição de igual e poder compartilhar suas experiências. Tenho aprendido muito.”

Pois bem, é de se esperar que circunstância e sujeitos se integrem, que rodas de conversa e pessoas se espelhem, à maneira de terreno e semente. A serviço da satisfação seminal, do percurso natural da semente em direção à sua satisfação e interesse, o princípio de semelhança encaminha oposição a ela. A semente deve participar da solução do desacordo que desacorda o terreno em morte aparente. Destarte, o reconhecimento cobre a semente de latência para que ela se pareça com o terreno e por ele seja assimilado, mas sem violência e engano em seu bojo à maneira do cavalo de Tróia. Convém que se incline, clinicamente, sem que se acomode no leito da heteronomia. Por conseguinte, a assimilação terapêutica orienta a que se prove dos apetites, das sensações ou dormências, mas sem destemperos, com o propósito de se capacitar para o reconhecimento por meio de memória de própria experiência (HAHNEMANN, 1996; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983f; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991).

A procura de melhor temperança intuída pelo belo em si é condição para o saneamento da violência.

Ela passa pelo auxílio ao resgate do desacordo do outro, percurso pelo qual moderados se encaminham (FREIRE, 1970; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991). Esse favorecimento é agradável à natureza (HIPÓCRATES, 1989b). Ele espelha o amor da beleza em si por suas igualdades que dela diferem particularmente. Esse amor equivale ao amor do velho pelo feio, àquele do novo pelo velho, do mais moderado pelo passional, correspondendo ao amor entre contrários, pelo que discorda e desgarras do conjunto. Ele é como o amor do pastor que, em dia de sábado, vai ao encalço de uma de muitas de suas ovelhas e que mais se alegra pela recuperação da vida dela do que pela permanência das demais em seu aprisco (BÍBLIA, 1985b).

Por isso, em meio ao júbilo dos deuses, além de retorno à vida, Aquiles recebeu imortal glória entre os homens e morada no mundo bem-aventurado. O que se sublinha nessa passagem é a possibilidade de o amor da beleza e juventude se sacrificar pela fealdade e velhice em nome da amizade, já que Pátroclo era mais velho e feio do que Aquiles. Não é demais rememorar que Pátroclo e Aquiles se amavam e que Aquiles arriscou a própria vida para defender a honra de Pátroclo, morto em combate por Heitor (BRANDÃO, 1987; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991).

Quando aparece a árvore, registra-se o êxito da assimilação. O resultado é a riqueza e o compartilhamento de forças ressonantes dispensadas pelo meio ambivalente, esse ser de

ambos que a latência da disposição instiga à neutralização. A efetivação do acordo em árvore expressa o aprendizado da circunstância que se tornou mais fértil pela síntese orgânica das energias solares. Contudo, expressa ainda o aprendizado da semente de se multiplicar para abastecer os celeiros da vida, compartilhando das mesmas energias. Dessa maneira, pela experiência comum de árvore, semente e terreno se reproduzem e demonstram a força vital do acordo.

Se a sabedoria do terreno é de acolher a semente sem exclusividade, deixando-se influenciar pela diversidade dela, esse saber ele desperta na semente que se multiplica algo variada. Se a semente sabe a determinação, ela desperta do bloqueio o saber que revoluciona e que o terreno parece ter esquecido. Se por influência da semente o terreno recorda a disseminação, por contributo do terreno a semente recorda a planta. Em aprendizado recíproco e por reminiscência, ambos se moderam pelo moderado ser de ambos.

Assimilando, ao tempo em que percebe as diferenças e que recorda também as igualdades elas mesmas, o intersubjetivo consenso identifica consigo alternativas iguais porque é assim que ele trata os diversos, para quem diferentes não passam de outras igualdades. Com esse acolhimento, a estranheza do díspare se torna igualdade alternativa. É como se familiarizam dispersões, do modo próprio como a semente aprende a se familiarizar e o terreno a se movimentar e ganhar fronteiras. Nesse domínio, o próprio de cada qual é preservado de se tornar propriedade do outro. Propriedades próprias se compartilham sob medida, comedidamente, em vida consentida e fraterna.

A igualdade ela mesma, em nada se altera ao participar de múltiplas semelhanças, sem nada sofrer nesse processo. Destarte, ela domina a enfermidade ou violência. Seja na brevidade, seja na duração do crônico, sem que violento o outro, a assimilação ordenada pelo princípio de semelhança admite oponentes “nãos” na multiplicidade do “não-sim” quando, simultaneamente, parece mortificada e renascida. É como, em adequada e condizente condição, uma semente compartilha a árvore com o terreno. Desse modo, indivíduos fragmentados pelo desacordo se aliviam pela refletida reminiscência da igualdade. (HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; PLATÃO, 1986a; PLATÃO, 1991)

Escute-se o canto assimilativo de M:

R3 “M diz que só de escutar já é uma benção, perdi tudo o tempo todo, sou cheia de perdas, ganho tudo na roda, sou tão sofrida, com tantos problemas, moro com problema, não é nada esse meu problema, quando vejo o do outro.”

Reflita-se na conciliação entre perda e ganho que M disponibiliza para que se observe a igualização humanizar. Tendo-se em conta que a igualização assimila e liberta da opressão pelo outro (de vez que, na relação, é sua expressão em medida ou sentimento que conserva a coesão), recorra-se à declaração de G:

R1 “G fala que descobriu que o seu problema é muito pequeno, um depoimento, sentindo muito feliz por ser acolhida, semelhanças muito grande em sofrimento, falar que não quer, que você não tem direito de fazer isso comigo (...)”

Ao se reconhecer nas outras igualdades, a igualdade em si do momento particular recupera memória do ser sempre igual: o que comunga em todos os instantes pela força de participar, de reunir isolados pela violência ou enfermidade. Ressignificando-se por ressubjetivação, o indivíduo alcança a condição de sujeito solidário, pela qual compartilha seu próprio semblante no rosto da comunhão.

Então, é como e a seu modo, E16 se demonstra solidária:

E16“(...) nós temos um problema e as vezes a gente não sabe a dimensão do problema do outro, e ai você vê que as vezes o que você tem não é nada perto de vários depoimentos que a gente escuta aqui dentro.”

A igualdade em si se encontra no meio entre igualdades particulares, neutra em relação a elas e neutralizando a dominação de uma sobre outras, de acordo com a noção de que a natureza é uma e múltipla e de que, sem medidas, a vida não pode ser participativa (HAHNEMANN, 1984; HIPÓCRATES, 1983c; HIPÓCRATES, 1983d; HIPÓCRATES, 1997a; PLATÃO, 2003c).

Dado que a assimilação faculta que a fragmentação não fique sem respostas e soluções, já que ela se norteia pelo justo meio e se realiza em regime conversivo inspirado pelo acordo, então, quando a disposição cooperativa conecta pessoas, identificando-as amorosamente, fortalece-se a práxis da autonomia, com conseqüente promoção de saúde e prevenção da violência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível constatar que a Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança permeia a interação intersubjetiva em ocasiões em que duas ou mais pessoas assumem a disposição de reconhecimento recíproco, no influxo do acordo, como é o caso das rodas de conversa do Ambulatório/Rede Para Elas.

Quando a assimilação orientada pelo Princípio de Semelhança identifica experiências particulares, trata inteligentemente as diferenças e rememora a comunicação pura, múltiplos sujeitos se refletem por um semblante comum.

Nesse lugar assimilativo, eles se tornam melhores, revigorando-se sob um mesmo influxo solidário em que encontram respostas para descompressão da práxis da autonomia. Então, eles se autorizam a partir deles mesmos e se abrem ao comedimento, ajustando reciprocamente medidas pelo consenso com que se ressignificam, com vistas à reorientação das próprias vidas, no marco da saúde como direito social.

Por Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança em que a Medicina Homeopática se fundamenta, pessoas se reconhecem participativas e se fortalecem em contexto orgânico de diminuição de desigualdades, onde acontecem Promoção de Saúde e Prevenção de Violência.

7. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MÉDICA HOMEOPÁTICA BRASILEIRA (AMHB). Residência médica. Disponível em: [http://www.amhb.org.br/category/residencia- -medica/](http://www.amhb.org.br/category/residencia--medica/). Acesso em: 11/07/2017.

BATISTELLA, C. **Abordagens Contemporâneas do Conceito de Saúde**. In: FONSECA A. F.; CORBO A. D., organizadores. O território e o processo saúde-doença. EPSJV, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007. p. 51-86.

BAUM F. *et al.* Evaluation of Health in All Policies: concept, theory and application. **Health Promotion International**, v.29, suppl.1, p.i130-i142, 2014.

BEZERRA, I. M. P.; SORPRESO, I. C. E. Conceitos de saúde e movimentos de promoção da saúde em busca da reorientação de práticas. **Journal of Human Growth and Development**, v. 26, n. 1, p. 11-20, 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Evangelho segundo São João. São Paulo: Edições Paulinas, 1985a, pag. 1985-2040.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Evangelho segundo São Lucas. São Paulo: Edições Paulinas, 1985b, pag. 1926-77.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Primeira Epístola de São Pedro. São Paulo: Edições Paulinas, 1985c, pag. 2270-77.

BRANDÃO, J.S. Mitologia Grega. Volume 3. 2 ed. Petrópolis: Vozes; 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde**. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): revisão da Portaria MS/GM nº 687, de 30 de março de 2006**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 36 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Portaria nº 971 MS/GM, de 03 de maio de 2006. **Diário Oficial da União** 2006; 04 mai.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC-SUS)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n° 702, de 21 de março de 2018**.

BRASIL. CFM N° 1634/2002 que dispõe sobre convênio de reconhecimento de especialidades médicas firmado entre o Conselho Federal de Medicina - CFM, a Associação Médica Brasileira - AMB e a Comissão Nacional de Residência Médica - CNRM. Brasília Diário Oficial da União de 29/04/2002, Seção I, p. 81.

BUSS, P.M.; CARVALHO, A.I. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). **Ciênc. Saúde coletiva** [online], v.14, n. 6, p. 2305-2316, dez, 2009.

BUSS, P.M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e Seus Determinantes Sociais. **Physis**, v.17, n. 1, p. 77-93, 2007

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde coletiva**. v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CAMPOS, D.S.; *et al.* Participatory construction of the State Health Promotion Policy: a case from Minas Gerais, Brazil. **Cien Saude Colet**. v. 22, n. 12, p. 3955-3964, dez, 2017.

CASTIEL, L.D. O acesso aos Campos Elísios: a promoção da saúde ampliada e as tecnologias de melhoramento em busca da longevidade (e da imortalidade). **Saude soc** [online], v. 24, n. 3, p. 1033-1046, jul, 2015.

COMISSÃO NACIONAL DE RESIDÊNCIA MÉDICA. **Programa de Residência Médica de Homeopatia**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6516-homeopatia-sesu-rm&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192. Acesos em: 12/07/2019.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **RESOLUÇÃO CFM N° 1000/1980**. Publicada no D.O.U., de 21 Jul 1980, Seção I, Parte II.

CORRÊA A.D., SIQUEIRA-BATISTA R., QUINTAS L.E.M. Similia Similibus Curentur: notação histórica da medicina homeopática. **Rev Ass Med Brasil**, v. 43 n.4, p. 347-351, dez, 1997.

CRUZ, A.C. G. da. **Da Similitude em Homeopatia - Amizade entre Gênero e Espécies**. 2016.

CRUZ, A.C.G. **Da Substituibilidade em Autopatogenias que implica provadores e a propriedade medicinal por representação psíquica**. 2007. Disponível em <http://www.imh.com.br/media/notorio.pdf>. Acesso em: 05/04/2019.

CRUZ, A.C.G. **Homeopatia e Discurso**. 2017. Disponível em: <http://www.physishomeopatia.com.br>. Acesso em: 10/07/2017.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde coletiva**, v.11, suppl., p. 1163-1178, 2006.

DICIONÁRIO on line de Português. SEMELHANÇA. 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/semelhanca/>. Acesso em: 02 de março 2019.

ELIZALDE, A.M. Homeopatia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Luz Menescal. 2004.

ENTRALGO, P.L. **História de La Medicina**. Quito: JLF Salvat Editores, S. A. 1968.

ENTRALGO, P.L. **La Medicina Hipocrática**. 2ª edição (reimpressão). Madrid: Alianza Universidad. 1987.

FLEURY-TEIXEIRA, P. *et al.* Autonomia como categoria central no conceito de promoção de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 13, suppl.2, p. 2115-2122, dez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The Discovery of grounded theory: strategies for quatitative research**. New York: Aldine Publishing Company. 1967.

GUEST G.; BUNCE A.; JOHNSON L. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, v. 18, n. 1, p. 59-82, fev, 2006.

HAHNEMANN, S. **Doenças Crônicas**. Trad. 2 ed. alemã 1835. São Paulo: G.E.H Benoit Mure. 1984.

HAHNEMANN, S. **Escritos Menores**. R.E. Dudgeon. tradução de Freitas Bazílio. São Paulo: Editora Organon. 2006.

HAHNEMANN S. **Organon da arte de curar**. Trad. Da 6 ed. alemã de 1810 por VILLELA E. M., e SOARES I.C. Ribeirão Preto: Robe Editorial, IHFL. 1996.

HESÍODO. **Teogonia**. Tradução de Sueli Maria de Regino.. São Paulo: Editora Martin Claret. 2010.

HIPÓCRATES. **Aforismos**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983a, v. 1, p. 245-300.

HIPÓCRATES. **Enfermidades I**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1990, v. 6, p. 27-74.

HIPÓCRATES. **Epidemias I**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1989a, v. 5, p. 45-91.

HIPÓCRATES. **Epidemias VI**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1989b, v. 5, p. 211-250.

HIPÓCRATES. **Juramento**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983b, v. 1, p. 77-78.

HIPÓCRATES. **Preceptos**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983c, v. 1, p. 311-320.

HIPÓCRATES. **Sobre el alimento**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1997a, v. 3, p. 249-261.

HIPÓCRATES. **Sobre el dispensário médico**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1993, v. 7, p. 47-60.

HIPÓCRATES. **Sobre la ciência médica**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983d, v. 1, p. 109-122.

HIPÓCRATES. **Sobre la decencia**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983e, v. 1, p. 207-211.

HIPÓCRATES. **Sobre la dieta**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1997b, v. 3, p. 19-116.

HIPÓCRATES. **Sobre la Medicina Antigua**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983f, v. 1, p. 135-182.

HIPÓCRATES. **Sobre las afecciones**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1997c, v. 3, p. 140-151.

HIPÓCRATES. **Sobre las semanas**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 1983g, v. 8, p. 475-529.

HIPÓCRATES. **Sobre los humores**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 2008, v. 2, p. 99-117.

HIPÓCRATES. **Sobre los lugares em el hombre**. In: GUAL, Carlos Garcia (editor). *Tratados hipocráticos*. Madrid: Editorial Gredos, 2003, v. 8, p. 89-136.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Mendes MO. São Paulo: Editora Martin Claret. 2005a.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução Mendes MO. São Paulo: Editora Martin Claret. 2005b.

HOUAISS, A., VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. Disponível em:

<https://drive.google.com/open?id=1tFP81OEGBt64fA6bT-OauU3kEW70eIBB>. Acesso em 15/07/2019.

HUSSERL, E. **Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia**

Fenomenológica. São Paulo: Idéias & Letras, 2006. Disponível em:

<http://www.ruipaz.pro.br/fenomenologia/husserl.pdf>. Acesso em 15/07/2019.

JAEGER W.W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Parreira AM. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

KALRA G.; *et al.* Mental health promotion: Guidance and strategies. **Eur Psychiatry**, v. 27, n. 2, p. 81-86, fev, 2012.

KRUG E.G. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Organização Mundial de Saúde, Geneva, 2002.

LUZ, M.T. **A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2013. 454p.

LUZ M.T. **Natural, Racional, Social: razão médica e racionalidade científica moderna**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec. 2004.

MAUJEAN A.; *et al.* The capacity for health promotion survey. **General Hospital Psychiatry**, v. 36, n.6, p. 594-598, ago, 2014.

MELO, E.M.; *et al.* Ação comunicativa, democracia e saúde. **Ciênc. Saúde coletiva**, v. 10, suppl. qual, p. 167-178, falta mês, 2005.

MELO, E.M.; MELO, V.H. **Para Elas. Por Elas, Por Eles, Por Nós**. Belo Horizonte: Folium, 2016. Coleção Promoção de Saúde e Prevenção da Violência; v. 2.

MELO, E.M. **Podemos prevenir a violência – teorias e práticas**. Brasília: Editora Organização Pan-Americana da Saúde, 2010. 278p.

MELO, E.M.; *et al.* **Promoção de Saúde: Autonomia e Mudança**. Belo Horizonte: Folium, 2016. Coleção Promoção de Saúde e Prevenção da Violência; v. 1.

MELO, E.M.; *et al.* Promoção de Saúde como Práxis de Autonomia e de Mudança. In: MELO, E.M.; *et al.* **Promoção de Saúde: Autonomia e Mudança**. Belo Horizonte: Folium. 2016b. p. 3-16.

MELO, E.M.; *et al.* Promoção de Saúde, práxis de autonomia e prevenção da violência. **Saúde debate**, v. 42, n.spe. 4, p. 5-12, dez, 2018.

MELO E.M., MELO, V.H. Rede de Atenção e Ambulatório Para Elas. Práticas de Promoção de Saúde da Mulher em Situação de Violência e Vulnerabilidade. In: MELO E.M., MELO, V.H. **Para elas. Por elas, Por eles, Por nós**. Belo Horizonte: Folium. 2016a. p. 285-296.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação e pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-02, 2017a.

MINAYO, M.C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M.C.S. Cientificidade, generalização e divulgação de estudos qualitativos. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 16-17, 2017b.

MINAYO, M.C.S. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. Em: NJAINE, K. *et al* (org.). Impactos da violência na saúde. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2009.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14. Ed. São Paulo: Hucitec. 2015.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.

MINAYO, M.C.S. **Violência e saúde**. Temas em Saúde collection. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2006.

NAÇÕES UNIDAS BRASILEIRAS. **17 objetivos para transformar nosso mundo**. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015>. Acesso em: 22/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS)**. Nova Iorque, 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 10/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Alma-Ata**. Primeira conferência internacional sobre cuidados primários de saúde. Alma-ata, 1978. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/publications/policy-documents/declaration-of-alma-ata,-1978>. Acesso em: 10/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **United Nations Children's Fund**. Cuidados Primários de Saúde Alma- Ata. URSS: OMS, 1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Carta de Ottawa para a promoção da saúde**. Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde. Ottawa, 1986. Disponível em: <https://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en>. Acesso em: 10/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Adelaide sobre políticas públicas saudáveis**. Segunda conferência internacional sobre promoção da saúde. Adelaide, 1988. Disponível em: <https://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/adelaide/en>. Acesso em: 12/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Sundsvall sobre ambientes favoráveis à saúde**. Terceira conferência internacional sobre promoção da saúde. Sundsvall, 1991. Disponível em: <https://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/sundsvall/en>. Acesso em: 12/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Jacarta sobre promoção da saúde no século XXI**. Quarta conferência internacional sobre promoção da saúde. Jacarta, 1997. Disponível em:

<https://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/jakarta/declaration/en>.

Acesso em: 13/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração do México sobre promoção da saúde rumo a maior equidade.** Quinta conferência internacional sobre promoção da saúde. Cidade do México, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/mexico/statement/en>.

Acesso em: 18/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **World report on violence and health.** Global Conferences Geneva: WHO, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Bankock sobre promoção da saúde num mundo globalizado.** Sexta conferência internacional sobre promoção da saúde. Bancoque, 2005. Disponível em: https://www.who.int/healthpromotion/conferences/6gchp/bangkok_charter/en. Acesso em: 18/06/2019.

Acesso em: 18/06/2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Declaração de Helsinque sobre Saúde em Todas as Políticas.** Oitava conferência internacional sobre promoção da saúde. Helsínque, 2013. Disponível em: <http://dssbr.org/site/wp-content/uploads/2013/09/8%C2%AA-Confer%C3%AAncia-Internacional-de-Promo%C3%A7%C3%A3o-da-Sa%C3%BAde.pdf>. Acesso em: 22/06/2019.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION (PAHO). **Ottawa Charter for Health Promotion.** International Conference on Health Promotion, 1. Pan American Health Organization; 21 nov.1986. Disponível em:

<http://iris.paho.org/xmlui/handle/123456789/45793>. Acesso em 06/05/2019.

PLATÃO. **Cármides.** In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2011, v. VI, p. 139-180.

PLATÃO. **Crítias.** In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2010a, v. V, p. 265-287.

PLATÃO. **Fedro.** In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2008a, v. III, p. 31-110.

PLATÃO. **Fédon.** In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2008b, v. III, p. 187-278.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução Maria T. N. Schiappa de Azevedo. Brasília: Editora UNB/Imprensa Oficial, 2000.

PLATÃO. **Filebo**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2009a, v. IV, p. 181-272.

PLATÃO. **Górgias**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2007, v. II, p. 41-168.

PLATÃO. **Mênnon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Trad. Maura Iglesias. São Paulo: Loyola. 2001.

PLATÃO. **Mênnon**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2010b, v. V, p. 109-160.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de Sampaio Marinho. 2ª edição. Mem Martins: Publicações Europa América. 1986a.

PLATÃO. **O Banquete**. 5ª ed. Trad. Souza JC. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1991.

PLATÃO. **O Banquete**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2010c, v. V, p. 33-107.

PLATÃO. **Parmênides**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2009b, v. IV, p. 31-85.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução Eleazer Magalhães Teixeira. Fortaleza: edições UFC. 1986b.

PLATÃO. **Protágoras**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2003a, v. I, p. 249-320.

PLATÃO. **Sofista**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2003b, v. I, p. 157-248.

PLATÃO. **Teeteto**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2003c, v. I, p. 41-156.

PLATÃO. **Teeteto**. 3ª edição. Tradução Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Gulbenkian. 2005.

PLATÃO. **Timeu**. In: Bini, E (editor). Diálogos de Platão. São Paulo: Edipro. 2010d, v. V, p. 161-264.

RABELLO, L.S. **Promoção da saúde, a construção social de um conceito em perspectiva comparada.** Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2010.

REALE G. **História da Filosofia Antiga.** Vol I, II, III. 3ª ed. Tradução Perine M. São Paulo: Edições Loyola. 1993.

RUTTEN A, GELIUS P. The interplay of structure and agency in health promotion: integrating a concept of structural change and the policy dimension into a multi-level model and applying it to health promotion principles and practice. **Social Science & Medicine**, v. 73, n. 7, p. 953-959, out, 2011.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Revista Saúde Pública**, v. 40, n.spe, p. 112-120, 2006.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. **Revista Saúde Pública**, v. 31, n. 5, p. 538-542, 1997.

TEIXEIRA, M.Z. Panorama mundial da educação médica em terapêuticas não convencionais (homeopatia e acupuntura). **Revista de Homeopatia**, v. 80, n. 1/2, p. 18-39, jun, 2017.

TORRINHA, F. **Dicionário Latino Português.** Porto: Gráficos Reunidos Ltda. 1986.

UBALDI, P. **Deus e Universo.** 3a ed. Campos dos Goytacazes: FUNDÁPU. 1987.

UBALDI, P. **Queda e salvação.** 3a ed. Instituto Pedro Ubaldi. 2001.

WATTLES, J. **The Golden Rule.** New York: Oxford University Press. 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Declaration of Alma-Ata.**

International Conference on Primary Health Care, Alma-Ata, USSR, 6-12 September 1978. Disponível em:

https://www.paho.org/hq/index.php?option=com_content&view=article&id=13774:declaration-of-alma-ata&Itemid=2080&lang=es. Acesso em 06/05/2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2014a). **Global status report on violence prevention 2014.** World Health Organization. Disponível em:

<http://www.who.int/iris/handle/10665/145086>. Acesso em 06/05/2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2014b). **Injuries and violence: the facts 2014.** Disponível em:

https://www.who.int/violence_injury_prevention/media/news/2015/Injury_violence_facts_2014/en/. Acesso em 06/05/2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Milestones in Health Promotion Statements**. Global Conferences Geneva: WHO, 2009.

ZIONI, F.; WESTPHAL, M.F. O enfoque dos determinantes sociais de saúde sob o ponto de vista da teoria social. **Saude soc**, v. 16, n. 3, p. 26-34, dez, 2007.

APÊNDICES**APÊNDICE A - Aprovação do Comitê de Ética em pesquisa com seres Humanos da UFMG**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP**

Projeto: CAAE – 14187513.0.0000.5149

**Interessado(a): Profa. Simone Mendes Carvalho
Departamento de Enfermagem Materno Infantil e
Saúde Pública
Escola de Enfermagem- UFMG**

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 05 de junho de 2013, o projeto de pesquisa intitulado **"Acolhimento qualificado da mulher em situação de violência"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.



**Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG**

Av. Prof. Antonio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 - Cep: 31270-901 - BPO-UFMG
Telefôn: (031) 3409-4592 - e-mail: coep@pqg.ufmg.br

APÊNDICE B - Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE)

N.º Registro CEP: CAAE: _____

Título do Projeto: Reconhecimento da Memória de Própria Experiência do Princípio de Semelhança na Promoção de Saúde de Mulheres em Situação de Violência e Vulnerabilidade.

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulada reconhecimento do princípio de semelhança por memória de própria experiência na roda de conversas de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade; conduzida pelo pesquisador Antônio Carlos Gonçalves da Cruz.

Este estudo tem por objetivo Reconhecer o Princípio Homeopático de Semelhança por Memória de Própria Experiência em rodas de conversas do ambulatório do “Para Elas” no Instituto Jenny Faria/Hospital das Clínicas da UFMG.

Você foi selecionada por fazer parte da roda de conversas de mulheres em situação de violência vulnerabilidade do ambulatório do “Para Elas” no Instituto Jenny Faria/Hospital das Clínicas da UFMG.

Sua participação não é obrigatória e não acarretará custos. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará nenhum prejuízo para você. Toda pesquisa em seres humanos envolve algum tipo de risco ou desconforto. No caso específico, destaca-se o incômodo pelo tempo tomado para entrevista e/ou eventual constrangimento por alguma recordação. Os benefícios são bastante expressivos na elucidação da sua vivência e estudo das possibilidades da manifestação do princípio de semelhança em diversas circunstâncias.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder de forma sigilosa e responsável uma entrevista com roteiro semiestruturado sobre sua participação na roda de sujeitos em situação de violência do ambulatório Para Elas. A entrevista será gravada e transcrita na íntegra.

Os dados obtidos por meio desta entrevista serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Os pesquisadores

responsáveis se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos as informações concedidas e resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação dos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa.

Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o estudo e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Antônio Carlos Gonçalves da Cruz. Tel: 33329417. E-mail: imh@imh.com.br.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa COEP: Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Declaro que li e entendi as informações precedentes. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este TCLE está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar nesta pesquisa, até que eu decida o contrário. Receberei uma cópia assinada deste consentimento.

Belo Horizonte, ____ de _____ de ____.

Assinatura da participante:

Nome completo: _____

Assinatura do pesquisador

Nome completo:

ANEXO 1 - Roteiro Flexível para Entrevistas em Profundidade

PERGUNTA INICIAL: Qual sua opinião sobre a roda?

SE NECESSARIO PERGUNTAR:

Observou mudanças em você?

Observou mudanças nos outros?

Já deu depoimento na roda?

O que observa nos depoimentos?

Porque algumas pessoas não dão seu depoimento?

O que pode melhorar na roda?

Como vislumbra seu futuro?